

GEOGRAFIA DOS ROUBOS DE VEÍCULOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

**Análise das ocorrências registradas pela Polícia
Civil e das denúncias feitas ao Disque-
Denúncia no período 2002-2005**

Leonarda Musumeci
Greice Conceição

Relatório final da pesquisa-piloto realizada no âmbito Projeto de Recuperação
de Informações de Segurança, Monitoramento e Análise (Prisma).

Agosto de 2007



Sumário

INTRODUÇÃO	3
CONTEÚDO DO RELATÓRIO	9
AGRADECIMENTOS	9
1. ROUBO DE VEÍCULOS: PANORAMA FLUMINENSE E CARIOCA	11
2. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS OCORRÊNCIAS E DENÚNCIAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	19
2.1. GRANDES ÁREAS DA CIDADE	20
2.2. CIRCUNSCRIÇÕES POLICIAIS	21
2.3. BAIRROS	22
a) <i>Maiores incidências</i>	23
b) <i>Menores incidências</i>	25
c) <i>Dentro dos bairros</i>	28
2.4. RUAS E TRECHOS DE RUAS	28
2.5. DESDOBRAMENTOS.....	38
3. DISTRIBUIÇÃO TEMPORAL DAS OCORRÊNCIAS.....	40
4. PERFIS DE VÍTIMAS E AUTORES	42
5. “VOZES DA CIDADE”: CONTEÚDO DAS DENÚNCIAS	47
5.1. “PIORES” BAIRROS.....	49
5.2. “MELHORES” BAIRROS	57
5.3. DESDOBRAMENTOS.....	60
6. ALGUMAS RECOMENDAÇÕES PARA MAIOR APROVEITAMENTO DAS BASES DE DADOS .	61
6.1. DISQUE-DENÚNCIA.....	61
6.2. BASE ISP/POLÍCIA CIVIL	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68
ANEXOS	70
ANEXO 1 – GRANDES ÁREAS, ÁREAS INTEGRADAS DE SEGURANÇA PÚBLICA (AISPS), DELEGACIAS DISTRITAIS E BAIRROS ABRANGIDOS (MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO - RECORTES ESPACIAIS VIGENTES EM 2005)	70
ANEXO 2 – RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÕES ESPACIAIS NAS DUAS BASES DE DADOS (2002/2005)	71

Geografia dos roubos de veículos na cidade do Rio de Janeiro

Análise das ocorrências registradas pela Polícia Civil e das denúncias feitas ao Disque-Denúncia no período 2002-2005

Leonarda Musumeci*
Greice Conceição**

Introdução

A pesquisa-piloto cujos resultados apresentamos aqui foi realizada no âmbito do *Prisma* – Projeto de Recuperação de Informações de Segurança, Monitoramento e Análise –, apoiado pela Finep e desenvolvido em parceria entre a Fundação José Bonifácio, o Instituto de Economia da UFRJ e o Instituto Mov-Rio, mantenedor da Central Disque-Denúncia. Seus objetivos eram, ao mesmo tempo, ilustrar as potencialidades da base de dados do Disque-Denúncia para o conhecimento dos problemas de segurança pública no Rio de Janeiro e apontar limitações e deficiências no sistema de recuperação de informações quantitativas dessa base de dados que pudessem ser superadas com aperfeiçoamentos dos *softwares* e métodos utilizados para alimentar e extrair as informações.

Como parte do seu funcionamento rotineiro, o Disque-Denúncia (DD) produz relatórios quantitativos periódicos sobre o volume, o conteúdo e a distribuição das comunicações recebidas, bem como relatórios qualitativos confidenciais sobre certos tipos de crimes, destinados a subsidiar as investigações da polícia com informações detalhadas provenientes das denúncias anônimas. Entretanto, essa estrutura interna de geração de dados e análise tem sido pouco apoiada e complementada pela pesquisa acadêmica, que ainda não se debruçou sistematicamente sobre o manancial de informações que a Central acumula desde que foi criada, em 1995. Embora a instituição em si venha sendo objeto de estudos recentes,¹ sua base de dados permanece praticamente inexplorada como fonte de conhecimento para os estudiosos da segurança pública no Rio de Janeiro.

Além de investimentos na infraestrutura e na segurança do sistema de coleta, armazenamento e recuperação de dados do Disque-Denúncia, o *Prisma* visou, justamente, aumentar a operacionalidade desse sistema objetivando a ampliação e diversificação dos “produtos” possíveis a partir dos dados armazenados, não só no sentido de aperfeiçoar os relatórios rotineiros da instituição, mas também de atender a outras demandas, abrindo novas

* Professora do Instituto de Economia da UFRJ e pesquisadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes (CESeC-Ucam).

** Estatística do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes (CESeC-Ucam).

¹ Vejam-se os trabalhos de CARUSO (2003), BRITTO (2005), RUEDIGER (2005) e MORAES (2006).

possibilidades de pesquisa e análise a partir da base de informações oriundas das denúncias anônimas – que em março de 2007 já haviam ultrapassado a cifra de um milhão (cf. Disque-Denúncia-RJ, 2007).

Este estudo-piloto focaliza especificamente os roubos de veículos automotores no Rio de Janeiro, no período 2002-2005, e combina a análise da base de denúncias do DD com a dos registros de ocorrência da Polícia Civil, organizada pelo Instituto de Segurança Pública do Estado (ISP-RJ). A escolha desse tipo de delito se deveu, primeiro, à sua importância numérica tanto no universo das denúncias como no de registros policiais. Segundo, ao fato de ser um crime violento que afeta a segurança objetiva e subjetiva de boa parte da população, mesmo da que não possui automóvel particular. Terceiro, ao fato de apoiar-se em redes criminosas bastante complexas, que envolvem, entre outras coisas, esquemas de receptação e desmanche, revenda de carros e peças, empresas de fachada (ferros-velhos, oficinas), falsificação de documentos, tráfico de armas e corrupção policial – o que permitia verificar a riqueza de informações dos relatos feitos ao Disque-Denúncia e sua relevância para a investigação dessas diversas atividades de apoio ou conexas aos roubos. Finalmente, levou-se em conta que roubo e furto de veículos são delitos com altas taxas de notificação à polícia, o que torna as estatísticas policiais especialmente realistas nesses casos, coisa que não ocorre com outros tipos de crimes violentos pouco notificadas pela população, como roubos a transeunte e em transporte coletivo, extorsões ou agressões físicas e sexuais. Com isso, podia-se dispor de uma referência segura para verificar, por exemplo, se a distribuição espacial das denúncias seguia a distribuição dos casos ocorridos, ou se elas estavam sobre-representadas em certas regiões da cidade.

Embora dispuséssemos de dados das duas bases para todo o estado do Rio de Janeiro, optamos por centralizar a pesquisa-piloto na capital, que, desde 1995, concentra cerca de 70% das ocorrências policiais e igual parcela das denúncias relacionadas a roubos de veículos recebidas pelo Disque-Denúncia. Já o período em análise – 2002 a 2005 – foi delimitado sobretudo por razões técnicas e de tempo: o ano de 2002 é o primeiro em que se podem articular os campos fechados e abertos das denúncias, pois antes disso as informações eram armazenadas em linguagens diversas, não associáveis pelo *software* atual. Por sua vez, o corte superior em 2005 decorreu do fato de a base de dados do ISP ter sido solicitada no início de 2006 e disponibilizada em meados desse ano, quando só havia informações anuais completas até 2005. O imenso tempo gasto para avaliar a qualidade das informações e para corrigir numerosos erros identificados – num banco de dados composto originalmente por mais de 130 mil ocorrências de roubos de veículos – tornou inviável incluir estatísticas de 2006, que precisariam ser novamente solicitadas, aguardadas, criticadas e corrigidas. Pela mesma razão,

acabamos tendo de deixar de lado dois tipos de informações muito importantes: instrumento do crime e marca/modelo/ano de fabricação dos veículos roubados. Os campos dos registros de ocorrência relativos a essas informações não foram incluídos na base enviada inicialmente pelo ISP e nossa solicitação posterior para que fossem acrescentados não foi atendida até o término da pesquisa.

A demora em obter e sobretudo o trabalho de organizar e corrigir a base do ISP – recebida quase em “estado bruto” – foram certamente as principais dificuldades para a realização do presente estudo, que exigiram inclusive o adiamento do prazo de conclusão do projeto. O problema maior para o uso dessas informações, não só sobre roubos de veículos, mas sobre os demais tipos de crimes registrados pela polícia, é a má qualidade de preenchimento dos boletins nas delegacias, mesmo naquelas já informatizadas há longo tempo. Faltam, por exemplo, dados básicos sobre perfil das vítimas, que, ao contrário dos dados sobre agressores, são facilmente acessíveis aos policiais no momento do registro, e há um número elevado de erros e inconsistências nas poucas informações anotadas (médicos com primeiro grau incompleto, motociclistas com 5 anos de idade, pessoas nascidas em 1800 e assim por diante). Como se verá na 4ª seção deste relatório, a maior parte das variáveis de perfil das vítimas (idade, raça/cor, profissão e escolaridade) apresentam taxas tão elevadas de “missing” (dados faltantes ou incongruentes) que em alguns casos tornam inaproveitável a informação.

Menos freqüentes mas também muito presentes nessa base são lacunas, ambigüidades e equívocos nos dados de localização dos crimes: ausência de informações sobre rua e/ou bairro; abreviações não padronizadas de tipos de logradouro (avenida, praça, rua, travessa...); uso de várias grafias diferentes para os mesmos bairros ou ruas; erros geográficos, como logradouros que não correspondem aos bairros, ou de digitação, como nomes de bairros digitados nos campos de ruas ou vice-versa; confusão do bairro da ocorrência com o bairro-sede da circunscrição policial, e assim por diante. Tais problemas dificultam enormemente a recuperação estatística das informações, exigem muito trabalho de crítica dos dados, com varredura “braçal”, um a um, dos registros problemáticos, e acarretam considerável perda de informações. A comparação com a base do Disque-Denúncia, que, sob esse aspecto, é de qualidade muito superior, pois adota abreviaturas padronizadas para logradouros e ruas, lista fechada para nomes de bairros e trabalha acoplada à base de Códigos de Endereçamento Postal (CEPs) dos Correios, nos levou a formular sugestões para o *software* de preenchimento dos boletins policiais, na 6ª parte do relatório, destinadas não só a reduzir os índices de *missing*, como a diminuir o tempo necessário à crítica e correção dos dados espaciais.

Por outro lado, embora de manuseio infinitamente mais fácil, não só pelo menor número de registros, mas também pela melhor qualidade da alimentação, a base do Disque-Denúncia ainda apresenta algumas dificuldades para a análise quantitativa, entre elas o fato de não se poder distinguir, nos campos fechados das denúncias, quem são os “envolvidos” nos fatos relatados (se apenas agressores, ou também vítimas, testemunhas, policiais etc.), o que torna pouco utilizáveis os dados sobre perfil. Outra lacuna diz respeito à localização temporal da ocorrência: nos campos fechados, automaticamente quantificáveis, constam apenas o dia e horário em que foi feita a denúncia, não a data e hora em que o(a) denunciante sofreu ou presenciou o crime narrado, informações também só recuperáveis, eventualmente, pela leitura dos campos discursivos das denúncias.

Uma diferença importante entre as duas bases de dados reside no fato de que as classificações policiais de crimes se ancoram no Código Penal e tendem a ser mais precisas em certos aspectos, como na clara distinção entre *roubo* (artigo 157) e *furto* (artigo 155), categorias freqüentemente confundidos na linguagem comum, em que *roubo* aparece como designação genérica para subtração criminosa de bens, com ou sem violência, e *assalto* é o termo mais usado para indicar uso da força ou ameaça. Apesar do esforço feito em anos recentes pelo Disque-Denúncia no sentido de aproximar suas categorias classificatórias das empregadas pelas polícias (cf. Moraes, 2006, pp. 58-73), a própria natureza das informações acolhidas por esse serviço não se presta a recortes e enquadramentos tão rígidos quanto num boletim policial – que, entre outras coisas, é um instrumento cartorário, ponto de partida de um possível inquérito e talvez de um processo penal. Assim, ainda que a maior parte dos casos filtrados por este estudo dissesse respeito a *roubo* (subtração violenta) de veículos, quer como assunto principal ou secundário das denúncias, passaram pelo filtro algumas comunicações referidas exclusivamente a *furto* (subtração sem violência), conforme constatamos na leitura amostral das narrativas abertas.

É fundamental sublinhar, além disso, que as denúncias anônimas não relatam necessariamente, ou não apenas, casos em que alguém – o(a) próprio(a) denunciante ou outra pessoa – teve seu veículo subtraído. Boa parte dos relatos traz, ou traz também, informações sobre endereços de oficinas de receptação e desmanche; circulação de pessoas em veículos roubados/furtados; depósitos de carros abandonados; paradeiro de assaltantes; planejamento de “bondes” e “arrastões”. Várias narrativas contêm ainda descrições físicas e/ou detalhes sobre o *modus operandi* dos agressores.

Longe de ser uma limitação, este é o diferencial positivo da base de denúncias em relação ao universo dos registros de ocorrência policiais. Tanto pelo seu caráter anônimo quanto por, muitas vezes, veicularem informações bem mais abrangentes que a mera

comunicação de um veículo subtraído, é que os relatos feitos ao Disque-Denúncia se constituem numa fonte rica de conhecimento para a investigação policial e também para a pesquisa acadêmica. Por tais motivos, selecionamos como foco do estudo-piloto não só as denúncias em que roubo de veículo aparecia como *assunto principal*, mas também aquelas em que figurava como *assunto relacionado*, de modo a captar essa riqueza de informações sobre o que se passa no entorno, ou a montante e a jusante, do tipo de crime analisado. Na verdade, portanto, o universo de relatos extraídos da base de dados do Disque-Denúncia para esta pesquisa seria melhor descrito como conjunto de *denúncias sobre fatos relacionados, direta ou indiretamente, a roubo de veículos*.

Da base de ocorrências policiais, considerando apenas os anos de 2002 a 2005 para garantir comparabilidade com as informações do DD, iniciamos com um universo de 133.501 registros de roubo de veículos em todo o estado do Rio, englobando aí também os roubos de motocicletas e os de veículos com carga. Esse número é ligeiramente inferior ao total consolidado e divulgado pelo ISP para o mesmo período – 134.103 ocorrências –, que provavelmente inclui aditamentos (acréscimos e retificações feitos pelas próprias delegacias) e outros tipos de correções internas dos dados (cf. ISP-RJ, 2007). Restringindo o foco à cidade do Rio de Janeiro e realizada a crítica adicional das informações, ficamos com um conjunto de 96.408 registros válidos, um pouco menos que o total divulgado pelo ISP para o mesmo período: 96.977 ocorrências. O que não significa que *todos* os campos de *todos* os registros tenham sido aproveitados: como não foi possível recuperar o conteúdo de vários deles, há alguma oscilação nos totais das tabelas construídas a partir de variáveis diversas.

Da base do Disque-Denúncia, resultaram, no período considerado, 17.022 relatos para o estado como um todo e 12.156 para a cidade do Rio de Janeiro, em que roubo de veículos (incluindo moto e veículos com carga) aparecia nas denúncias como assunto *principal* ou *relacionado*. Como já dito, as principais lacunas encontradas nessa base foram relativas ao perfil das pessoas envolvidas – não por falta de informações, mas por ausência de marcadores que permitissem associar as variáveis de perfil registradas nos campos fechados a cada um dos tipos de personagens mencionados no campo aberto – e à distribuição temporal dos fatos relatados nas denúncias. Em compensação, como também já dito, trata-se de uma base bem construída e alimentada no tocante às informações espaciais (embora ainda demande alguns aperfeiçoamentos), que se presta bem à elaboração de uma geografia dos roubos de veículos e atividades correlatas na cidade do Rio de Janeiro, desde que se levem em conta,

evidentemente, as peculiaridades de um material composto por relatos anônimos da população.²

O estudo se concentrou na *distribuição espacial* das ocorrências e das denúncias no interior da cidade, não só porque era o item de maior comparabilidade entre as duas bases, mas pela possibilidade de utilizar um alto grau de desagregação espacial (bairros, ruas, trechos de ruas) e aprofundar o conhecimento da geografia dos crimes violentos contra o patrimônio no Rio de Janeiro, normalmente limitada à distribuição dos delitos por AISP (Áreas Integradas de Segurança Pública) ou por circunscrições de delegacias policiais (cf. MORAIS, 2006; MUSUMECI, SILVA e CONCEIÇÃO, 2006). Além disso, o parâmetro geográfico foi usado para testar o nível de congruência das duas bases, que se revelaram surpreendentemente convergentes, e a capacidade de uma complementar a outra com informações de naturezas distintas. Nesse sentido, a comparação entre dois universos heterogêneos de informações (roubos registrados e narrativas de fatos relacionados a roubo) não constitui um problema para a pesquisa, mas sim o seu principal interesse. Na impossibilidade de examinar todos os relatos abertos das denúncias, a constatação de uma grande convergência espacial entre as duas bases permitiu fazer uma seleção amostral desses relatos para os bairros com maiores números de denúncias e uma leitura completa dos relatos sobre os bairros com menos denúncias, ancorando a análise qualitativa nos resultados da quantitativa.

É importante sublinhar, contudo, que a pesquisa realizada teve apenas caráter exploratório e seus resultados, aqui expostos, são muito mais indicativos que conclusivos. Não se pretendeu gerar subsídios diretos para a formulação de políticas de redução dos roubos de veículos no Rio de Janeiro, nem esgotar a investigação analítica das duas bases de dados, mas sim, principalmente, ilustrar a relevância do trabalho com informações desagregadas e fontes diversas para aprofundar o conhecimento dos sérios problemas de segurança na cidade e no estado. Além disso, como já foi referido mais acima, pretendia-se identificar as principais dificuldades ainda existentes no sistema de recuperação de dados do Disque-Denúncia e

² Além de o sistema de recepção estar sujeito a trotes, a denúncias falsas e ao chamado “disque-vingança” (uso da denúncia anônima para incriminar desafetos), há que considerar, como sublinha Luciane Moraes, a existência de uma filtragem básica do universo de possíveis denunciante: “Em primeiro lugar, a Central Disque-Denúncia é um serviço de atendimento telefônico, quer dizer, a pessoa que por algum motivo se interessar em contatar o serviço precisará de um telefone (fixo ou móvel, pessoal ou público), o que já produz um certo filtro no público que o aciona. Outro aspecto é o fato da ligação ser paga. Quem liga para o Disque-Denúncia (2253-1177) não está fazendo uma ligação gratuita, não se trata de um 0800, e o serviço, por sua vez, não acata ligações a cobrar, gerando um segundo filtro no recebimento de chamadas” (Moraes, 2006, p. 97). Novos “filtros” – não mais dos denunciante e sim das informações – são aqueles que incidem na transformação, realizada pelos atendente do Disque-Denúncia, do “evento” narrado espontaneamente em “relato” útil para a investigação criminal (*idem*, pp. 92-112).

sugerir melhorias destinadas a ampliar as possibilidades de uso analítico dessas informações – objetivo que acabou se estendendo parcialmente também à base de registros policiais do ISP. Deixou-se, assim, para possíveis desdobramentos futuros desta pesquisa-piloto a aplicação de métodos estatísticos mais complexos ao material quantitativo de denúncias e registros, e também a análise qualitativa detalhada dos campos abertos (narrativos) das denúncias. Tais desdobramentos estão apenas indicados no decorrer do trabalho.

Conteúdo do relatório

A primeira seção, a seguir, apresenta dados gerais sobre roubos de veículos com o objetivo de dimensionar a gravidade do problema no estado do Rio e sobretudo na sua capital, ao longo da última década. A segunda parte analisa a geografia das ocorrências e das denúncias relativas a roubos de veículos na cidade do Rio de Janeiro, utilizando cinco níveis de desagregação: por grandes áreas, por circunscrições de delegacias policiais, por bairros, por ruas e por trechos de ruas. Na terceira e na quarta partes, são mostradas as informações, disponíveis apenas na base do ISP, sobre, respectivamente, distribuição temporal das ocorrências e perfil de vítimas e autores. A quinta seção, por sua vez, destaca alguns elementos importantes dos campos discursivos das denúncias ao DD, indicando caminhos para se aprofundar a análise qualitativa desses relatos. Finalmente, a sexta parte traz um resumo da crítica técnica feita às duas bases de dados e algumas recomendações para aperfeiçoar, em ambas, os sistemas de alimentação e de recuperação de dados quantitativos.

Agradecimentos

O desenvolvimento desta pesquisa-piloto e a elaboração do presente relatório contaram com a assessoria de Silvia Ramos, coordenadora de área do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes e especialista seja na coordenação de estudos quanti-qualitativos, seja em temas concernentes à relação Estado/sociedade civil na formulação de políticas públicas.

O trabalho contou também com a colaboração imprescindível dos responsáveis pelo setor de estatística do Disque-Denúncia – David Santos e especialmente Paulo Roberto Alves de Souza Filho –, que nos ajudaram a entender o funcionamento dos *softwares* de alimentação e recuperação de dados utilizados pela Central e extrair deles as informações necessárias para a pesquisa. Ao ISP agradecemos a cessão, embora demorada e incompleta, do banco de dados de ocorrências policiais, normalmente de acesso muito difícil para os pesquisadores do Rio de

Janeiro. Não se podem deixar de registrar, nesse sentido, alguns sinais recentes de mudança da política de não-transparência da informação que tem vigorado no setor de segurança do estado. A Renato Dirk, especificamente, agradecemos os esclarecimentos sobre critérios e categorias empregados no banco de dados do ISP.

Aos professores João Sabóia e João Bosco Machado, respectivamente diretor-geral e diretor administrativo adjunto do Instituto de Economia da UFRJ, agradecemos o apoio institucional à realização do Projeto Prisma e, particularmente, desta pesquisa-piloto. Um agradecimento também à professora Maria Helena Lacort, da Fundação José Bonifácio, pela sua infinita paciência e boa vontade na administração da parceria entre as três instituições. A Jorge Luiz Pereira Santos e a Francinez Souza Reis, também da FUJB, pelo esclarecimento de dúvidas administrativas e financeiras surgidas ao longo da execução do projeto. À Finep – Financiadora de Estudos e Projetos – pela cessão dos recursos que possibilitaram o desenvolvimento do *Prisma*.

1. Roubo de veículos: panorama fluminense e carioca

A magnitude do problema de segurança representado pelos roubos de veículos no Rio de Janeiro pode ser aquilatada de duas formas: (a) pelo peso desse tipo de crime no total de comunicações feitas ao Disque-Denúncia e pelos seus impactos na segurança da população como um todo, mesmo daquela que não possui ou dirige automóvel; (b) pela dimensão e evolução das taxas de roubo de veículos no estado e na cidade ao longo dos últimos anos, baseadas nas estatísticas policiais e ponderadas seja pela frota de automotores, seja pela população residente.

a) Apesar de só 1/3 dos cariocas possuir automóvel particular,³ a enorme frequência com que ocorrem roubos de veículos na cidade afeta fortemente as condições objetivas e subjetivas de segurança de amplos segmentos da população, não apenas da sua elite econômica. Como veremos e ao contrário do que se poderia pensar, esses delitos acontecem mais amiúde em zonas pobres ou periféricas, não nas áreas mais ricas da cidade, ainda que muitas vítimas possam residir longe dos locais onde sofrem o crime. São delitos visíveis a olho nu, que expõem quem mora ou transita na área ao testemunho cotidiano de assaltos, “bondes”, “arrastões” e “falsas blitzes”; ao risco de que os roubos resultem em tiroteios e balas perdidas; a outros delitos violentos muitas vezes praticados nos mesmos locais pelos mesmos grupos, como roubos a transeuntes e em coletivos; à convivência com notórios assaltantes e com redes criminosas que operam às claras, envolvendo receptação, desmanche, revenda de veículos e peças (“robautos”), falsificação de documentos, tráfico de armas e corrupção policial.

Áreas geralmente já deterioradas pela ausência de serviços urbanos essenciais sofrem uma degradação adicional quando se tornam pontos de encontro de quadrilhas ou depósitos a céu aberto de automóveis roubados/furtados e abandonados – o que mais dificilmente ocorre em ruas ou bairros ditos “nobres” da cidade. Mesmo no interior de favelas, onde parece ser raro o roubo de veículos, os moradores são afetados pelos altíssimos índices desse crime no “asfalto”, já que têm de conviver com os assaltantes e com atividades conexas aos roubos, como o depósito e o desmonte dos veículos subtraídos, além de às vezes testemunharem o planejamento de “bondes” e “arrastões” nas ruas da cidade, como revelam alguns dos relatos encaminhados ao Disque-Denúncia.

³ Segundo pesquisa de vitimização realizada pelo Nupevi (Núcleo de Pesquisa das Violências), da UERJ, 63% dos moradores da cidade não possuíam carro particular em 2005/2006. De acordo com o Denatran, em dezembro de 2005, o estado do Rio como um todo tinha aproximadamente 3,5 milhões de condutores (incluindo amadores e profissionais), o que equivalia a cerca de 33% da população fluminense com mais de 18 anos de idade (cf. <http://www.infoseg.gov.br/re aest>). Não há dados sobre números de condutores especificamente no município do Rio de Janeiro).

Não por acaso os roubos e furtos de veículos são o segundo tema mais focalizado nas denúncias ao DD, perdendo apenas para o tráfico de drogas e constituindo assunto principal de 8% de todos os relatos feitos a esse órgão desde a sua criação em 1995 até dezembro de 2006 (tabela 1):⁴

Tabela 1
**Comunicações feitas ao Disque-Denúncia-RJ,
segundo temas abordados – 1995/2006**

	Número	%
Tráfico de drogas	345.747	32,8
Roubo e furto de veículos	84.513	8,0
Extorsão/corrupção	45.823	4,3
Crimes contra crianças	38.475	3,7
Estelionato	37.131	3,5
Perturbação da ordem pública	24.265	2,3
Crimes contra a administração pública	23.305	2,2
Homicídio consumado	21.330	2,0
Grupo de extermínio	21.496	2,0
Roubo a transeunte	20.638	2,0
Crimes contra a saúde pública	14.553	1,4
Armas de fogo e explosivos	10.259	1,0
Crimes contra a pessoa (exceto homicídio)	14.540	1,4
Defesa do cidadão	14.650	1,4
Crimes contra o meio ambiente	10.416	1,0
Violência contra idosos	8.607	0,8
Outros temas	318.178	30,2
Total	1.053.926	100,0

Fonte: Disque-Denúncia RJ (2007)
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Na mesma proporção que os registros policiais, mais de 70% das denúncias de fatos relacionados direta ou indiretamente a roubo de veículo durante o período focalizado pela pesquisa se concentram no município do Rio de Janeiro; melhor dizendo, as localidades de ocorrência dos fatos que as denúncias mencionam situam-se na capital em 71,4% dos casos, ainda que alguns denunciante possam residir em outros municípios, ou ter feito ligações de fora da cidade do Rio (tabela 2).

Tabela 2
**Denúncia de fatos relacionados a roubo
de veículo feitas ao Disque-Denúncia,
por local de ocorrência – 2002/2005**

	Nº	%
Cidade do Rio de Janeiro	12.156	71,4
Baixada Fluminense	3.525	20,7
Niterói e São Gonçalo	958	5,6
Interior do estado	383	2,3
Total	17.022	100,0

Fonte: Disque-Denúncia RJ
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

⁴ As estatísticas gerais do Disque-Denúncia até 2002 não discriminam furto e roubo de veículos; só em anos mais recentes é que é possível fazer essa distinção.

b) A percepção popular da gravidade do problema, expressa no volume de relatos feitos ao Disque-Denúncia, é amplamente respaldada pelas estatísticas policiais referentes a roubos de veículos automotores na cidade e no estado Rio de Janeiro. Em um *ranking* de 17 Unidades da Federação, baseado em números da Senasp (Secretaria Nacional de Segurança Pública), da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e do Denatran, o estado do Rio aparece disparado em primeiro lugar, com uma taxa de 105,2 roubos para cada 10 mil veículos (ou cerca de 97 roubos por 10 mil motoristas) no ano de 2005, seguido de Pernambuco, com 65 por 10 mil veículos (ou 69 por 10 mil condutores), como mostra a tabela 3.

Tabela 3
Roubos de veículos registrados pela polícia: taxa por 10 mil veículos e por 10 mil condutores em 17 Unidades da Federação – 2005

Unidade da Federação	Roubos de veículos	Frota de veículos*	Número de condutores**	Taxa de roubos por 10 mil veículos	Taxa de roubos por 10 mil condutores
Rio de Janeiro	33.512	3.186.100	3.473.120	105,2	96,5
Pernambuco	6.848	1.053.828	996.461	65,0	68,7
São Paulo	75.332	14.176.475	12.919.792	53,1	58,3
Rio Grande do Sul	12.213	3.469.240	2.996.996	35,2	40,8
Bahia	4.177	1.292.025	1.219.997	32,3	34,2
Alagoas	828	256.931	250.132	32,2	33,1
Rondônia	807	296.763	262.683	27,2	30,7
Paraná	6.433	3.488.343	2.802.298	18,4	23,0
Rio Grande do Norte	781	408.867	371.765	19,1	21,0
Mato Grosso	987	674.792	576.408	14,6	17,1
Distrito Federal	1.523	826.302	917.980	18,4	16,6
Sergipe	337	248.387	222.662	13,6	15,1
Tocantins	116	207.547	173.049	5,6	6,7
Santa Catarina	470	2.241.769	1.981.123	2,1	2,4
Mato Grosso do Sul	117	614.966	562.060	1,9	2,1
Goiás	77	1.444.165	1.214.194	0,5	0,6
Amapá	1	56.765	62.177	0,2	0,2

(*) Todos os tipos de veículos automotores

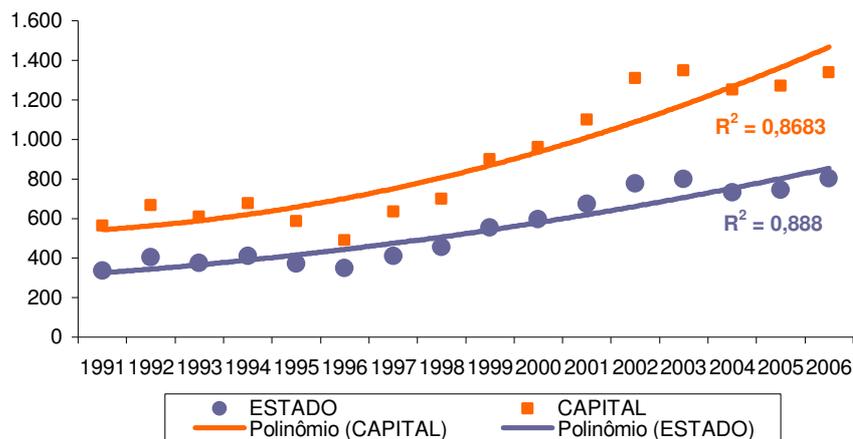
(**) Amadores e profissionais

Fontes: Senasp, SSP-SP e Denatran.

Elaboração: Instituto de Economia da UFRJ – Projeto Prisma

Vale ressaltar que, no estado e sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, os roubos em geral – tanto de veículos como outras modalidades –, vêm crescendo de modo contínuo, não só em números absolutos mas proporcionalmente à população, como mostra o gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1
Total de roubos registrados pela Polícia Civil, por cem mil habitantes*
 Estado e Município do Rio de Janeiro – 1991/2006



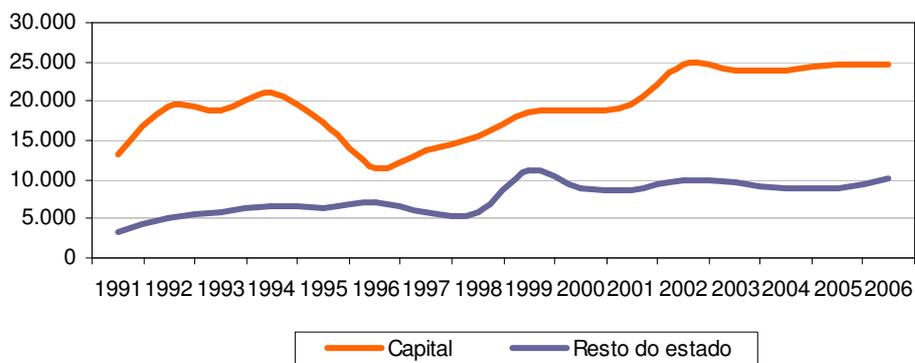
(*) Inclui todas as modalidades de roubo.

Fonte: Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (ISP-RJ), com base em Registros de Ocorrência da Polícia Civil.

Elaboração: CESeC/Ucam – Estatísticas de Segurança

No caso específico dos roubos de veículos, o número absoluto de registros cresce acentuadamente entre 1996 e 2002, sobretudo na capital, e a partir daí se estabiliza, permanecendo nos patamares mais altos dos últimos 15 anos (gráfico 2), acima de 30 mil ocorrências anuais no estado como um todo e acima de 20 mil apenas na capital. Só no ano de 2006, foram registrados 34.941 roubos de veículos no estado do Rio, o que equivale, em média, a mais de 2.900 ocorrências por mês, ou 96 ocorrências por dia. Nesse mesmo ano a capital registrou 24.658 casos, uma média de 2.055 por mês ou cerca de 68 por dia. Desde 1995 a cidade do Rio de Janeiro vem respondendo por cerca de 70% do total de ocorrências registradas no estado (no início dos anos 1990, chegou a responder por mais de 80%).

Gráfico 2
Roubos de veículos registrados pela Polícia Civil
 Município do Rio de Janeiro e restante do estado – 1991/2006 (números absolutos)



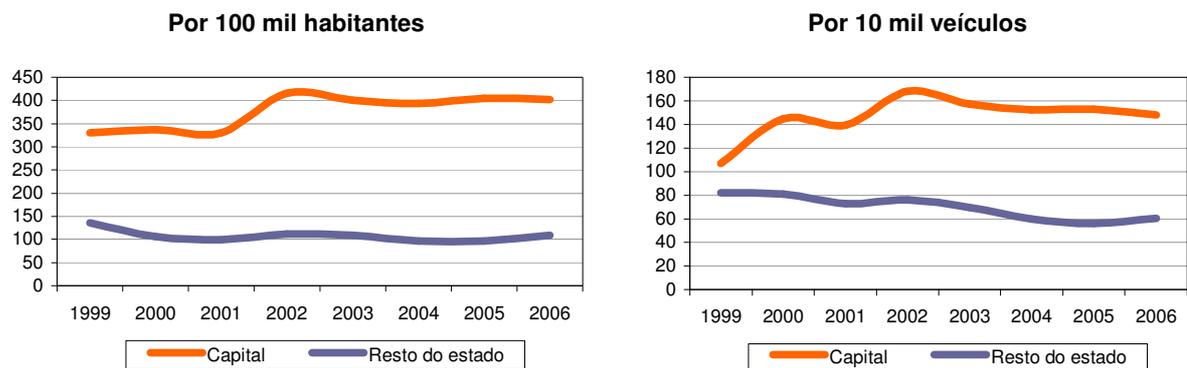
Fonte: ISP-RJ, com base em Registros de Ocorrência da Polícia Civil.

Elaboração: CESeC/Ucam – Estatísticas de Segurança.

É fundamental lembrar que, ao contrário de outros tipos de crimes, pouco notificados pela população, os roubos e furtos de veículos têm taxas muito altas de comunicação à polícia; portanto, nessas modalidades de delito, as estatísticas baseadas em registros policiais representam bem as dimensões reais do problema. Os motivos disso são essencialmente dois: no caso de veículos segurados, o registro de ocorrência é exigido para recebimento da indenização e, mesmo no caso dos não-segurados, o documento é feito para livrar o(a) proprietário(a) do envolvimento em outros delitos que os ladrões do veículo venham a praticar.⁵

Como se observa no gráfico 3, o comportamento de relativa estabilização dos roubos em níveis elevadíssimos a partir de 2002 não ocorre apenas com os números absolutos, mas também com as taxas ponderadas pela população da capital e do restante do estado; a única queda expressiva registrada nesse período é a da taxa por dez mil veículos fora da capital.

Gráfico 3
Roubo de veículos: taxas por 100 mil habitantes e por 10 mil veículos
Município do Rio de Janeiro e restante do estado – 1999/2006

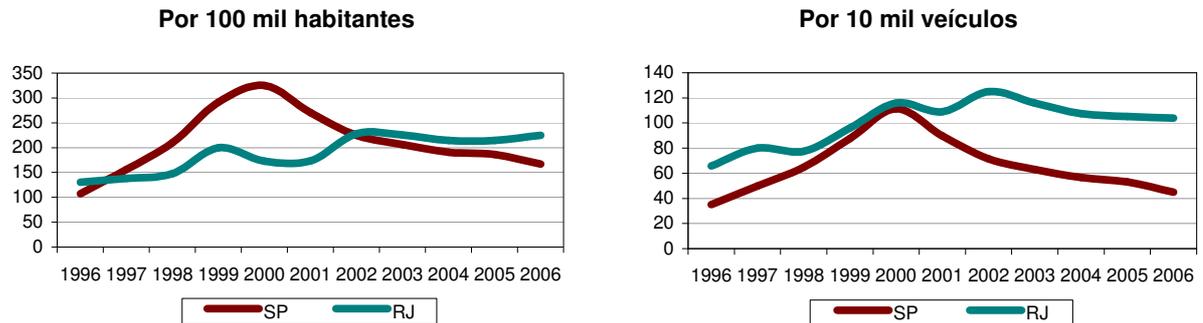


Fontes: ISP-RJ, IBGE e Denatran
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Uma referência para se avaliar a gravidade do problema no Rio de Janeiro é a comparação da evolução da suas taxas de roubo de veículos com as do vizinho estado de São Paulo, cujos índices ponderados tanto pelo número de habitantes quanto pela frota de automotores têm apresentado um decréscimo acentuado ao longo dos últimos seis anos (gráfico 4).

⁵ Pesquisa de vitimização feita na cidade do Rio de Janeiro em 2002 estimou uma taxa de 99% de notificação à polícia dos roubos e furtos de automóveis. É provável que a percentagem esteja superdimensionada, em função do pequeno tamanho da amostra que essa pesquisa utilizou, mas, de qualquer modo, vale contrastá-la às baixas taxas de notificação dos roubos e furtos em geral, estimadas pela mesma pesquisa (respectivamente, 24% e 12%. Cf. ILANUD, 2002). Infelizmente o levantamento mais recente do Nupevi/UFRJ (2005-2006) não discrimina a notificação dos roubos de veículos, apenas a taxa de não-notificação dos roubos em geral, que seria de 72,4%.

Gráfico 4
Roubo de veículos: taxas por 100 mil habitantes e por 10 mil veículos
 Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo – 1996/2006



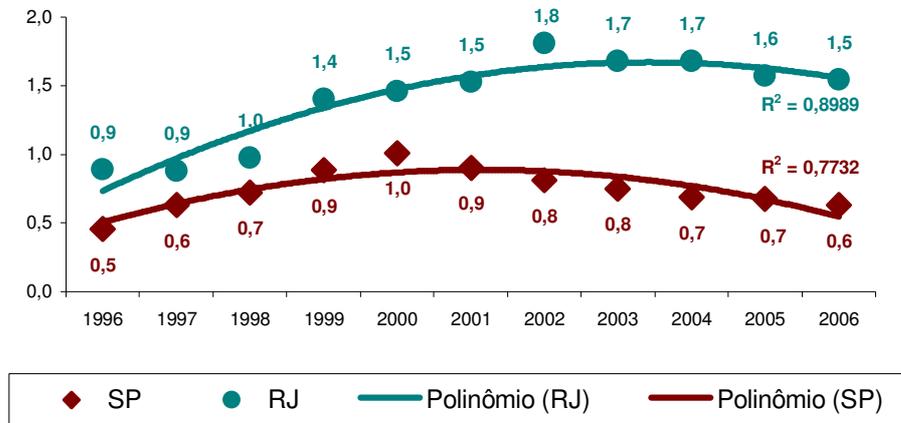
Fontes: ISP-RJ, SSP-SP, IBGE e Denatran
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Outro parâmetro importante é a relação entre roubos e furtos, que mede o “teor” de violência envolvido na apropriação criminosa de veículos, tanto mais alto quanto maior seja essa relação. No estado do Rio, em 1991, ela era de 0,7 – ou seja, havia mais furtos do que roubos. Em 2006, porém, a situação se invertera: para cada carro furtado, 1,5, em média, era roubado, sendo que, na capital, a razão era de 2,1 carros roubados para cada um furtado. Isso significa que, no estado e sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, tornou-se muito mais fácil para os ladrões a obtenção de veículos mediante coação direta do(a) motorista do que pelos métodos não-violentos que predominavam anteriormente.

À primeira vista, esse fenômeno poderia ser explicado pela crescente sofisticação dos dispositivos anti-furto, que teriam dificultado a apropriação não-violenta de veículos. Mas a comparação com São Paulo e com outros estados (gráficos 5 e 6) sugere que essa explicação não é suficiente. Muito provavelmente, a facilidade cada vez maior de acesso às armas de fogo também desempenha um papel central no agravamento da violência, tanto nessa quanto em outras modalidades de crimes contra o patrimônio – como roubos a transeunte, roubos em transporte coletivo e roubos de carga –, que também aumentaram de forma acentuada nos últimos 15 anos.⁶

⁶ Entre 1991 e 2005, os registros de roubo a transeunte no estado do Rio aumentaram 225% e a taxa por cem mil habitantes, 171%; os registros de assalto em coletivo cresceram 76% e a taxa, 46%; por sua vez, os roubos de carga registrados subiram 112% (cf. MUSUMECI, 2006).

Gráfico 5
Relação roubos/furtos de veículos
 Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo – 1996/2006



Fontes: ISP-RJ e SSP-SP
 Elaboração: CESeC/Ucam – Estatísticas de Segurança.

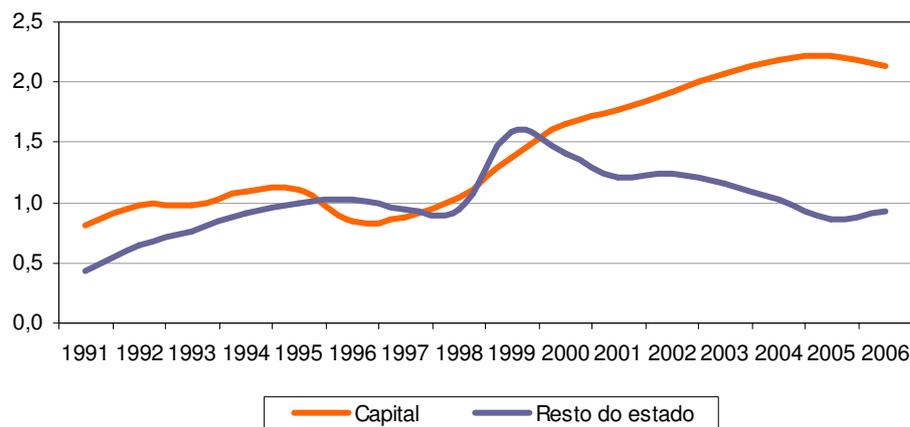
Gráfico 6
Relação roubos/furtos de veículos
 17 Unidades da Federação – 2005



Fontes: Senasp e SSP-SP
 Elaboração: Instituto de Economia da UFRJ – Projeto Prisma

Vale observar ainda que, até 2000, a relação roubos/furtos de veículos na cidade do Rio de Janeiro era bastante próxima da do restante do estado, mas a partir daí ocorre um distanciamento crescente: enquanto na capital ela continuou subindo, fora da capital (áreas da Baixada e do Interior) caiu de forma significativa (gráfico 7).

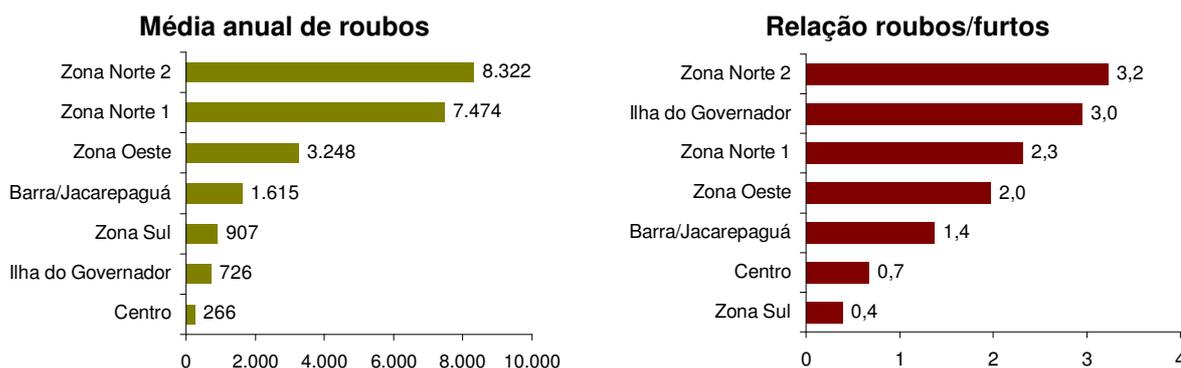
Gráfico 7
Relação roubos/furtos de veículos
 Município do Rio de Janeiro e restante do estado – 1991/2006



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil.
Elaboração: Instituto de Economia da UFRJ – Projeto Prisma

Finalmente, cabe ressaltar que, dentro do município do Rio de Janeiro, o problema não se distribui com a mesma gravidade em todas as áreas, havendo variações muito grandes não só no número de automotores roubados anualmente, mas também no “teor” de violência empregado para a subtração de veículos, conforme se observa no gráfico 8.

Gráfico 8
Média anual de roubos de veículos e relação roubos/furtos por grandes áreas da cidade*
 Município do Rio de Janeiro – 2000/2005



(*) Ver definição das áreas no Anexo 1.

Fonte: MUSUMECI, SILVA E CONCEIÇÃO (2006), com base em dados dos registros de ocorrência da Polícia Civil divulgados pelo ISP/RJ.

Os dados expostos acima deixam clara a relevância de um estudo sobre a geografia dos roubos de veículos na cidade do Rio de Janeiro. E servem, também, de pano de fundo à análise da distribuição intramunicipal dos registros e denúncias sobre esse tipo de crime, desenvolvida a seguir.

2. Distribuição espacial das ocorrências e denúncias na cidade do Rio de Janeiro

É notório que não só os homicídios, mas também os crimes violentos contra o patrimônio se concentram mais em algumas áreas da cidade do que em outras, e que o conhecimento dessa distribuição interna, com o máximo de detalhes possível, é fundamental para se desenhar políticas eficazes de redução da criminalidade violenta.⁷ Nesse sentido, os dados provenientes das denúncias anônimas podem representar uma importante complementação aos registros da polícia, não só no auxílio à investigação de casos específicos, mas como uma fonte adicional de informações para a montagem de “mapas do crime”, vale dizer, para a análise mais abrangente de padrões espaciais de incidência e operação da modalidade de prática delituosa em exame.

Quando se comparam as duas bases de dados no período 2002-2005, ressalta uma grande convergência espacial das ocorrências policiais e das denúncias, mesmo em níveis de desagregação mais altos, como a distribuição por bairros ou mesmo por ruas. Essa convergência à primeira vista surpreende, pois se poderia esperar uma sobre-representação das denúncias nas áreas ditas “nobres” da cidade, onde residem pessoas de maior poder aquisitivo, maior nível de escolaridade e, portanto, maior desenvoltura (ou menos medo) de denunciar. Isso fica bastante claro em outros tipos de serviços captadores de denúncias, como as Ouvidorias de Polícia, que recebem queixas sobre desvios e abusos policiais,⁸ mas não parece ser o caso do Disque-Denúncia, pelo menos no que se refere à narrativa de fatos relacionados a roubo de veículos no Rio de Janeiro.

A leitura preliminar de uma amostra dos bairros com maiores números de denúncias (ver seção 5, adiante) sugere que a convergência se deve ao fato de grande parte das comunicações ser feita pelas próprias vítimas ou por testemunhas oculares dos roubos de veículos. Vários relatos examinados eram de proprietários que haviam ligado para fornecer informações sobre o carro roubado, descrever os agressores e solicitar providências, ou então de pessoas que haviam acabado de presenciar um roubo, ou ainda que ligavam para comunicar a ocorrência freqüente de roubos de veículos em certo local. Entretanto, só uma análise mais extensa dos relatos discursivos permitiria avaliar o real peso desses casos no conjunto das denúncias sobre o delito focalizado e concluir que eles explicam a semelhança dos recortes geográficos obtidos a partir dos dois conjuntos de dados.

⁷ Ver, a esse respeito, CANO e SANTOS (2001); BEATO (2001); MUSUMECI (2000, 2002); KAHN (2005); MUSUMECI, SILVA e CONCEIÇÃO (2006); RAMOS (2007). Ver também o estudo de RAMOS e PAIVA (2005) analisando a cobertura da mídia impressa sobre os problemas da violência e da segurança, muitas vezes desfocada da hierarquia efetiva desses problemas nas diversas áreas da cidade e do estado.

⁸ Cf. LEMGRUBER, MUSUMECI e CANO (2003).

Outra possibilidade, que não exclui a primeira, é de que os roubos de veículos e os fatos conexos que muitas denúncias relatam – como receptação e desmanche; locais de moradia ou de reunião de assaltantes; tráfico de drogas e de armas; abandono de carros roubados ou furtados; outras modalidades de roubos etc. – tenham uma distribuição espacial muito semelhante. Em outras palavras, que as estruturas criminosas que viabilizam ou complementam os roubos de veículos se situem não muito longe dos locais onde esses delitos são perpetrados. Alguns dos relatos abertos que examinamos apontam nessa direção, como se verá adiante, mas seria necessário, também, um levantamento mais minucioso no universo das denúncias para que se pudesse conhecer melhor os padrões de contigüidade e extrair daí conseqüências práticas para uma política de redução desse tipo de crime.

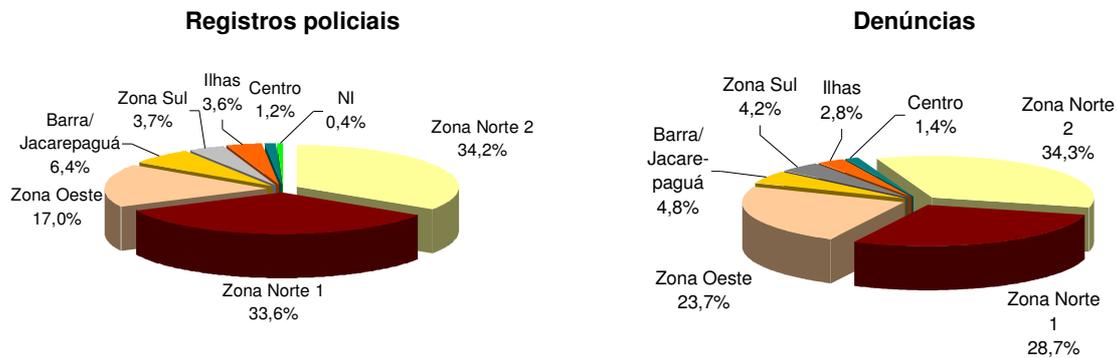
Seja como for, a convergência espacial das duas fontes mostra que, pelo menos no tipo de delito aqui estudado, não há um “viés denunciata” em certas partes da cidade, o que se constataria, por exemplo, se áreas ou bairros com poucas ocorrências policiais fossem foco muito mais freqüente de denúncias do que os bairros com altos números de ocorrências.

2.1. Grandes áreas da cidade

Numa primeira desagregação, consideramos sete subdivisões internas ao município: Centro, Zona Norte 1, Zona Norte 2, Zona Oeste, Ilhas (Governador, Fundão e Paquetá), Barra-Jacarepaguá e Zona Sul (gráfico 9).⁹ Pode-se perceber, inicialmente, a semelhança das distribuições de ocorrências e de denúncias, apenas com uma ligeira sobre-representação da Zona Oeste e uma pequena sub-representação das regiões Barra/Jacarepaguá e Zona Norte 1 no universo dos relatos feitos ao Disque-Denúncia. De qualquer modo, o *ranking* e os pesos das áreas são bastante próximos, confirmando, em ambos os casos, a enorme concentração dos roubos de veículos e fatos conexos nas zonas Norte e Oeste da capital, já assinalada em pesquisas anteriores (MUSUMECI, 2000; MUSUMECI, SILVA e CONCEIÇÃO, 2006).

⁹ Para a definição dos bairros compreendidos em cada uma das áreas, ver tabela em anexo.

Gráfico 9
Roubos de veículo registrados pela Polícia Civil e denúncias relativas a roubo de veículo recebidas pelo Disque-Denúncia, segundo áreas de ocorrência
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

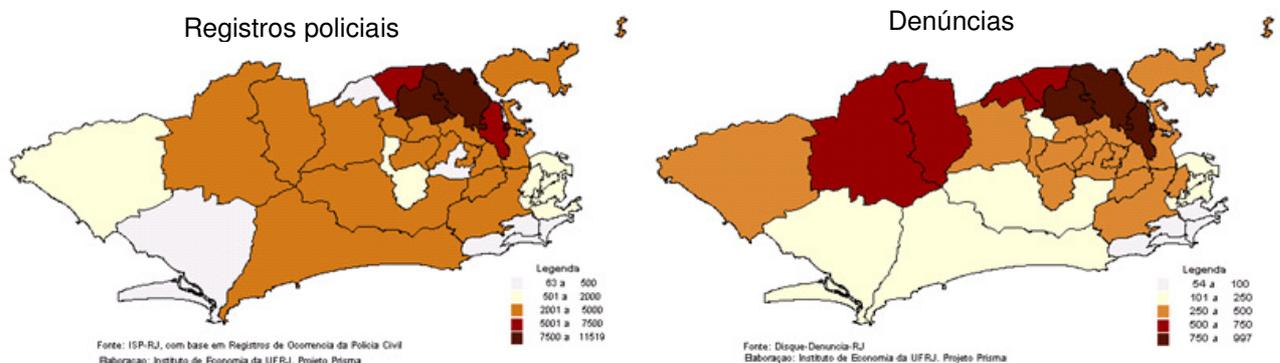


Fontes: ISP-RJ e Disque-Denúncia-RJ
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

2.2. Circunscrições policiais

A despeito de algumas diferenças no *ranking* geral, observa-se na figura 1 uma notável congruência das circunscrições policiais apontadas como de maior e de menor incidência de roubos de veículos pelas duas bases de dados: delegacias da Zona Norte – particularmente a 22ª e a 38ª (Penha e Irajá), a 27ª e a 40ª (Vicente de Carvalho e Honório Gurgel), a 21ª (Bonsucesso) e a 39ª (Pavuna) – formam a “mancha” mais crítica, enquanto as da Zona Sul – especialmente as áreas da 12ª e 13ª (Copacabana), 14ª (Ipanema/Leblon) e 15ª DP (Lagoa/Jardim Botânico/São Conrado/Rocinha/Vidigal) – a “mancha” de menor frequência em ambos os mapas.¹⁰

Figura 1
Roubos de veículo registrados pela Polícia Civil e denúncias relativas a roubo de veículo recebidas pelo Disque-Denúncia, por circunscrições de delegacias policiais
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005



¹⁰ Vale notar que as “piores” DPs em termos de roubo de veículos também apresentam altíssimas incidências de homicídios, de autos de resistência (mortes de civis pela polícia) e de outros tipos de roubos, especialmente a transeunte e em transporte coletivo (cf. CESeC, 2007).

2.3. Bairros

São notáveis também as semelhanças entre as duas distribuições por bairros da cidade. Antes de analisá-las, contudo, é necessário detalhar alguns problemas encontrados na recuperação dos dados quantitativos nesse nível de desagregação.

Em primeiro lugar, na base de dados do ISP, o campo de informações correspondentes ao bairro da ocorrência continha numerosos erros, lacunas e confusões. Entre eles, a citação de bairros inexistentes, ou não constantes da relação de 160 bairros oficialmente reconhecidos pela prefeitura do município em 2005 (cf. <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>), assim como a menção a mais de um bairro no mesmo campo, para a mesma ocorrência. A fim de evitar uma grande perda de informações, foi feita a varredura de todos os registros que apresentavam esses tipos de problemas. Mediante cruzamento com os nomes de ruas (quando havia) e consulta à base de CEPs dos Correios e ao Guia 4 Rodas, corrigiram-se vários casos e conseguiu-se reduzir o descarte a apenas 0,63% do total de registros analisados (ver Anexo 2).¹¹ Contudo, alguns problemas persistem, sobretudo a possibilidade (em ambas as bases, aliás) de o bairro anotado não ser exatamente aquele onde o crime ocorreu, por desconhecimento dos comunicantes e/ou dos responsáveis pelo registro.

Uma dificuldade específica foi a discriminação dos 15 bairros em que se subdividem oficialmente as Ilhas do Governador e Fundão. Grande parte das ocorrências (assim como várias denúncias) referia-se genericamente à “Ilha do Governador” e, mesmo cruzando-se esse campo com o de ruas, não foi possível recuperar o bairro preciso em muitos registros – motivo pelo qual decidiu-se considerar “Ilha do Governador” (incluindo a do Fundão) como um único bairro. Assim, o número de bairros da cidade ficou reduzido a 146; desse total, 144 apareceram mencionados nos registros válidos do ISP e 139 nas comunicações ao Disque-Denúncia (quadro 1).

¹¹ Além dos registros eliminados, por uma série de outros problemas, na avaliação inicial da base do ISP, foram descartados especificamente da distribuição por bairros 609 registros que apresentavam as seguintes deficiências: falta de informação, simultaneamente, sobre bairro e rua; bairros inexistentes, sem informação de rua; localidades citadas como bairros, cuja posição não foi possível determinar; mais de um bairro no mesmo campo, sem outros parâmetros para se definir qual o bairro correto. Da base do Disque Denúncia, por sua vez, foram descartados 97 casos, nos quais não se informava nem era possível inferir o bairro da ocorrência.

Quadro 1
Número de bairros constantes das duas bases de dados sobre roubos de veículos
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

	Base ISP	Base DD
Nº de bairros válidos citados	144	139
Nº de bairros válidos não citados	2	7
Total de bairros	146	146
Bairros das Ilhas do Governador e Fundão*	14	14
Total de bairros da cidade	160	160

(*) Dos 15 bairros oficiais, subtraiu-se um, correspondente à denominação geral “Ilha do Governador”, já computada acima.

Fontes: ISP-RJ e Disque-Denúncia-RJ

Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Como se vê no quadro 2, abaixo, há uma concentração bastante alta por bairros tanto dos registros quanto das denúncias:

Quadro 2
Distribuição das ocorrências e denúncias sobre roubos de veículos, por bairros
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

Ocorrências policiais:	Denúncias:
<ul style="list-style-type: none"> ➤ metade dos bairros da cidade concentra 88% das ocorrências; ➤ 22 bairros (17% do total) concentram metade das ocorrências; ➤ 12 bairros (cerca de 8,5% do total) concentram 1/3 das ocorrências. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ metade dos bairros da cidade concentra 83% das denúncias; ➤ 26 bairros (19% do total) concentram metade das denúncias; ➤ 14 bairros (cerca de 10% do total) concentram 1/3 das denúncias.

Fontes: ISP-RJ e Disque-Denúncia-RJ

Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

a) Maiores incidências

Considerando os 30 bairros “piores”, ou mais críticos, em relação a roubo de veículos, que concentram mais da metade tanto dos registros policiais quanto das comunicações ao DD, verifica-se ser muito semelhante a composição das duas listas, embora a posição dos bairros no *ranking* varie de uma para outra (tabela 4). Como se observa na tabela 4, nada menos que 25 desses 30 bairros “piores” constam de ambas as listas (as não-coincidências estão tarjadas de cinza).

Tabela 4
Roubos de veículo registrados pela Polícia Civil e denúncias relativas a roubo de veículo
recebidas pelo Disque-Denúncia, por bairros de ocorrência
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

Os 30 bairros com maiores números de registros policiais				Os 30 bairros com maiores números de denúncias			
Posição	Bairro	Nº de ocorrências	% acumulado	Posição	Bairro	Nº de denúncias	% acumulado
1º	ILHA DO GOVERNADOR	3474	3,6	1º	CAMPO GRANDE	456	3,8
2º	CAMPO GRANDE	3336	7,1	2º	BANGU	436	7,3
3º	PENHA	3244	10,4	3º	ILHA DO GOVERNADOR	341	10,1
4º	BANGU	3127	13,7	4º	TIJUCA	340	12,9
5º	TIJUCA	3015	16,8	5º	PAVUNA	336	15,7
6º	BONSUCESSO	2958	19,9	6º	REALENGO	303	18,2
7º	IRAJÁ	2614	22,6	7º	ENGENHO DE DENTRO	300	20,7
8º	PAVUNA	2485	25,2	8º	BONSUCESSO	282	23,0
9º	VILA DA PENHA	2384	27,6	9º	IRAJÁ	265	25,2
10º	REALENGO	2094	29,8	10º	INHAÚMA	253	27,2
11º	RAMOS	1937	31,8	11º	ANCHIETA	236	29,2
12º	INHAÚMA	1854	33,7	12º	GUADALUPE	234	31,1
13º	MÉIER	1759	35,6	13º	ENGENHO NOVO	225	33,0
14º	MADUREIRA	1677	37,3	14º	SANTA CRUZ	208	34,7
15º	GUADALUPE	1662	39,0	15º	RAMOS	206	36,4
16º	BRÁS DE PINA	1601	40,7	16º	BENFICA	200	38,0
17º	CACHAMBI	1537	42,3	16º	MÉIER	200	39,7
18º	BENFICA	1518	43,9	17º	COSTA BARROS	190	41,2
19º	SÃO CRISTÓVÃO	1497	45,4	18º	JACAREPAGUÁ	185	42,7
20º	JARDIM AMÉRICA	1477	46,9	19º	RIO COMPRIDO	167	44,1
21º	ENGENHO NOVO	1431	48,4	20º	BRÁS DE PINA	162	45,5
22º	ANCHIETA	1406	49,9	21º	JARDIM AMÉRICA	160	46,8
23º	BARRA DA TIJUCA	1364	51,3	22º	CACHAMBI	159	48,1
24º	ENGENHO DE DENTRO	1300	52,6	23º	PILARES	149	49,3
24º	OLARIA	1176	53,9	24º	MADUREIRA	145	50,5
25º	CORDOVIL	1105	55,0	25º	SÃO CRISTÓVÃO	144	51,7
26º	VILA ISABEL	1084	56,1	25º	PENHA	144	52,9
28º	PIEDEDE	1082	57,3	26º	OLARIA	137	54,0
29º	VICENTE DE CARVALHO	1067	58,4	27º	VILA DA PENHA	134	55,1
30º	COSTA BARROS	991	59,4	28º	VIGÁRIO GERAL	132	56,2
TOTAL DOS 30 BAIRROS		57.256	59,4	TOTAL DOS 30 BAIRROS		6.829	56,2
TOTAL DE REGISTROS		96.408	59,4	TOTAL DE DENÚNCIAS		12.156	59,4

Fontes: ISP-RJ e Disque-Denúncia-RJ
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Da tabela acima também podem ser destacados os seguintes aspectos:

- Nenhum bairro da zonas sul e centro da cidade figura entre os 30 “piores”, seja em registros policiais ou em comunicações ao Disque-Denúncia.
- No *ranking* do ISP, Barra da Tijuca é o único bairro que, segundo a divisão aqui adotada (ver anexo 1), não pertence nem à zona norte nem à zona oeste da cidade, ao passo que, no *ranking* do Disque-Denúncia, o único dos 30 bairros que não faz parte dessas duas áreas é o de Jacarepaguá.
- Desconsiderando Ilha do Governador, cujas subdivisões internas não foi possível analisar, sete bairros comparecem entre os 10 primeiros lugares de ambas as listas.

Três deles pertencem à Zona Oeste (Campo Grande, Bangu, Realengo), dois à Zona Norte 2 (Irajá, Pavuna) e os outros dois Zona Norte 1 (Tijuca, Bonsucesso). Juntos, esses sete bairros representam 20% do total de ocorrências policiais e também do total de denúncias no período focalizado.

b) Menores incidências

Quando considerados, ao contrário, os 30 bairros com *menores* volumes de registros policiais e de denúncias (tabela 5), as relações divergem um pouco mais, mas, ainda assim, se observa que a maioria dos bairros (22) consta de ambas as listas (as exceções estão tarjadas de cinza na tabela).¹² Vale dizer, há uma significativa proximidade, também, entre as “manchas” de menor frequência desenhadas pelas duas bases de informações, como já se havia observado na distribuição dos registros e das denúncias por circunscrições de delegacias policiais (item b, acima).

Dessas listas dos “melhores” bairros podem-se destacar os aspectos seguintes:

- Assim como em Paquetá, onde é proibido o tráfego de automotores,¹³ bairros compostos essencialmente por favelas, como Rocinha, Alemão, Vidigal, Jacarezinho e Maré, apresentam baixos números tanto de registros policiais quanto de comunicações ao Disque-Denúncia. A questão é saber até que ponto isso decorre, efetivamente, de uma baixíssima incidência de roubos de veículos nas favelas, e em que medida resulta do temor de registrar ou denunciar crimes sofridos em comunidades sob controle de grupos armados.¹⁴ De qualquer modo, no caso dos relatos anônimos feitos ao DD, há muitas menções a favelas e conjuntos residenciais de baixa renda, não como lugares onde ocorrem os roubos, mas como locais de moradia e rotas de fuga de assaltantes, áreas de “estocagem” e/ou desmonte de veículos roubados (ver seção 5, adiante).

¹² Assumimos aqui que os bairros não mencionados em nenhuma ocorrência ou denúncia tiveram zero incidências no período em foco, mas, evidentemente, também podem ter sido omitidos nos registros sem informação de bairro.

¹³ A única denúncia sobre esse bairro referia-se à presença na ilha de pessoas envolvidas com roubos de veículos em outras partes da cidade.

¹⁴ A mesma dúvida pode ser levantada também a propósito de outras formas de violência. Por exemplo, em pesquisa realizada pelo CESeC/Ucam e pelo Neseq/UFRJ sobre crimes sexuais no Rio de Janeiro, registrou-se que “... nas Regiões Administrativas que correspondem exclusivamente a áreas de favela, praticamente não houve registro de crimes sexuais. No Jacarezinho, no Complexo do Alemão e na Maré (XXVIII, XXIX e XXX RAs) não foi registrado nenhum estupro em todo o período. Rocinha (XXVII RA) e Cidade de Deus (XXXIV RA) registraram 3 e 7 estupros, respectivamente. Nessas Regiões, o número de AVPs também foi irrisório, o que reforça a noção de que, em comunidades dominadas pelo tráfico de drogas, as vítimas evitam o envolvimento da polícia na resolução desse tipo de problema. Todavia, essa hipótese não pode ser generalizada. Há que se considerar a interveniência de fatores específicos, relacionados à configuração de cada comunidade, capazes de gerar comportamentos sociais diferenciados” (MORAES, SOARES e CONCEIÇÃO, 2005, p. 17).

Tabela 5
**Roubos de veículo registrados pela Polícia Civil e denúncias relativas a roubo de veículo
 recebidas pelo Disque-Denúncia, por bairros de ocorrência**
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

Os 30 bairros com menores números de registros policiais				Os 30 bairros com menores números de denúncias			
Posição	Bairro	Nº de ocorrências	% acumulado	Posição	Bairro	Nº de denúncias	% acumulado
1º	PAQUETÁ	0	0,0	1º	ANIL	0	0,0
1º	ROCINHA	0	0,0	1º	COMPLEXO DO ALEMÃO	0	0,0
2º	COMPLEXO DO ALEMÃO	1	0,0	1º	JACAREZINHO	0	0,0
3º	VIDIGAL	4	0,0	1º	MARÉ	0	0,0
4º	LEME	5	0,0	1º	PECHINCHA	0	0,0
5º	BARRA DE GUARATIBA	6	0,0	1º	TANQUE	0	0,0
5º	MARÉ	6	0,0	1º	VILA MILITAR	0	0,0
6º	CAMPO DOS AFONSOS	8	0,0	2º	JOÁ	1	0,0
7º	CAMORIM	10	0,0	2º	PAQUETÁ	1	0,0
7º	JOÁ	10	0,1	3º	CAMORIM	2	0,0
8º	GRUMARI	11	0,1	3º	CAMPO DOS AFONSOS	2	0,0
9º	SENADOR VASCONCELOS	19	0,1	4º	ROCINHA	3	0,1
10º	HUMAITÁ	26	0,1	4º	SAÚDE	3	0,1
10º	ITANHANGÁ	26	0,1	5º	BARRA DE GUARATIBA	4	0,1
11º	URCA	35	0,2	5º	HUMAITÁ	4	0,2
12º	VARGEM GRANDE	36	0,2	5º	ITANHANGÁ	4	0,2
12º	VILA MILITAR	36	0,2	5º	JARDIM BOTÂNICO	4	0,2
13º	VARGEM PEQUENA	37	0,3	5º	LEME	4	0,3
14º	GAMBOA	44	0,3	6º	CATETE	5	0,3
15º	GARDÊNIA AZUL	45	0,4	6º	GRUMARI	5	0,3
16º	SAÚDE	46	0,4	6º	VARGEM PEQUENA	5	0,4
17º	JACAREZINHO	47	0,5	7º	VARGEM GRANDE	6	0,4
18º	INHOAÍBA	57	0,5	8º	GARDÊNIA AZUL	7	0,5
19º	COSMOS	64	0,6	9º	ÁGUA SANTA	9	0,6
20º	COSME VELHO	70	0,7	10º	LAGOA	11	0,7
21º	GÁVEA	74	0,7	10º	SÃO CONRADO	11	0,7
21º	SEPETIBA	74	0,8	10º	VIDIGAL	11	0,8
22º	PEDRA DE GUARATIBA	76	0,9	11º	CIDADE NOVA	14	1,0
23º	SÃO CONRADO	81	1,0	12º	PRAÇA DA BANDEIRA	15	1,1
24º	JARDIM BOTÂNICO	87	1,1	13º	URCA	16	1,2
TOTAL DOS 30 BAIRROS		1.041	1,1	TOTAL DOS 30 BAIRROS		147	1,2
TOTAL DE OCORRÊNCIAS		96.408	100,0	TOTAL DE DENÚNCIAS		12.156	100,0

Fontes: ISP-RJ e Disque-Denúncia-RJ
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

- Bairros militares ou com grande presença de instituições militares – como Campo dos Afonsos, Vila Militar e Urca – figuram entre os mais “protegidos” dos roubos de veículos.
- Diversos bairros situados na zona sul da cidade aparecem também entre os mais “seguros”. De acordo com as duas listas, seriam Jardim Botânico, São Conrado, Humaitá e Leme. Segundo os dados do ISP, também entrariam nessa relação Gávea e Cosme Velho; de acordo com a base do Disque-Denúncia, deveriam ser acrescentados os bairros de Lagoa e Catete.

- Digna de nota, ainda, é a presença de vários bairros da região Barra-Jacarepaguá entre os “30 menos”. Em ambas as listas, aparecem Camorim, Itanhangá, Joá, Grumari, Vargem Grande, Vargem Pequena, Sepetiba e Gardênia Azul.
- Registre-se finalmente a presença da Saúde, bairro tradicional da região Centro, entre os de menores incidências de registros e de denúncias sobre roubo de veículos no período considerado.

As figuras 2 e 3 a seguir permitem visualizar para toda a cidade as “manchas” de maior e de menor incidência por bairros desenhadas pelas duas bases de dados.

Figura 2
Roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por bairros de ocorrência
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

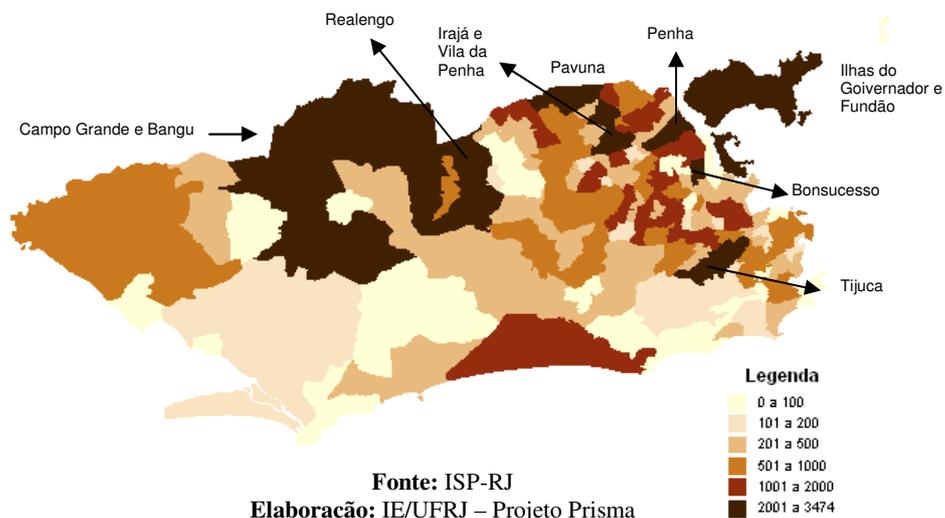
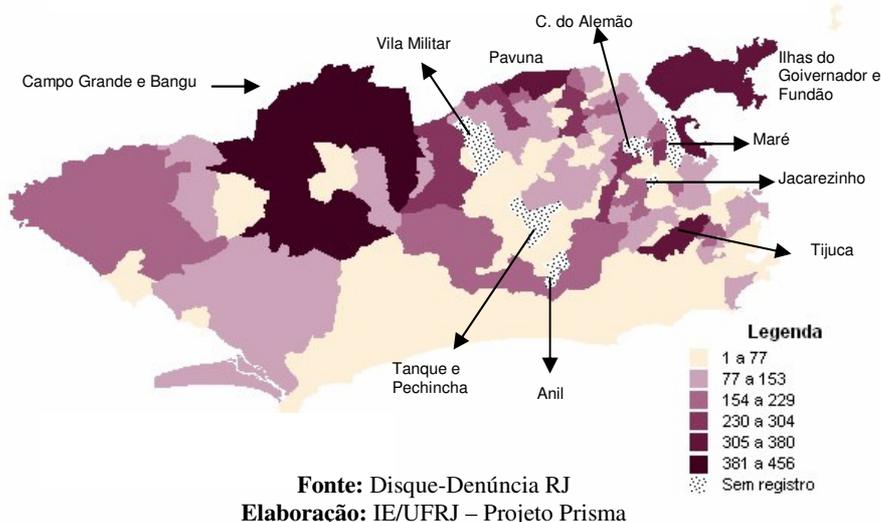


Figura 3
Denúncias relacionadas a roubo de veículo, por bairros de ocorrência
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005



c) Dentro dos bairros

Se se consideram, no interior dos “piores” bairros, as ruas com maiores números de registros policiais, verificam-se dois padrões diferentes – um mais disperso, outro mais concentrado –, embora haja sempre um grau significativo de concentração em todos os casos. Na Ilha do Governador, por exemplo, 30% dos roubos de veículos, de 2002 a 2005, ocorreram em apenas 14 vias, sendo que três delas – Av. Brigadeiro Trompowsky, Estrada das Canárias e Estrada do Galeão – responderam por quase 17% do total. Em Campo Grande, seis ruas foram responsáveis por 30% do total de ocorrências: Av. Brasil, Estradas do Mendanha, Rio-São Paulo, Posse e Campinho, e Avenida Cesário de Melo. Na Penha, 31% dos casos foram registrados em cinco ruas: Avenida Brasil, Rua Quito, Rua Conde de Agrolongo, Rua Cuba e Avenida Lobo Jr. Em Bangu, 37% dos registros se referem a apenas 10 ruas, sendo três delas (Rua Barão de Capanema, Avenida Brasil e Estrada do Engenho) responsáveis por 16,9% do total de ocorrências do bairro. Um terço dos casos registrados na Tijuca ocorreu em apenas 10 ruas, quatro das quais reuniram mais de 20% do total: Rua Conde de Bonfim, Rua São Miguel, Avenida Maracanã e Rua Professor Gabizo.

Nesses cinco bairros, contudo, também chama atenção o grande número de ruas que tiveram pelo menos um caso de roubo de veículo no período considerado: 516 na Ilha do Governador; 731 em Campo Grande; 270 na Penha, 447 em Bangu e 273 na Tijuca. Isso evidencia um padrão espacial bastante disperso, em que o alto número de registros de cada um desses bairros resulta sobretudo da soma de pequenas quantidades de ocorrências em uma grande quantidade de ruas. Já o caso de Bonsucesso revela um padrão bem mais concentrado: embora tenham-se registrado roubos de veículos em 224 vias, quase dois terços (65,6%) desses roubos ocorreram em apenas 10 ruas, sendo que três delas responderam por 44% do total de ocorrências do bairro: Avenida Brasil, Rua Leopoldo Bulhões e Linha Amarela.

Evidentemente, essas diferenças têm implicações para políticas de redução dos roubos de veículos: por exemplo, uma estratégia de concentração do policiamento ostensivo nas vias expressas ou nas ruas de maior movimento poderia gerar uma queda muito acentuada do crime em Bonsucesso, mas possivelmente teria impacto menor nos outros bairros citados.

2.4. Ruas e trechos de ruas

Como já se observou acima, alguns dos bairros mais críticos em termos de roubos de automóveis sofrem esse tipo de delito de forma bastante dispersa, com pequenos números de ocorrências num grande número de ruas. O mesmo se pode dizer, à primeira vista, do panorama geral da cidade: entre 2002 e 2005, foram 9.444 os logradouros em que a Polícia Civil registrou pelo menos um roubo de veículo e foram 4.094 os citados nos relatos ao

Disque-Denúncia.¹⁵ Estimando-se grosseiramente um total de 20 mil ruas e avenidas trafegáveis no município,¹⁶ isso significa que o crime se verificou em quase metade das vias públicas do Rio de Janeiro e que 20% delas foram objeto de denúncias sobre roubos de veículos ou fatos conexos durante o período considerado.

A dispersão dos casos por ruas, em ambas as bases, pode ser vista no quadro 3, abaixo: mais de 70% dos logradouros citados nos registros policiais e quase 90% dos mencionados nos relatos ao Disque-Denúncia tiveram de 1 a 5 registros entre 2002 e 2005. Isso, por um lado, indica serem inócuas as tentativas de redução do crime baseadas unicamente na saturação do policiamento ostensivo e aponta para a urgência de estratégias mais complexas envolvendo, entre outras coisas, sistemas de georreferenciamento que permitam identificar “zonas quentes”, isto é, conjuntos de ruas interligadas onde haja concentrações significativas de roubos e/ou das redes de apoio aos roubos de automotores. Por outro lado, o alto número de ruas com pequenos volumes de registros não impede que exista uma notável concentração de crimes em uma quantidade relativamente exígua de logradouros: como se vê no quadro 3, 1/3 das ocorrências policiais válidas (com indicação de rua) referiam-se às 115 vias com mais de 100 casos cada, e quase metade do total de ocorrências (48,4%) referia-se às 313 vias com mais de 50 casos registrados no período em foco.

O mesmo não ocorre, porém com os relatos feitos ao Disque-Denúncia no mesmo período, que, como mostra o quadro 3, diziam respeito na maioria a um grande número de ruas, cada uma com quantidades relativamente pequenas de denúncias.

Quadro 3
Distribuição das ocorrências policiais de roubos de veículos, por ruas
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

Nº de registros	Ruas		Total de registros		Nº de denúncias	Ruas		Total de denúncias	
	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%		Nº absoluto	%	Nº absoluto	%
1 a 5	6.884	72,9	12.533	13,5	1 a 5	3.660	89,4	6.408	55,0
6 a 10	984	10,4	7.546	8,1	6 a 10	296	7,2	2.186	18,7
11 a 20	717	7,6	10.560	11,4	11 a 20	94	2,3	1.339	11,5
21 a 50	546	5,8	17.221	18,6	21 a 50	36	0,9	1.046	9,0
51 a 100	198	2,1	13.425	14,5	51 a 100	7	0,2	451	3,9
Mais de 100	115	1,2	31.463	33,9	Mais de 100	1	0,0	231	2,0
Total	9.444	100,0	92.748	100,0	Total	4.094	100,0	11.661	100,0

Fontes: ISP-RJ e Disque-Denúncia RJ
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

¹⁵ Vale ressaltar que, dos 96.408 registros policiais analisados, 3.660 (3,8%) não continham informação de logradouro, o mesmo ocorrendo em 496 (4,1%) das 12.156 denúncias examinadas.

¹⁶ A estimativa se baseia no total de 19.182 ruas da cidade que a Comlurb informa estarem cobertas pelo serviço de coleta de lixo (<http://www.rio.rj.gov.br>), presumindo-se que sejam vias trafegáveis para automotores. No Guia Quatro Rodas de 2007 foram incluídas 26.800 ruas, mas não só do município do Rio, como também de partes de Niterói e de alguns municípios da Baixada Fluminense (<http://guia4rodas.abril.com.br/loja/ruas.shtml>).

A tabela 6, abaixo, apresenta os *rankings* das “piores” ruas do município, considerando as 30 primeiras em volume de ocorrências policiais e de comunicados ao Disque-Denúncia. Não obstante um índice maior de dessemelhança entre as duas listas nesse nível de desagregação, continua havendo uma convergência bastante significativa: 17 das 30 ruas aparecem em ambas as relações (as exceções estão tarjadas de cinza) e são idênticos os 4 primeiros lugares que as duas apontam.

Tabela 6
Roubos de veículo registrados pela Polícia Civil e denúncias relativas a roubo de veículo recebidas pelo Disque-Denúncia, por ruas de ocorrência
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

As 30 ruas com maiores números de registros policiais			As 30 ruas com maiores números de denúncias		
Ruas	Ocor- rên- cias	% acum.	Ruas	De- nún- cias	% acum.
AV. BRASIL	3.641	3,8	AV. BRASIL	231	1,9
AV. PASTOR MARTIN LUTHER KING JR.*	2.641	6,5	AV. PASTOR MARTIN LUTHER KING JR.*	93	2,7
AV. DOM HELDER CAMARA	790	7,3	AV. DOM HELDER CAMARA	72	3,3
ESTRADA ADHEMAR BEBIANO**	720	8,1	ESTRADA ADHEMAR BEBIANO**	69	3,8
R. LEOPOLDO BULHOES	676	8,8	ESTRADA JOAO PAULO	58	4,3
AV. MERITI	642	9,4	R. LUIS COUTINHO CAVALCANTI	55	4,8
ESTRADA JOAO PAULO	611	10,1	R. LEOPOLDO BULHOES	53	5,2
R. BULHOES MARCIAL	581	10,7	AV. JOAO RIBEIRO	51	5,6
RODOVIA PRESIDENTE DUTRA	571	11,3	RODOVIA PRESIDENTE DUTRA	42	6,0
AV. DAS AMERICAS	513	11,8	ESTRADA DO CAMBOATA	41	6,3
LINHA AMARELA	450	12,3	R. JAVATA	41	6,6
AV. MINISTRO EDGAR ROMERO	447	12,7	AV. SANTA CRUZ	39	7,0
AV. BRAS DE PINA	413	13,2	R. TESSALIA	38	7,3
AV. CRISÓSTOMO PIMENTEL DE OLIVEIRA***	405	13,6	AV. MARECHAL RONDON	37	7,6
ESTRADA DO CAMBOATA	395	14,0	R. CAMARISTA MEIER	37	7,9
ESTRADA DOS BANDEIRANTES	392	14,4	R. CONDE DE BONFIM	37	8,2
AV. PAULO DE FRONTIN	367	14,8	AV. CRISÓSTOMO PIMENTEL DE OLIVEIRA***	36	8,5
R. URANOS	355	15,2	R. ARAUJO LEITAO	36	8,8
AV. SANTA CRUZ	339	15,5	ESTRADA DE BOTAFOGO	33	9,0
R. CLARIMUNDO DE MELO	337	15,9	R. SAO MIGUEL	33	9,3
AV. CESARIO DE MELO	332	16,2	AV. ITAOCA	32	9,6
AV. MARECHAL RONDON	327	16,5	R. BULHOES MARCIAL	31	9,8
AV. CORONEL FIDIAS TAVORA	323	16,9	AV. VICENTE DE CARVALHO	28	10,1
AV. MONSENHOR FELIX	320	17,2	ESTRADA DA AGUA BRANCA	28	10,3
ESTRADA DA AGUA BRANCA	307	17,5	ESTRADA DO TAQUARAL	28	10,5
AV. BRIGADEIRO TROMPOWSKI	298	17,8	AV. MONSENHOR. FELIX	27	10,7
R. CANDIDO BENICIO	291	18,1	R. ARAPONGA (VILA JOANIZA)	27	11,0
R. LUIS COUTINHO CAVALCANTI	283	18,4	AV. DAS AMERICAS	26	11,2
R. GOIAS	282	18,7	AV. MINISTRO EDGARD ROMERO	26	11,4
AV. VICENTE DE CARVALHO	277	19,0	ESTRADA DO ENGENHO NOVO	26	11,6
Total 30 ruas	18.326	19,0	Total 30 ruas	1.411	11,6
Total de ocorrências	96.408	100,0	Total de ocorrências	12.156	100,0

(*) Antiga Av. Automóvel Clube (**) Estrada Velha da Pavuna (***) Estrada Rio do Pau

Fontes: ISP/SSP-RJ e Disque-Denúncia RJ. **Elaboração:** IE/UFRJ – Projeto Prisma

Segundo os registros policiais, a Avenida Brasil é, de longe, a rua carioca com maior incidência de roubos de veículos: 3.641 de 2002 a 2005, uma média de 910 por ano, 76 por mês ou 2,5 por dia. Embora essa avenida atravessasse mais de 45 bairros, 80% dos roubos aconteceram em apenas 13 bairros, cada um com mais de 100 casos no período considerado, sendo o trecho de Bonsucesso o campeão absoluto de ocorrências (626), seguido dos trechos da Penha (473) e de Campo Grande, com 259. Desses treze bairros, 11 também aparecem na lista dos “piores” segundo os relatos ao Disque-Denúncia (tabela 7).

Tabela 7
Avenida Brasil:
Trechos com mais ocorrências policiais e com mais denúncias relacionadas a roubo de veículo no período 2002/2005

Rua	Trecho / bairro	Nº de ocorrências	Rua	Trecho / bairro	Nº de denúncias
AVENIDA BRASIL	BONSUCCESSO	626	AVENIDA BRASIL	BONSUCCESSO	30
	PENHA	473		BARROS FILHO	20
	CAMPO GRANDE	259		CAMPO GRANDE	18
	RAMOS	212		BANGU	17
	COELHO NETO	195		REALENGO	16
	IRAJÁ	182		PARADA DE LUCAS	14
	GUADALUPE	158		SÃO CRISTÓVÃO	14
	BANGU	157		CAJU	13
	BARROS FILHO	143		GUADALUPE	13
	REALENGO	143		PENHA	12
	PARADA DE LUCAS	141		IRAJÁ	11
	CAJU	120		BENFICA	9
	CORDOVIL	103		COELHO NETO	9
TOTAL DOS 13 TRECHOS	2.912	TOTAL DOS 13 TRECHOS	196		
TOTAL AVENIDA	3.641	TOTAL AVENIDA	231		

Fontes: ISP-RJ e Disque-Denúncia-RJ
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

A segunda rua com maior número de roubos registrados pela polícia (2.641) é a Av. Pastor Martin Luther King Jr. (antiga Av. Automóvel Clube), sendo que quase 93% dessas ocorrências, de 2002 a 2005, se concentraram em 10 dos 27 bairros que a avenida atravessa, todos os dez com mais de 100 registros no período considerado. Nove desses 10 bairros também constam como os “piores” trechos da avenida nos feitos relatos ao Disque-Denúncia de 2002 a 2005 (Tabela 8).

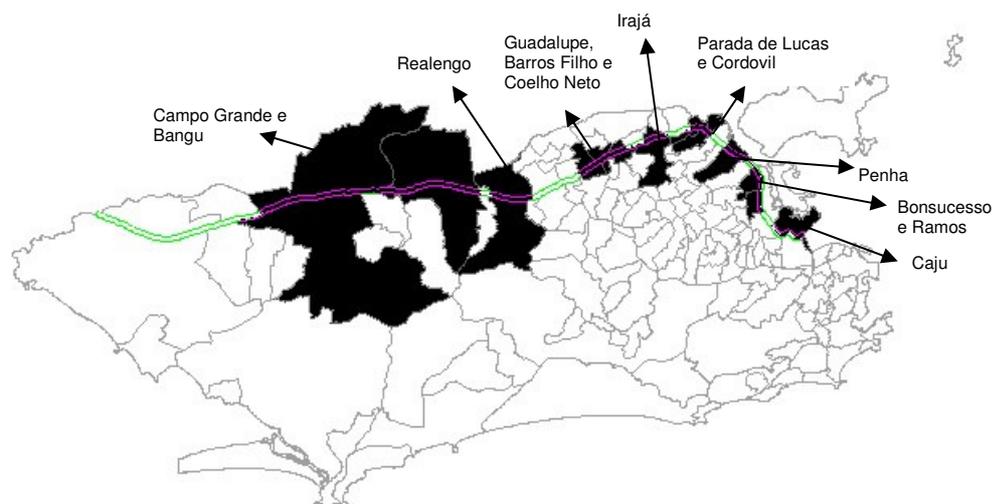
Tabela 8
Avenida Pastor Martin Luther King Jr. (Antiga Automóvel Clube)
 Trechos com mais ocorrências policiais e com mais denúncias
 relacionadas a roubo de veículo no período 2002/2005

Rua	Trecho / bairro	Nº de ocorrências	Rua	Trecho / bairro	Nº de denúncias
AV.PASTOR	INHAÚMA	493	AV.PASTOR	PAVUNA	26
MARTIN	VICENTE DE CARVALHO	400	MARTIN	INHAÚMA	14
LUTHER	ENGENHO DA RAINHA	345	LUTHER	ENGENHO DA RAINHA	11
KING JR.	PAVUNA	332	KING JR.	TOMÁS COELHO	11
	DEL CASTILHO	193		VICENTE DE CARVALHO	11
	TOMÁS COELHO	181		ACARI	6
	COELHO NETO	156		DEL CASTILHO	5
	ACARI	139		COELHO NETO	4
	IRAJÁ	107		COLÉGIO	3
	COSTA BARROS	102		IRAJÁ	2
TOTAL DOS 10 TRECHOS		2.448	TOTAL DOS 10 TRECHOS		93
TOTAL AVENIDA		2.641	TOTAL AVENIDA		93

Fontes: ISP-RJ e Disque-Denúncia-RJ
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

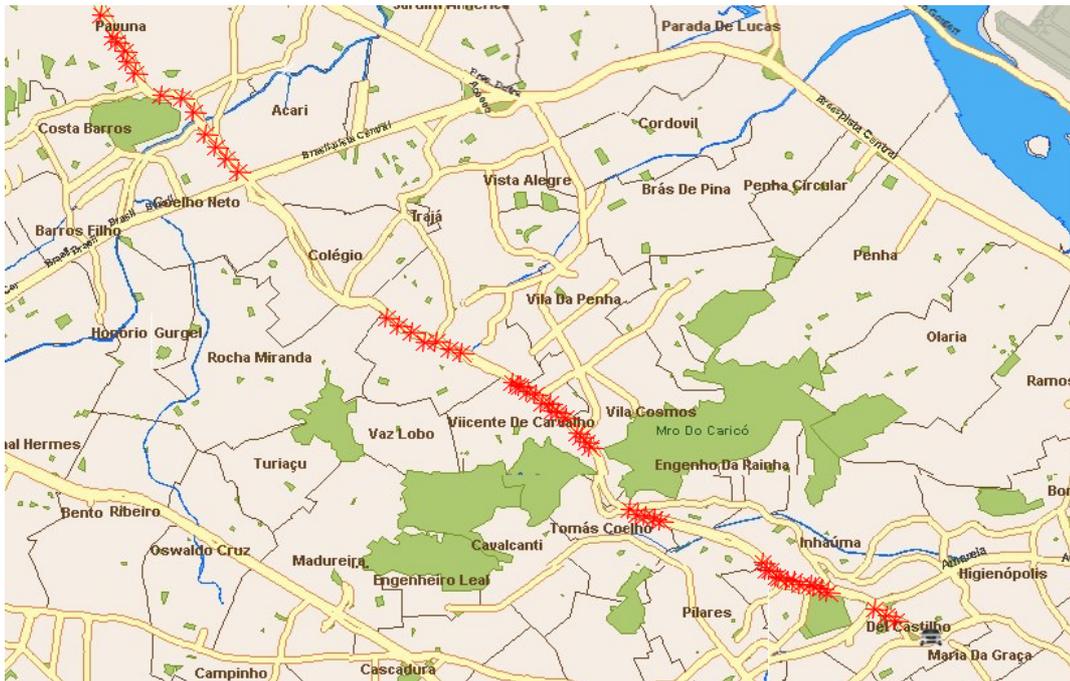
Nas figuras 4 e 5, abaixo, podem ser visualizados os trechos críticos das duas avenidas campeãs de ocorrências e de denúncias, definidos pelo cruzamento de ruas e bairros na base de dados do ISP.

Figura 4
Roubo de veículos: trechos críticos da Avenida Brasil, por bairros
 (mais de 100 ocorrências policiais no período 2002/2005)



Fonte: ISP/SSP-RJ, com base nos Registros de Ocorrência da Polícia Civil
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Figura 5
Roubo de veículos: trechos críticos da Avenida Pastor Martin Luther King Jr.
 (mais de 100 ocorrências policiais no período 2002/2005)



Fonte: ISP-RJ, com base nos Registros de Ocorrência da Polícia Civil

Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Mapa-base: Maplink [<http://maplink.uol.com.br>]

(Obs: as marcações em vermelho são apenas indicativas, não correspondem, em escala, ao volume de roubos registrados em cada trecho, nem aos pontos exatos onde os crimes ocorreram)

O terceiro lugar cabe à Av. D. Helder Câmara, mas com um o volume de casos (776) bem inferior aos das duas primeiras. Nos trechos que atravessam os bairros de Benfica, Del Castilho, Pilares, Jacaré e Cascadura, registraram-se mais de 70% dos roubos ocorridos nessa avenida.

As três grandes vias cariocas são responsáveis por 7,3% do total de registros policiais de roubo de veículo na cidade do Rio de Janeiro de 2002 a 2005. E, mesmo tendo um peso menor no conjunto de relatos feitos ao Disque-Denúncia, elas são também as mais citadas nesses relatos, correspondendo, juntas, a 3,3% do total de denúncias relacionadas a roubo de veículo no mesmo período.

Considerando agora todos os trechos (rua/bairro) informados nos registros policiais, pode-se montar um *ranking* mais abrangente, indicativo dos 30 pontos mais críticos em todo o município do Rio (tabela 9).¹⁷

¹⁷ Foram computadas somente as ocorrências e denúncias que continham *ambas* as informações, correspondentes a 95,7% dos registros policiais e a 95,6% dos relatos ao Disque-Denúncia.

Tabela 9
Roubos de veículo registrados pela Polícia Civil, por trechos de ruas
 (os 30 trechos com maiores números de ocorrências)
 Município do Rio de Janeiro - 2002/2005

Trechos de ruas	Ocor- rências	% acum.
Av. Brasil / Bonsucesso	626	0,7
Av. Pastor Martin Luther King Jr. / Inhaúma	493	1,2
Av. Brasil / Penha	473	1,7
Av. Pastor Martin Luther King Jr. / Vicente de Carvalho	400	2,2
Av. das Américas / Barra da Tijuca	381	2,6
Estrada Adhemar Bebiano / Inhaúma	376	3,0
Av. Ministro Edgar Romero / Madureira	375	3,4
R. Leopoldo Bulhões / Bonsucesso	350	3,8
Av. Pastor Martin Luther King Jr. / Engenho da Rainha	345	4,1
Av. Pastor Martin Luther King Jr. / Pavuna	332	4,5
Av. Coronel Fidas Tavora / Pavuna	319	4,8
R. Bulhoes Marcial / Vigário Geral	289	5,2
Rodovia Presidente Dutra / Jardim América	284	5,5
Av. Monsenhor Felix / Irajá	276	5,8
Av. Meriti / Vila da Penha	273	6,1
Av. Crisóstomo Pimentel de Oliveira / Pavuna	271	6,4
Av. Paulo de Frontin / Rio Comprido	267	6,6
Av. Brasil / Campo Grande	259	6,9
Linha Amarela / Bonsucesso	246	7,2
Estrada do Mendanha / Campo Grande	244	7,5
R. Luis Coutinho Cavalcanti / Guadalupe	243	7,7
Rodovia Presidente Dutra / Pavuna	236	8,0
Estrada João Paulo / Barros Filho	231	8,2
Av. Brigadeiro Trompowski / Ilha do Governador	225	8,5
Av. Brasil / Ramos	212	8,7
R. Bulhões Marcial / Parada de Lucas	210	8,9
R. Leopoldo Bulhões / Benfica	210	9,2
Estrada João Paulo / Honório Gurgel	206	9,4
Estrada Rio-São Paulo / Campo Grande	198	9,6
R. Prefeito Olimpio de Melo / Benfica	198	9,8
Total dos 30 trechos	9.048	9,8
Total de ocorrências*	92.272	100,0

(*) Consideradas apenas as ocorrências com informação de rua e bairro

Fonte: ISP -RJ, com base em Registros de Ocorrência da Polícia Civil

Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Observa-se nessa tabela que, além de partes das duas “piores” avenidas já mencionadas mais acima, constam dos trechos de maior incidência de roubo de veículos na cidade, entre outras, a Avenida das Américas na Barra da Tijuca, a Estrada Adhemar Bebiano em Inhaúma, a Av. Ministro Edgar Romero em Madureira e a R. Leopoldo Bulhões em Bonsucesso.

Vale notar também que, a esse nível de desagregação, há menos coincidências entre os trechos mencionados nos registros policiais e nas denúncias anônimas (são 11 trechos comuns, assinalados em itálico na tabela 10). Mas, coincidentes ou não, a maior parte dos “piores” trechos de ruas apontados em ambos os *rankings* localiza-se na zona norte da cidade,

como pode ser visualizado aproximadamente nas figuras 6 e 7, adiante. As figuras também sugerem que, quando não ocorrem nas vias expressas, os roubos de veículos tendem a acontecer nos acessos a essas vias ou em ruas secundárias próximas a elas – mas, evidentemente, só com um sistema de georreferenciamento que permitisse localizar no mapa todos os trechos mencionados pelo conjunto dos registros e das denúncias, mostrando, em escala, o volume de incidências em cada trecho, é que se poderiam conhecer mais precisamente os padrões espaciais de atuação da modalidade de delito focalizada.

Tabela 10
**Denúncias de fatos relacionados a roubo de veículos
 recebidas pelo Disque-Denúncia, por trechos de ruas**
 (os 30 trechos com maiores números de denúncias)
 Município do Rio de Janeiro - 2002/2005

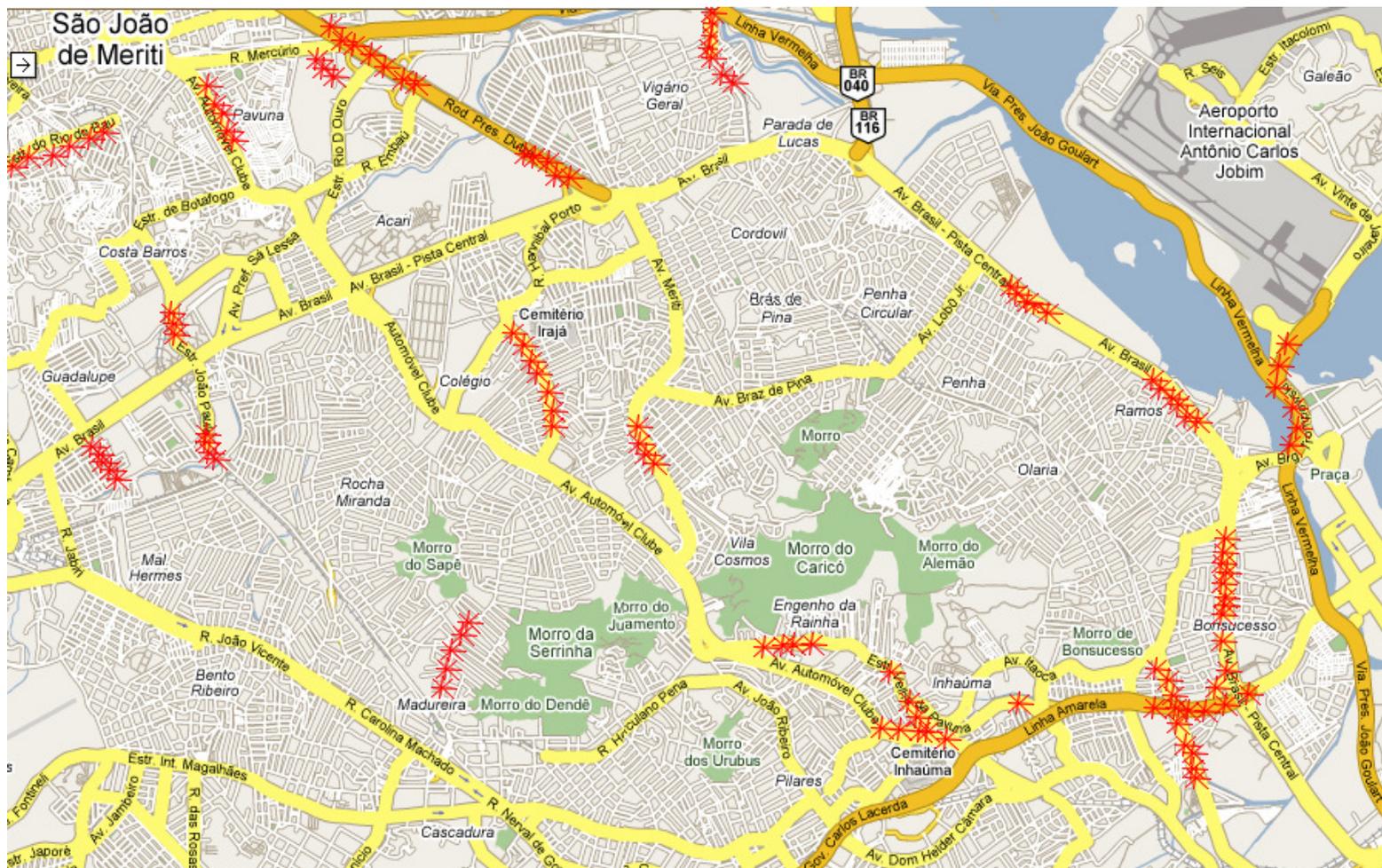
Trechos de ruas	Denúncias	% acum.
<i>R. Luis Coutinho Cavalcanti / Guadalupe</i>	54	0,5
Av. João Ribeiro / Pilares	44	0,8
<i>Estrada Adhemar Bebiano / Inhaúma</i>	40	1,2
R. Javata / Anchieta	38	1,5
<i>Estrada João Paulo / Honório Gurgel</i>	38	1,8
R. Tessalia / Vila da Penha	38	2,2
<i>R. Leopoldo Bulhões / Benfica</i>	37	2,5
R. Camarista Meier / Engenho de Dentro	37	2,8
R. Conde de Bonfim / Tijuca	37	3,1
R. Araujo Leitão / Engenho Novo	36	3,4
Estrada de Botafogo / Costa Barros	33	3,7
R. São Miguel / Tijuca	33	4,0
Av. Itaoca / Bonsucesso	31	4,3
Av. Brasil / Bonsucesso	30	4,5
R. Araponga / Ilha do Governador	27	4,7
<i>Av. Pastor Martin Luther King Jr. / Pavuna</i>	26	5,0
<i>Av. Monsenhor Felix / Irajá</i>	25	5,2
<i>R. Bulhões Marcial / Vigário Geral</i>	25	5,4
Av. Sargento Isanor de Campos / Deodoro	24	5,6
R. Fernando Lobo / Ricardo de Albuquerque	24	5,8
Av. Dom Helder Câmara / Benfica	23	6,0
<i>Estrada do Mendanha / Campo Grande</i>	23	6,2
<i>Av. Ministro Edgard Romero / Madureira</i>	23	6,4
R. Barão / Praça Seca	23	6,6
<i>Av. das Américas / Barra da Tijuca</i>	22	6,8
R. Canitar / Inhaúma	22	7,0
R. Barão de Petrópolis / Rio Comprido	22	7,2
R. Fernão Cardim / Engenho de Dentro	21	7,3
Estrada Gabinal / Freguesia	21	7,5
<i>Av. Crisóstomo Pimentel de Oliveira / Pavuna</i>	21	7,7
Total dos 30 trechos	898	7,7
Total de denúncias*	11.656	100,0

(*) Consideradas apenas as denúncias com informação de rua e bairro

Fonte: Disque-Denúncia RJ.

Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Figura 6
22 dos 30 trechos com maiores números de registros policiais – Município do Rio de Janeiro – 2002/2005



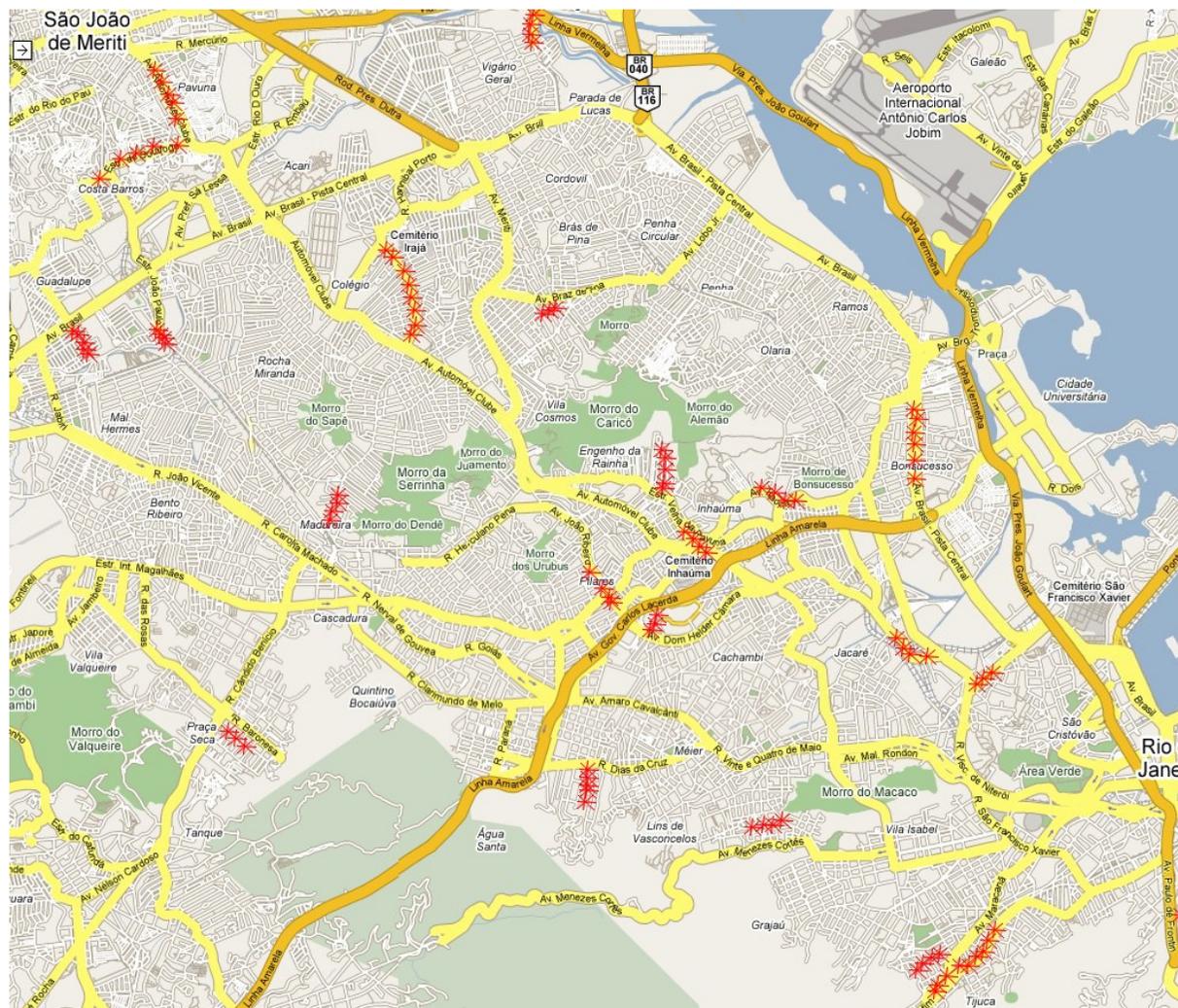
Fonte: ISP-RJ, com base nos Registros de Ocorrência da Polícia Civil

Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Mapa-base: Instituto Pereira Passos/Portal Geo/Mapa do Rio de Janeiro (<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/googlemaps>)

(Obs: as marcações em vermelho são apenas indicativas, não correspondem, em escala, ao volume de roubos registrados em cada trecho, nem aos pontos exatos onde os crimes ocorreram)

Figura 7
23 dos 30 trechos com maiores números de denúncias – Município do Rio de Janeiro – 2002/2005



Fonte: Disque-Denúncia RJ

Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

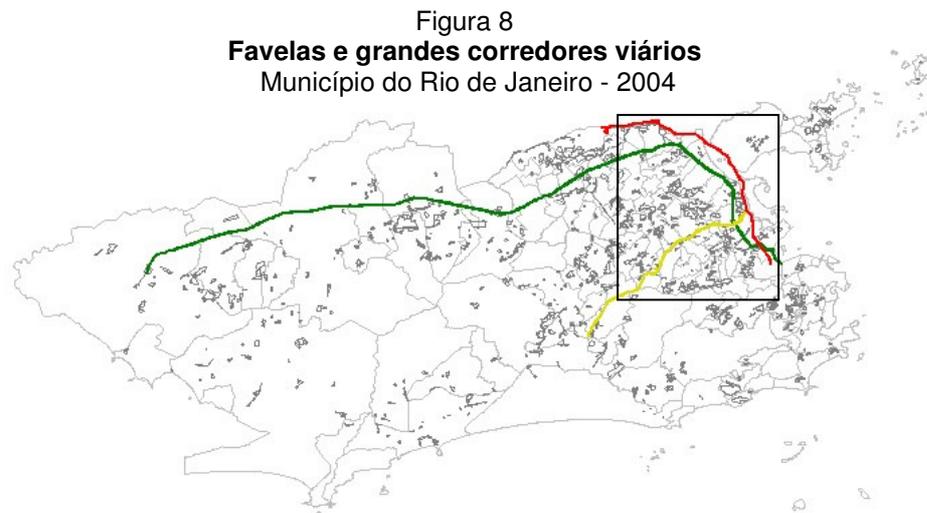
Mapa-base: Instituto Pereira Passos/Portal Geo/Mapa do Rio de Janeiro (<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/googlemaps>)

(Obs: as marcações em vermelho são apenas indicativas, não correspondem, em escala, ao volume de denúncias relativas a cada trecho, nem aos pontos exatos a que se referem os fatos relatados)

2.5. Desdobramentos

Em síntese, apesar de a “indústria” de roubos de veículos ser muito pervasiva no Rio de Janeiro, podendo atacar em todas as áreas e em grande parte das vias públicas da cidade, a análise da sua distribuição geográfica mostra que ela atua concentradamente na zona norte e, dentro desta, em certos bairros, ruas e trechos de ruas. À primeira vista, a presença de grandes corredores viários (Linhas Vermelha e Amarela, Av. Brasil, Rodovia Presidente Dutra etc.) atravessando ou tangenciando bairros pobres, muitos dos quais com alto grau de favelização (ver figura 8), parece formar o ambiente propício para a altíssima incidência do crime nessa parte da cidade, responsável, como vimos, por 68% de todos os registros policiais e por 63% de todas as denúncias relacionadas a roubos de veículos no município entre 2002 e 2005.

Um dos desdobramentos possíveis desta pesquisa-piloto seria correlacionar os dados de roubo de veículos a variáveis sócio-econômicas e de infra-estrutura urbana dos bairros e setores censitários da zona norte, para tentar identificar mais precisamente os fatores que favorecem a concentração do delito na região e, em particular, nos pontos mapeados pelos dados do ISP e do Disque-Denúncia.



Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro/Instituto Pereira Passos
Mapa-base: Rio Atlas
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Estudo realizado na cidade de São Paulo em 2004 associou locais e horários de ocorrência de alguns tipos de crimes a uma série de indicadores sócio-demográficos e urbanos, concluindo que, no caso dos roubos de veículos, 62% da variabilidade se explicava por fatores de infra-estrutura como número de avenidas, praças, estabelecimentos comerciais, educacionais e bancários, e 38% por características sociais da população residente em cada área (Olsén *et al.*, p. 67).

Já a pesquisa *Roubos na cidade do Rio de Janeiro – uma análise locacional*, utilizando dados de 2003, encontrou correlação negativa entre taxas de roubo de veículos por 100 mil habitantes e renda média da população residente, e entre as mesmas taxas e variáveis de “subdesenvolvimento” urbano – indicando, portanto, que regiões mais pobres e menos urbanizadas como a zona norte seriam os cenários mais propícios a esse tipo de crime (Morais, 2006, p. 91).¹⁸

Vimos que os roubos de veículos parecem pouco frequentes *dentro* das favelas, seja porque há relativamente poucos veículos cobiçáveis, seja pela vigência das “leis” impostas por traficantes, “milicianos”, grupos de extermínio etc. que inibem esse e outros tipos de delitos no interior das comunidades de baixa renda (ou inibem o registro e a denúncia dos crimes que aí ocorrem). Tampouco é nos bairros mais favelizados que se registra o crime em maior quantidade. Embora, quando se consideram as grandes áreas do município, haja correlação positiva entre volume de roubos de veículos e proporção da população vivendo em “aglomerados subnormais”, essa correlação se torna nula ou negativa quando o foco são os bairros da cidade como um todo ou os da zona norte em particular.¹⁹

Por outro lado, sabe-se que, nas áreas com baixa regulação do poder público – favelas, periferias –, funcionam com mais desenvoltura atividades ilegais que vão desde o tráfico de drogas e de armas até a exploração de serviços clandestinos de transporte, fornecimento de gás etc., passando pelo depósito e/ou desmonte de veículos roubados e furtados. A leitura preliminar dos relatos feitos ao Disque-Denúncia sugere que a farta presença e a facilidade de operação dessas estruturas ilegais a montante (quadrilhas, lideranças criminosas, tráfico de drogas e de armas) e a jusante (desmanche, revenda e uso de carros roubados/furtados), situadas nas vizinhanças de avenidas com alto volume de tráfego, pode estar entre os fatores explicativos da altíssima incidência dos roubos de veículos na zona norte e, secundariamente, também na zona oeste da cidade.

Para que se possa avançar no diagnóstico do problema, é necessária, contudo, uma investigação aprofundada que não só compare variáveis criminais, demográficas, econômicas, sociais, habitacionais e urbanísticas dos bairros cariocas, mas também agregue um

¹⁸ Pode-se questionar, nessa pesquisa, o uso de taxas por 100 mil habitantes para comparações intramunicipais, uma vez que as vítimas típicas de roubo de veículo são pessoas em trânsito, abordadas, como se viu acima, sobretudo em grandes avenidas ou nos seus arredores, muitas delas, talvez a maioria, residentes em áreas distintas daquelas onde sofrem os roubos. A ponderação pela população residente faz, por exemplo, com que o centro da cidade do Rio apareça com taxas artificialmente altas (Morais, 2006, p. 88), por ser enorme a desproporção entre o número de moradores e o tamanho da população flutuante que frequenta essa área nos dias úteis.

¹⁹ Para todos os bairros da cidade, no caso das ocorrências policiais, obtivemos um coeficiente de correlação de -0,11 e, especificamente para os bairros das zonas norte, de -0,23. No caso das denúncias ao DD, os coeficientes foram de -0,04 para os bairros da cidade toda e de -0,14 para os da zona norte. Os dados sobre favelas por bairros são do Censo 2000, divulgados pela Prefeitura do Rio de Janeiro. [<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>]

mapeamento geográfico da própria “infra-estrutura” dos roubos de veículos (pontos de receptação, desmanche etc.) – o que pode ser feito a partir das denúncias anônimas da população. Esta última linha de trabalho já é explorada, de certo modo, pelo Disque-Denúncia, nos relatórios descritivos que encaminha à Secretaria de Segurança, mas pode ser desenvolvida de forma mais abrangente e mais sistemática, combinando análise quantitativa e qualitativa do material disponível.

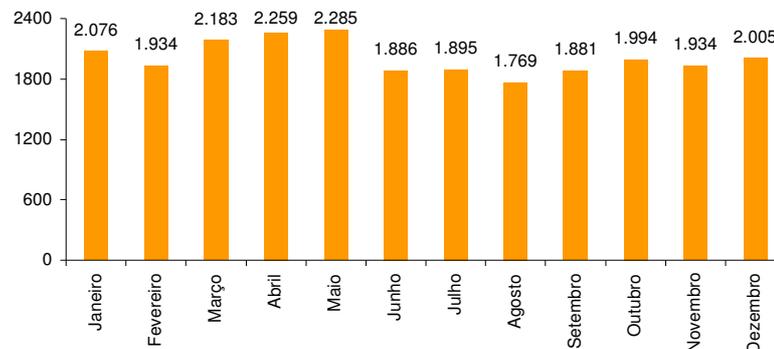
Antes, porém, de focalizarmos o conteúdo das denúncias, analisaremos alguns dados relativos à temporalidade dos roubos de veículos e ao perfil de vítimas e agressores desse tipo de crime.

3. Distribuição temporal das ocorrências

Conforme já se assinalou, as variáveis temporais só existem para quantificação imediata na base de registros de ocorrência do ISP. Na de denúncias, elas teriam de ser “pinçadas” dos campos abertos (narrativos), já que nos fechados só se registram a data e a hora em que foi feita a comunicação ao DD. O panorama abaixo restringe-se, portanto, às informações provenientes das ocorrências policiais.

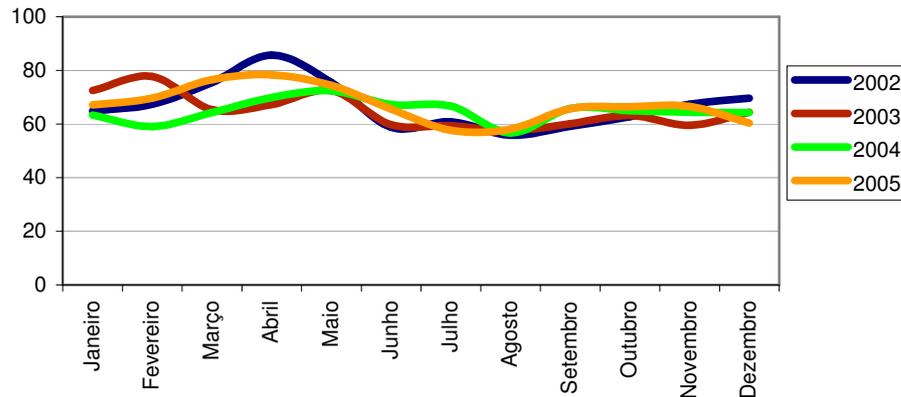
Março, abril e maio, de acordo com o gráfico 10, foram os três piores meses do ano no período 2002/2005, seguidos de janeiro e dezembro. Mas é importante notar também a alta incidência absoluta desse tipo de crime em *todos* os meses do ano: mesmo agosto, com a menor média do período, ficou somente cerca de 20% abaixo dos meses de pico. Embora fosse necessária uma série mais longa para comprová-lo, o gráfico 11 indica a existência de um padrão sazonal “fraco” no tipo de crime focalizado.

Gráfico 10
Média anual de roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por meses do ano
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005



Fonte: ISP/SSP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

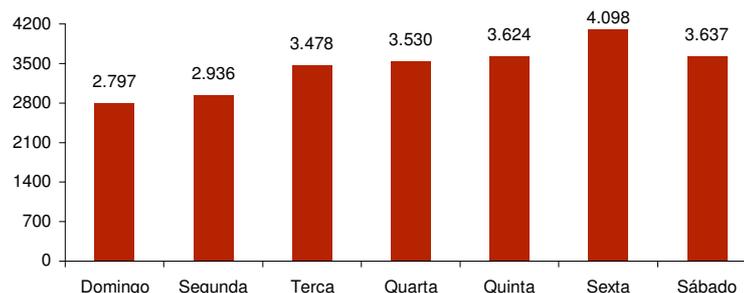
Gráfico 11
Média diária de roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por meses do ano
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005



Fonte: ISP/SSP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Quanto à variação do número de roubos por dias da semana, os gráficos 12 e 13 mostram que a incidência do crime cresce continuamente de segunda a sexta-feira, caindo aos sábados e domingos. Isso contrasta com o comportamento de outros tipos de crimes violentos, como homicídios, ameaças e agressões físicas e sexuais, que tendem a aumentar significativamente nos finais de semana.²⁰ Não se deve perder de vista, contudo, que na cidade Rio de Janeiro, mesmo no domingo (dia “mais seguro” da semana), há uma quantidade extremamente elevada de roubos de veículos: quase 2.800 casos, em média, entre 2002 e 2005.

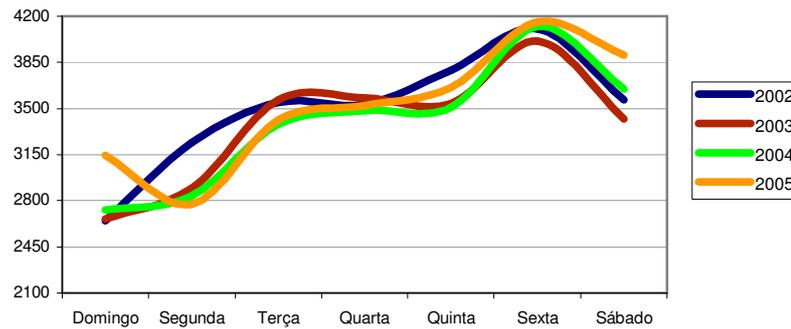
Gráfico 12
Média anual de roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por dias da semana
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

²⁰ No município de São Paulo, entre outubro de 2000 e julho de 2003, a maior incidência de homicídios dolosos, ameaças e estupros foi registrada de sexta a domingo, ao contrário de crimes contra o patrimônio como furto e roubo de veículos, roubo a transeunte e roubo a residência, mais frequentes nos dias úteis (OLSÉN *et al.*, 2004). Sobre os homicídios em São Paulo, ver também GAWRYSZEWSKI, KAHN e JORGE, 2004). O mesmo padrão temporal dos homicídios foi verificado em Belo Horizonte nos períodos 1995/2000 (SILVA, s/d) e 2005/2006 (SDS-MG, 2007). Para o Rio de Janeiro NÃO há informações recentes sobre temporalidade dos homicídios, mas, segundo a pesquisa de vitimização do NUPEVI, 61% das pessoas que já haviam sofrido algum tipo de agressão física disseram que a última experiência ocorrera em feriados ou finais de semana, enquanto 79% das pessoas que haviam sofrido algum tipo de roubo relataram que o último episódio ocorrera num dia útil (NUPEVI, 2006).

Gráfico 13
Roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por dias da semana
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

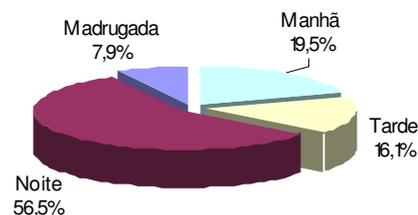


Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil

Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Mais da metade dos crimes ocorreu à noite, entre 19:00 e 24:00 horas, e quase 36% nos horários da manhã ou da tarde. A madrugada (0-6 horas), período de alto risco para crimes como homicídios e agressões sexuais,²¹ é o de menor incidência dos roubos de veículos (gráfico 14) e, de modo geral, dos crimes contra o patrimônio que têm como vítimas típicas pessoas em trânsito.

Gráfico 14
Roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por horários
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em %)



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil

Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

4. Perfis de vítimas e autores ²²

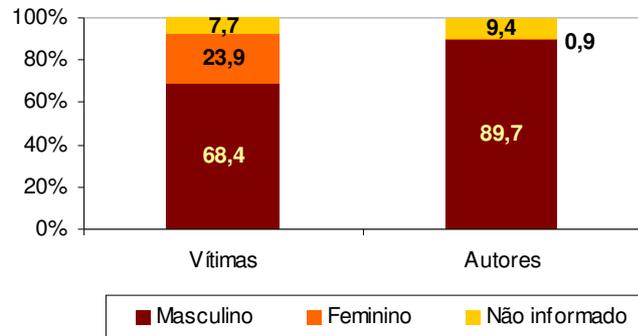
O preenchimento precário dos campos referentes a vítimas e autores dos roubos de veículos, como já foi mencionado, dificulta muito a tentativa de identificar perfis típicos de uns e de outros. A distribuição por sexo (gráfico 15) é a única com uma cobertura razoavelmente alta nas informações do ISP e mostra que os homens predominam tanto entre

²¹ Cf. OLSÉN *et al.* (2004) e MORAES, SOARES e CONCEIÇÃO (2005).

²² Diferentemente das distribuições examinadas até agora, que se referem ao total de registros de ocorrência, os dados de perfil a seguir se referem aos totais de vítimas e de autores, que, em média, são mais de um por registro. Para os 96.408 registros do período 2002-2005, foram computados 214.997 autores e 124.679 vítimas.

as vítimas quanto entre os agressores, mas numa proporção muito maior no último caso (quase 90%, contra 68% no caso das vítimas).

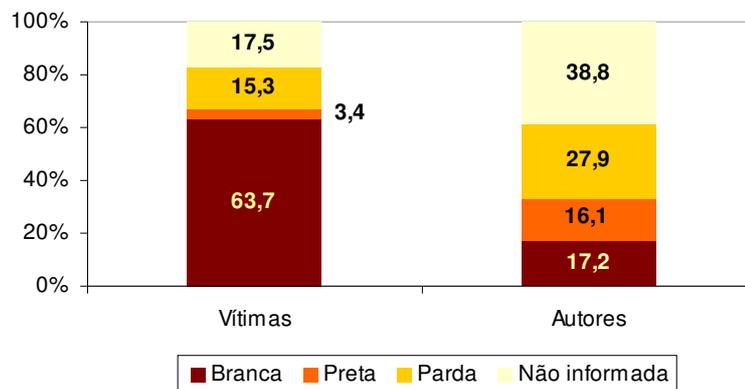
Gráfico 15
Vítimas e autores de roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por sexo
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em %)



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Por sua vez, a distribuição segundo raça/cor mostra uma maioria de brancos entre as vítimas e uma minoria entre os autores (gráfico 16). Ressalve-se, porém, que nessa variável são muito elevadas as proporções de *missing*, tanto para vítimas (17,5%) quanto, sobretudo, para autores (38,8%), o que distorce sobremaneira a comparação.

Gráfico 16
Vítimas e autores de roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por raça/cor
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em %)

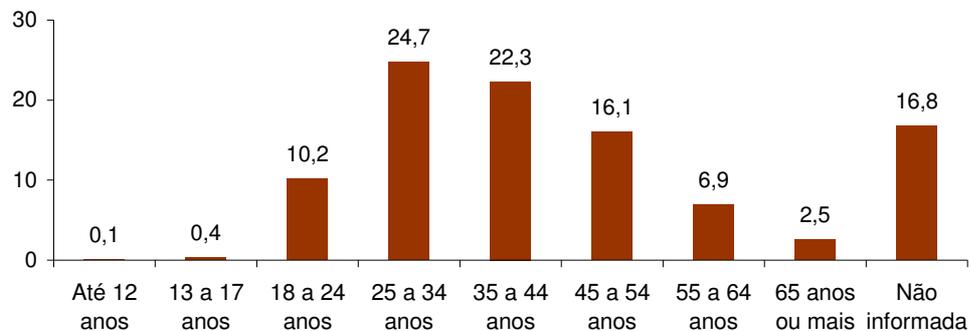


Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Quanto à idade das vítimas, a faixa de maior frequência é de 25 a 34 anos, seguida de 33-44 e 45-54 (gráficos 17 e 18). Possivelmente porque dirigem menos, os muitos jovens e os mais velhos tendem a sofrer menos esse tipo de crime. Para se afirmar isso com segurança, porém, seria necessário conhecer a composição etária da parcela da população que possui ou

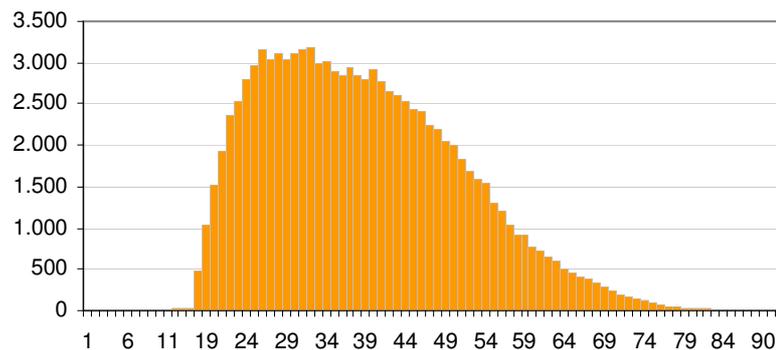
dirige veículos e compará-la à das pessoas que tiveram seus veículos roubados.²³ Já o perfil etário dos autores não pode sequer ser indicado, visto que em mais de 90% dos casos essa informação era desconhecida.

Gráfico 17
Vítimas de roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por faixas etárias
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em %)



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Gráfico 18
Vítimas de roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por idades
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (distribuição dos casos válidos, em números absolutos)



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

As últimas duas variáveis contidas na base do ISP – profissão e escolaridade – são ainda menos aproveitáveis para o desenho dos perfis. No primeiro caso porque, além de 20% dos campos não terem sido preenchidos, em quase 32% dos registros válidos lançou-se apenas uma categoria genérica “empregados”, que muito pouco informa sobre a ocupação dessa parcela de vítimas; só indica que não se trata nem de empregadores nem de desempregados (gráfico 19). No conjunto, portanto, menos da metade das ocorrências contém dados específicos para se fazer uma tipologia e um *ranking* de vulnerabilidade aos roubos de

²³ O Denatran fornece essa informação, mas desagregada por Unidades da Federação, não por municípios. No estado do Rio de Janeiro como um todo, de acordo com o órgão, 75% dos motoristas (amadores e profissionais) tinham de 26 a 60 anos de idade em dezembro de 2005, sendo quase 60% na faixa de 26 a 50 anos [http://www.infoseg.gov.br/renaest/detalheNoticia.do?noticia.codigo=114].

veículos por tipo de profissão. Mesmo assim, vale a pena destacar algumas características dessa distribuição:

- É pequena a parcela de pessoas desempregadas ou desocupadas e, embora significativo como categoria isolada, também é pequeno o peso dos aposentados e pensionistas no universo de vítimas; em outras palavras, a grande maioria dos que sofreram roubo de veículo no período considerado compunha-se de trabalhadores e empregadores ativos.
- Afora a parcela genérica de “empregados”, têm maior expressão conjunta as ocupações ligadas aos setores de comércio e serviços (exceto serviço público) que não exigem curso superior.²⁴
- Em seguida, os mais vitimados por roubo de veículo seriam funcionários públicos (17% dos quais, é interessante notar, ligados à segurança pública: policiais militares, civis, federais, bombeiros e guardas municipais); depois viriam empresários/empregadores e profissionais de nível superior.²⁵

Gráfico 19
Vítimas de roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, por tipo de profissão
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em %)



(*) Exceto funcionários públicos

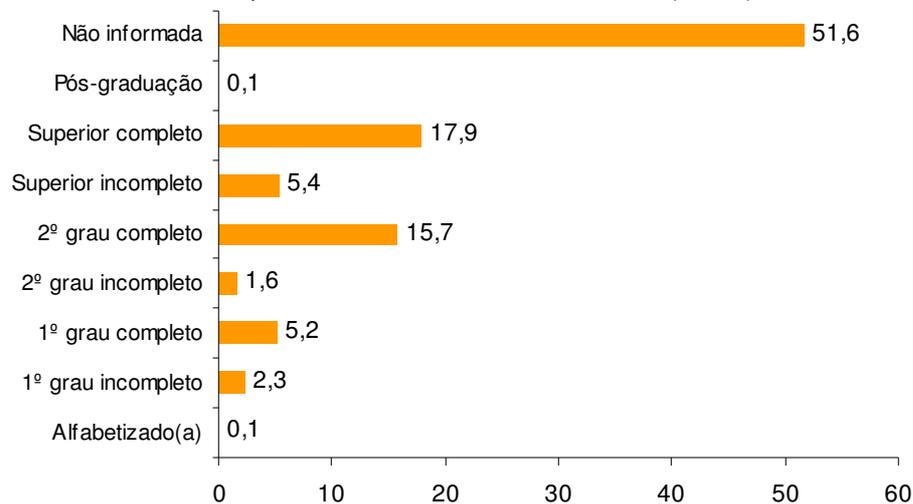
Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

²⁴ Agregamos nessa rubrica 114 diferentes profissões: balconistas, recepcionistas, atendentes, telefonistas, almoxarifes, vigilantes, técnicos e auxiliares de diversas áreas, comerciantes, comerciários, digitadores, jardineiros, porteiros e assim por diante. Além de excluir funcionários públicos, computamos à parte também as ocupações ligadas ao setor de transportes (motoristas profissionais, cobradores, motoboys etc.), que representavam em conjunto uma parcela pequena mas significativa (2,2%) do total de vítimas registradas.

²⁵ Foram agrupadas na última rubrica várias profissões que exigem obrigatoriamente curso universitário: advogados, médicos, psicólogos, economistas, arquitetos etc. (excluídos os funcionários públicos). O que não significa, porém, que só as vítimas que declararam esses tipos de profissões possuíam nível superior de instrução. Como se verá logo adiante, a proporção de pessoas com curso universitário completo é bem mais alta que essa: quase 18% do total de casos e 37% dos casos válidos (com informação de escolaridade).

Com relação à escolaridade, variável que poderia servir como *proxy* para classe social das vítimas, menos ainda se pode dizer, dado que o número de campos sem informação ultrapassa a metade do total de vítimas registradas, como se vê no gráfico 20. Poder-se-ia afirmar apenas que a proporção de vítimas com pelo menos segundo grau completo (39%) é inferior à parcela de pessoas com o mesmo nível educacional no total da população carioca com 18 anos ou mais de idade (42,4%, segundo o Censo Demográfico de 2000).²⁶ Entretanto, dependendo de como se distribuíssem os 51,6% de casos sem informação, a parcela de vítimas mais escolarizadas poderia se revelar superior à do conjunto da população adulta do município.

Gráfico 20
Vítimas de roubos de veículos registrados pela Polícia Civil, segundo escolaridade
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em %)



Fonte: ISP-RJ, com base em registros de ocorrência da Polícia Civil
 Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

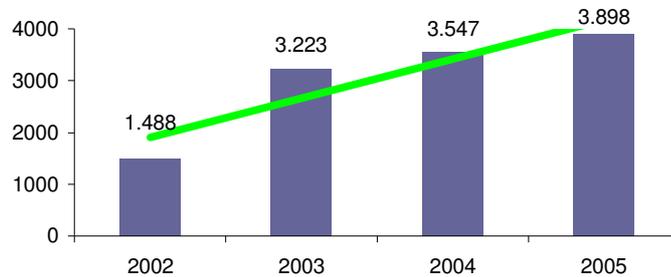
Em síntese, o pouco que se pode extrair dos dados do ISP sobre as vítimas de roubos de veículos no Rio de Janeiro, com base nos casos registrados de 2002 a 2005, indica que se trata na maioria de homens adultos, na faixa de 25 a 50 anos, brancos e ocupados no dia de referência (o do registro do crime). Quanto aos agressores, sabe-se apenas que são, na esmagadora maioria, homens e que a proporção de brancos entre eles é menor do que a verificada entre as vítimas.

²⁶ IBGE, Censo Demográfico 2000 [<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/>].

5. “Vozes da cidade”: conteúdo das denúncias

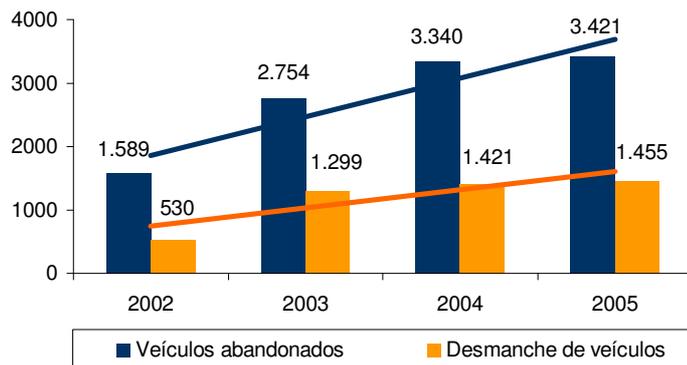
Uma primeira constatação sobre o universo de relatos feitos ao Disque-Denúncia acerca dos roubos de veículos é o aumento do seu número ao longo dos anos focalizados nesta pesquisa (gráfico 21), aumento que acompanha o crescimento geral da quantidade de denúncias encaminhadas à Central no mesmo período (cf. Disque-Denúncia, 2007). Vale notar que é crescente também o volume de comunicações cujo tema principal é o desmanche ou o abandono de veículos, como mostra o gráfico 22.

Gráfico 21
Evolução do número de denúncias relacionadas a roubo de veículo
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em números absolutos)



Fonte: Disque-Denúncia RJ
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Gráfico 22
Evolução do número de denúncias relacionadas a desmanche e abandono de veículos
Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em números absolutos)

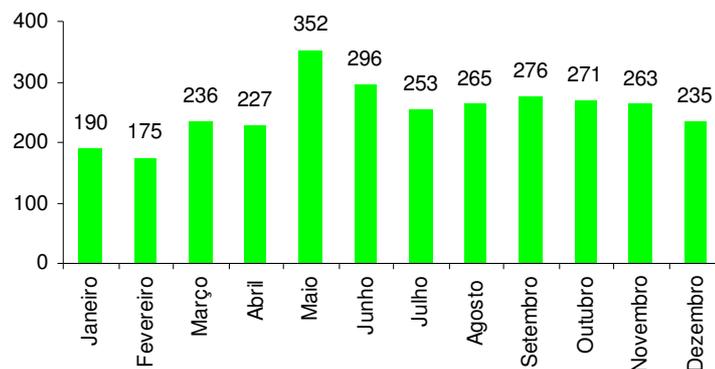


Fonte: Disque-Denúncia RJ
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Por sua vez, os gráficos 23, 24 e 25 mostram a temporalidade das denúncias relacionadas a roubos de veículos (incidência por meses, dias da semana e horário), revelando algumas semelhanças com a distribuição dos registros de ocorrência policiais, vista no item 3, mas também diferenças importantes, como os horários de comunicação dos relatos,

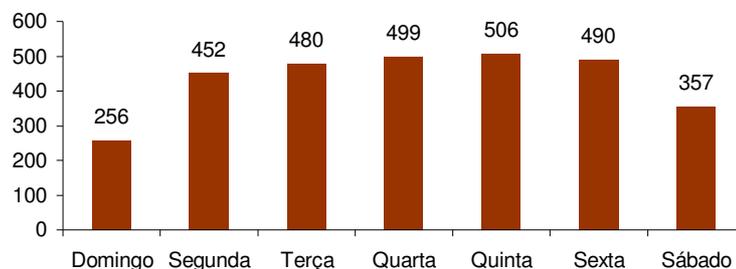
majoritariamente de manhã e à tarde, ao passo que os roubos reportados à polícia acontecem em maior proporção no horário noturno. Isso não significa que as denúncias não se refiram também a fatos sofridos ou presenciados majoritariamente à noite. Significa apenas que a informação diretamente recuperável e quantificável a partir dos campos fechados do formulário de denúncia por enquanto só permite conhecer o mês, dia e hora em que ela foi acolhida pela Central. Com algumas mudanças relativamente simples no método de classificação dos relatos, que serão sugeridas mais adiante, talvez se venha a constatar no futuro uma congruência temporal tão grande entre ocorrências e denúncias quanto a verificada na distribuição geográfica dos dois conjuntos de dados.

Gráfico 23
Denúncias relacionadas a roubo de veículo,
segundo mês de recepção da denúncia
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em %)



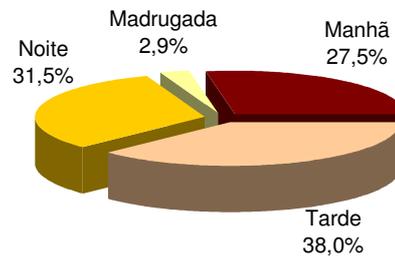
Fonte: Disque-Denúncia RJ
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Gráfico 24
Média anual de denúncias relacionadas a roubo
de veículo, segundo dia de recepção da denúncia
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005



Fonte: Disque-Denúncia RJ
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Gráfico 25
**Denúncias relacionadas a roubo de veículo,
 segundo horário de recepção da denúncia**
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005 (em %)



Fonte: Disque-Denúncia RJ
Elaboração: IE/UFRJ – Projeto Prisma

Na impossibilidade de ler todos os campos abertos das mais de 12 mil denúncias sobre roubos de veículos e fatos conexos, selecionamos uma amostra de 364 relatos referentes aos 30 bairros com *maiores* números de denúncias – 25 dos quais, como vimos, também estão entre os de maiores volumes de registros policiais.²⁷ Além disso, examinamos todas as 147 narrativas referentes aos 30 bairros com *menores* números de denúncias – dos quais, como também foi visto, 22 estão entre os de menores volumes de ocorrências policiais.

O objetivo, nesta etapa da pesquisa, não foi extrair dados quantificáveis dos campos textuais, e sim fazer um mapeamento preliminar dos tipos de informações neles contidos, ilustrando as possibilidades de utilização desse material como complemento aos dados estatísticos sobre roubos de veículos no Rio de Janeiro. O foco nos dois extremos da distribuição de frequência – bairros “piores” e “melhores” – teve como propósito verificar se há variações significativas no conteúdo das denúncias relativas a roubo de veículo vindas de áreas com graus muito diferentes de incidência do crime.

5.1. “Piores” bairros

Inicialmente, cabe registrar o impacto que causa a leitura seqüenciada das denúncias, mesmo numa pequena amostra e mesmo tratando-se de relatos já padronizados pela escrita dos atendentes. Vistas em conjunto, as narrativas sobre os 30 “piores” bairros traduzem em palavras o que se constatou antes em números: a recorrência infundável dos roubos, a concentração dos mesmos em determinados locais, a facilidade de coagir as vítimas pelo uso

²⁷ A amostragem foi feita sobre as 6.829 denúncias referentes aos 30 “piores” bairros, que correspondem a mais da metade do total de denúncias relacionadas a roubo de veículo (ver tabela 4 acima). Extraí-se daí uma amostra aleatória simples de tamanho 364, com intervalo de confiança de 95% e erro máximo relativo de 5%.

de armas de fogo. São “vozes da cidade” que transmitem o clima de insegurança, quando não de terror, imperante nas áreas onde é altíssima a incidência de crimes e onde já se tornaram parte da paisagem a circulação de quadrilhas armadas, o tráfico de drogas, os homicídios, os depósitos de objetos roubados e a impotência ou a corrupção da polícia. Eis algumas dessas “vozes” vindas das zonas norte e oeste do Rio de Janeiro:²⁸

INFORMOU QUE NO ENDEREÇO CITADO LOCALIZA-SE UM TERRENO ABANDONADO E QUE CERCA DE 10 (DEZ) TRAFICANTES (NÃO IDENTIFICADOS), DIARIAMENTE, POR VOLTA DAS 19:30h, VENDEM E CONSOMEM DROGAS. ACRESCENTA AINDA QUE ASSALTAM OS MORADORES DURANTE O DIA INTEIRO, TANTO NA RUA QUANTO NAS CASAS. RELATOU QUE OS TRAFICANTES CHEGAM AO LOCAL DE MOTO, CARRO E ATÉ MESMO A PÉ, COLOCANDO OS VEÍCULOS NA CALÇADA EM FRENTE. DISSE QUE UM DELES TEM UM CACHORRO DOBERMAN. ONTEM, POR VOLTA DAS 07:00h, ASSALTARAM UM MORADOR, QUE MORA EM FRENTE A ESSE TERRENO, QUE ESTAVA SAINDO DE CASA, OBRIGARAM-NO A ENTRAR EM CASA E ROUBARAM OBJETOS (NÃO SOUBE DIZER O QUE) DA CASA. HÁ CERCA DE 2 MESES, ANTES QUE UM OUTRO MORADOR ENTRASSE EM CASA, ASSALTARAM-NO LEVANDO DINHEIRO E O CARRO. PEDE PARA QUE OS POLICIAIS CHEGUEM PELAS DUAS RUAS, CERCANDO-OS, PORQUE ALGUNS POLICIAIS ESTIVERAM LÁ OUTRAS VEZES E ELES FUGIRAM PELA OUTRA RUA, SEMPRE PELO LADO OPOSTO EM QUE OS POLICIAIS CHEGAM. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS URGENTES.

RELATA QUE NA RUA CITADA, PRÓXIMO AO X DA AVENIDA Y, PODEM SER ENCONTRADOS DIARIAMENTE, A QUALQUER HORÁRIO, TRÊS INDIVÍDUOS CONHECIDOS COMO "A" VULGO "B", "C" E "D". INFORMA QUE OS MESMOS TAMBÉM PODEM SER ENCONTRADOS NO PONTO W (CONHECIDA PRAÇA...), NO CAMPÃO (CAMPO DENTRO DO CONDOMÍNIO), PRÓXIMO A "K" E NA RUA "T", PRÓXIMO AO "V". CITA QUE OS INDIVÍDUOS, EX- PRESIDÁRIOS, HÁ MAIS DE 02 (DOIS) ANOS, VÊM SE ENCONTRANDO NOS LOCAIS REFERIDOS, ARMADOS DE PISTOLA 9 (NOVE) MILÍMETROS, PISTOLA CALIBRE 40 (QUARENTA) E REVÓLVER CALIBRE 38 (TRINTA E OITO) TRAMANDO ROUBOS DE AUTOS, HOMICÍDIOS E ASSALTOS A BANCOS. AFIRMA QUE OS INDIVÍDUOS JÁ COMETERAM 04(QUATRO) ASSASSINATOS, SENDO OS [seguem nomes das vítimas, datas e locais dos homicídios]. DIZ QUE OS MORADORES NÃO ESTÃO AGUENTANDO MAIS ESSA SITUAÇÃO E DESEJAM O POLICIAMENTO NO LOCAL. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

RELATA QUE NA RUA MENCIONADA, ESQUINA COM A RUA X, ESTÃO OCORRENDO DIVERSOS ROUBOS DE VEÍCULOS DIARIAMENTE, A QUALQUER HORÁRIO, SENDO CERTO QUE OS ILÍCITOS SÃO REALIZADOS POR CERCA DE DOIS A TRÊS INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS), QUE PORTAM ARMAS DE FOGO. INFORMA QUE POR DIA SÃO ROUBADOS ATÉ MAIS DE CINCO VEÍCULOS. CITA QUE TAL FATO ESTÁ DEIXANDO OS MORADORES E COMERCIANTES DA LOCALIDADE APAVORADOS JÁ QUE NÃO HÁ QUALQUER POLICIAMENTO NO LOCAL, MESMO MEDIANTE A GRANDE QUANTIDADE DE ROUBOS QUE CERTAMENTE SÃO REGISTRADOS NA DELEGACIA LOCAL. SEM MAIS, SOLICITA PROVIDÊNCIAS URGENTES.

INFORMA QUE NO TRECHO EM FRENTE À PASSARELA DO X, OCORREM CONSTANTES ASSALTOS SEGUIDOS DE MORTE, MAIS PRECISAMENTE NOS FINAIS DE SEMANA, NO FINAL DA MADRUGADA. AFIRMA QUE OS ASSALTANTES (NÃO IDENTIFICADOS) QUE ATUAM NESTE LOCAL USAM ARMAS DE GRANDE PORTE PARA INTIMIDAR OS TRANSEUNTES E TAMBÉM OS MOTORISTAS QUE TEM SEUS AUTOS E PERTENCES ROUBADOS MEDIANTE AGRESSÃO FÍSICA E PSICOLÓGICA. NARRA QUE É COMUM AS PESSOAS LIGAREM PARA A POLICIA ATRAVÉS DO TELEFONE 190 E UMA VIATURA CHEGAR HORAS DEPOIS DO ASSALTO, ISTO QUANDO CHEGAM. COMENTA QUE O BATALHÃO DA ÁREA JÁ ESTÁ CIENTE DO FATO, MAS NÃO FAZEM INCURSÕES COM FREQUÊNCIA NO LOCAL, POR MEDO DOS TRAFICANTES DO MORRO DO X, DE ONDE PARTEM PARA OS ASSALTOS. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

Além de traçarem em conjunto um vivo painel da insegurança nas áreas mais violentas da cidade, os relatos, ou boa parte deles, contêm informações minuciosas sobre os crimes e seus autores que, se analisadas de forma sistemática, permitiriam aprofundar o conhecimento das dinâmicas e dos contextos relacionados aos roubos de veículos, com base no qual se poderiam formular estratégias viáveis para atacar o problema. A título de ilustração, o quadro

²⁸ Foram suprimidos das citações textuais todos os elementos que pudessem identificar as denúncias: nomes de pessoas, bairros, logradouros, empresas, órgãos etc., além das características e placas dos veículos. As observações entre parênteses são dos atendentes do Disque-Denúncia; aquelas entre colchetes, assim como as letras no lugar dos nomes, foram inseridas por nós.

4, abaixo, lista os principais tipos de informações identificados na amostra dos bairros com mais denúncias.

Quadro 4
Tipos de informações encontrados nos campos narrativos da amostra de denúncias sobre roubos de veículos referentes aos 30 “piores” bairros
 Município do Rio de Janeiro – 2002/2005

<ol style="list-style-type: none"> 1. Locais de moradia de criminosos/suspeitos 2. Descrição de características de criminosos/suspeitos 3. Locais de encontro de criminosos/suspeitos: bares, bailes funk, praças, favelas, prédios abandonados, estabelecimentos de fachada 4. Identificação de quadrilhas: nomes, apelidos, relações familiares 5. Pessoas circulando em veículos supostamente roubados/furtados 6. Localização de depósitos ou estacionamentos de veículos supostamente roubados/furtados 7. Localização de veículos e carcaças abandonados²⁹ 8. Utilização dos veículos supostamente roubados em serviços de mototaxi, prática de outros crimes (assaltos, “bondes”, arrastões), transporte de drogas e armas 9. Planejamento de “bondes”, “arrastões”, “falsas blitzes” e assassinato de policiais 10. Relatos sobre roubos específicos (quando o/a narrador/a é a própria vítima ou testemunha ocular) 11. Dados do veículo, inclusive chassi e número do registro de ocorrência na delegacia (quando o/a denunciante é a vítima ou testemunha conhecida) 12. Localização de pontos onde com frequência ocorrem roubos 13. Datas e horários de ocorrência dos roubos e fatos relacionados 14. Informações sobre <i>modus operandi</i> dos assaltantes 15. Facilitadores do crime: falta de iluminação; falta de policiamento; presença de terrenos ou prédios abandonados e empresas desativadas; sinais de trânsito demorados; engarrafamentos 16. Outras atividades relacionadas aos roubos: venda de armas e de drogas 17. Outros tipos de roubos praticados no mesmo local: de carga, a transeunte, em coletivo, ao comércio, a residências 18. Descrição das rotas de escape dos assaltantes 19. Locais de receptação, desmanche²⁹ e/ou revenda de carros ou peças 20. Atividades de fachada: oficinas mecânicas, ferros-velhos, lojas, fábricas 21. Participação de policiais nos roubos e na receptação, no tráfico de armas ou em esquemas de corrupção 22. Participação de vigilantes privados 23. Outras cumplicidades: políticos, funcionários da Prefeitura e do Detran (estes últimos atuando na regularização de carros roubados/furtados)

²⁹ Veículos abandonados e desmanche de veículos também são categorias classificatórias utilizadas pelo DD, logo as denúncias que contêm esses tipos de informações são diretamente recuperáveis da base de dados (ver gráfico 21, acima).

A leitura das 364 denúncias sobre roubos de veículos permite também levantar algumas hipóteses mais gerais e indicar algumas pistas para o desdobramento desta pesquisa-piloto:

1. Há nos relatos menções recorrentes a favelas, morros e conjuntos residenciais de baixa renda, não como espaços onde ocorrem os roubos, mas como locais de moradia e de reunião de assaltantes, rotas de escape e depósito de carros roubados/furtados. A hipótese a ser testada, já exposta mais acima, é de que a vizinhança entre grandes vias expressas e diversas comunidades sob domínio de grupos armados, em regiões pobres com baixa presença do poder público e alto grau de “invisibilidade” social, explica a concentração dos roubos de veículos nas zonas norte e oeste do município.³⁰

Exemplos:

INFORMA QUE NA RUA CITADA, LOCALIZADA PRÓXIMO AO POSTO DE GASOLINA X, RUA DE ACESSO A FAVELA Y, A ESQUERDA, CIRCULAM CERCA DE VINTE E CINCO TRAFICANTES ARMADOS PELA RUA, DENTRE ELES MENORES, QUE TOMAM CONTA DE VÁRIOS AUTOMÓVEIS ROUBADOS, ENTRE ELES OS AUTOS A, B, C E D, TODOS COM AS PLACAS RETIRADAS. FINALIZA INFORMANDO QUE AO PERCEBEREM A APROXIMAÇÃO POLICIAL SOBEM NAS LAJES DAS RESIDÊNCIAS CIRCUNVIZINHAS E SE ESCONDEM. FINALIZA INFORMANDO QUE A MELHOR HORA DE PEGÁ-LOS É ÀS 09h. SEM MAIS, PEDE INVESTIGAÇÕES.

RELATA QUE A RUA CITADA, DA ACESSO AO LARGO X, LOCAL ONDE SE REÚNEM TODOS OS DIAS A PARTIR DAS 15h, VÁRIOS TRAFICANTES (NÃO IDENTIFICADOS), DO MORRO Y ONDE PERMANECEM NO LOCAL ARMADOS COM PISTOLAS E SUBMETRALHADORAS. INFORMA QUE A POLÍCIA MILITAR E CIVIL TEM REALIZADO OPERAÇÕES NO LOCAL, MAS OS TRAFICANTES FOGEM PELA RUA W. INFORMA AINDA QUE ELES TAMBÉM COSTUMAM SE REUNIR NO FINAL DA RUA Z, ONDE HÁ UM PONTO DE VENDA DE DROGAS E DE ONDE SAEM BONDES FORMADOS COM AUTOS ROUBADOS, NA PARTE DA NOITE POR VOLTA DAS 20h. SEM MAIS INFORMAÇÕES PEDE PROVIDÊNCIAS.

INFORMOU QUE NA RUA CITADA, EM FRENTE AO N.º #, HOJE, POR VOLTA DAS 20h, DOIS INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS) ARMADOS (NÃO DESCRITAS) ABORDARAM O MOTORISTA DO VEÍCULO Y, PLACA #, O QUAL ESTAVA CHEGANDO EM SUA RESIDÊNCIA. CONTOU QUE OS INDIVÍDUOS LEVARAM O VEÍCULO, SEGUINDO PELA ESTRADA W, EM DIREÇÃO AO MORRO DO Z. SEM MAIS, PEDIU PROVIDÊNCIAS.

INFORMA QUE NA RUA MENCIONADA, ASSIM COMO NA RUA X, DENTRO DO MORRO Y, FICAM CONCENTRADOS DIVERSOS CARROS QUE FORAM ROUBADOS POR TRAFICANTES DA LOCALIDADE. AFIRMA QUE, PODEM SER VISTOS NO LOCAL OS AUTOS: [descrição dos automóveis]. OS CARROS SE ENCONTRAM NO LOCAL HÁ CERCA DE UMA SEMANA E VEM SENDO UTILIZADOS PELOS TRAFICANTES QUE REALIZAM BONDES PELAS RUAS NO PERÍODO DA NOITE E NOS FINAIS DE SEMANA DURANTE TODO O DIA. O LÍDER DO TRÁFICO NO LOCAL É IDENTIFICADO COMO “W” (NÃO DESCRITO), QUE ATUA COM UM GRUPO DE INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS), HAVENDO ENTRE ELES VÁRIOS MENORES, TODOS ARMADOS. SEM MAIS, PEDE QUE PROVIDÊNCIAS SEJAM TOMADAS.

2. Fábricas e empresas desativadas (situação frequente nas zonas norte e oeste, em função da decadência econômica), casas abandonadas e terrenos baldios também são descritos em

³⁰ Segundo essa hipótese, a simples presença de favelas não seria um fator explicativo, visto que em áreas ditas “nobres” que abrigam “aglomerados subnormais”, como é o caso, entre outros, dos bairros de Copacabana, Leme, Vidigal, Rocinha, São Conrado, Gávea e Cosme Velho, o número de roubos de veículos é relativamente pequeno. As cenas descritas na amostra de denúncias dos 30 “piores” bairros – grupos de 10, 15 ou mais de 20 homens fortemente armados circulando pelas vias públicas e praticando seguidos roubos; dezenas de carros estocados, abandonados ou desmontados a céu aberto no “asfalto” – têm muito menos chances de ocorrer na zona sul da cidade, mesmo nos bairros onde parte expressiva da população reside em favelas.

diversas denúncias como “quartéis-generais” de quadrilhas, moradias de assaltantes e depósitos de carros, motos e outros objetos roubados.

Exemplos:

RELATA QUE NA RUA CITADA, PRÓXIMO AO X, MAIS PRECISAMENTE DENTRO DA FABRICA DESATIVADA Y, RESIDEM VÁRIOS INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS) QUE ESTÃO REALIZANDO ASSALTOS A VEÍCULOS E RESIDÊNCIAS. TERMINA INFORMANDO QUE HÁ VÁRIOS VEÍCULOS (PLACAS IGNORADAS) ABANDONADOS NA RUA FRUTO DE ROUBOS. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

LIGOU PEDINDO PROVIDENCIAS DE SUA DENUNCIA CADASTRADA SOB O CÓDIGO # CONFORME RELATO ABAIXO: INFORMA QUE NO ENDEREÇO CITADO, LOCALIZA-SE UMA EMPRESA DESATIVADA DENOMINADA X, ONDE NA LAJE PODEM SER VISTOS VÁRIOS INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS) OS QUAIS FICAM ASSALTANDO MOTORISTAS DE AUTOS E MOTOS, UTILIZANDO ARMAS PESADAS (NÃO SOUBE DIZER O CALIBRE). AFIRMA QUE O FATO OCORRE DIARIAMENTE NA PARTE DA TARDE COM MAIOR FREQUÊNCIA NOS FINAIS DE SEMANA E AO PERCEBEREM A PRESENÇA DA POLICIA, ELES ESCONDEM AS ARMAS NOS MATOS QUE EXISTEM NA FRENTE DA EMPRESA ACIMA CITADA. OBS.: NÃO SOUBE FORNECER MAIORES DETALHES. SOLICITA PROVIDENCIAS.

INFORMOU QUE NO LOGRADOURO CITADO, QUE FICA SITUADO DENTRO DO CONJUNTO X, PRECISAMENTE NUMA RESIDÊNCIA ABANDONADA (NÚMERO NÃO INFORMADO) LOCALIZADA EM FRENTE A UM VALÃO, PODEM SER VISTOS DIARIAMENTE, NORMALMENTE A PARTIR DE 19h, CERCA DE QUINZE TRAFICANTES (NÃO IDENTIFICADOS) QUE ALÉM DE COMERCIALIZAREM ENTORPECENTES NO LOCAL, TAMBÉM ESTÃO PROMOVENDO MUITOS ROUBOS DE VEÍCULOS NA REGIÃO (NÃO FORNECEU DETALHES). SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

3. A frequência com que são fornecidos nomes, apelidos e endereços tanto de traficantes, quanto de líderes e comparsas de quadrilhas de roubos de veículos e familiares seus, assim como o fornecimento de detalhes (marca, tipo e ano) de carros supostamente roubados em poder de supostos criminosos, sugere que muitos denunciantes são moradores das próprias favelas e conjuntos residenciais de baixa renda indicados nos relatos, ou então de áreas suficientemente próximas para testemunharem ou estarem informados do que se passa nessas comunidades.

Exemplos:

INFORMA QUE NA FAVELA MENCIONADA, RESIDE "A", DA FACÇÃO "B", QUE SERIA O CHEFE DA QUADRILHA QUE ROUBA CARROS E CAIXAS ELETRÔNICOS. AFIRMA QUE ESTE COMANDOU O ASSALTO DO DA AGÊNCIA DO [banco] X, NO [bairro] Y (...). RELATA QUE "C" DE VULGO "D", QUE ESTA PRESA, E OS INDIVÍDUOS DE VULGO "F" E "G", TAMBÉM FAZIAM PARTE DESTA QUADRILHA. CONTA QUE "C" FOI AMEAÇADA DE MORTE SE ENTREGAR "A". RELATA QUE O ACUSADO É CASADO COM "H" E TEM DOIS FILHOS (NÃO IDENTIFICADOS) QUE RESIDEM NA FAVELA Z QUE É DOMINADA PELA FACÇÃO J. COMENTA QUE "A" PODE SER LOCALIZADO NOS FINS DE SEMANA, NA PARTE DA TARDE (NÃO SOUBE INFORMAR A HORA EXATA) [nos locais] L e M, AMBOS NO BAIRRO W. FINALIZA DIZENDO QUE OS ASSALTOS ESTÃO SENDO REALIZADOS PARA QUE SEJA PAGA A LIBERDADE DO ASSALTANTE "P" QUE ESTÁ PRESO, E APÓS SEREM REALIZADOS, OS INTEGRANTES DA QUADRILHA QUE CONTAM AINDA COM A PARTICIPAÇÃO DE UM COMPARSA CHAMADO "R", FOGEM PARA A REGIÃO K (ENDEREÇO IGNORADO). PEDE QUE SEJA VERIFICADO COM URGÊNCIA.

INFORMA QUE NA RUA MENCIONADA, PERTO DA LOJA X, DENTRO [do conjunto residencial] Y, NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES, PODEM SER ENCONTRADOS OS COMPARSAS (NÃO IDENTIFICADOS) DO "A" (NÃO CARACTERIZADO) QUE ESTÁ PRESO NA [delegacia] Z (...) POR TER ROUBADO CARGAS. DISSE QUE O CITADO FAZ LIGAÇÕES DE CELULARES DE DENTRO DA [delegacia] PARA SEUS COMPARSAS DANDO ORDENS PARA ELES EFETUAREM OS ROUBOS, OS DESMONTES E AS MORTES. AFIRMA QUE SEUS COMPARSAS FAZEM PARTE DE UM GRUPO DE EXTERMÍNIO NA LOCALIDADE. DISSE AINDA QUE O GRUPO ROUBA AUTOS E LEVA PARA A ASSOCIAÇÃO PARA FAZER O DESMONTE. RELATA QUE DENTRO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES PODEM SER ENCONTRADAS VÁRIAS ARMAS. FINALIZA DIZENDO QUE OS COMPARSAS PODEM SER ENCONTRADOS, TODOS OS DIAS, A PARTIR DAS 23:30h, NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

INFORMA QUE NO ENDEREÇO MENCIONADO, QUE FICA PRÓXIMO À [favela] X, RESIDE O INDIVÍDUO IDENTIFICADO COMO "W" DE VULGO "Z". RELATA QUE "Z" É LÍDER DE UMA QUADRILHA ESPECIALIZADA EM TRÁFICO DE DROGAS E ROUBO DE CARROS. INFORMA QUE "Z" POSSUI 02 (DOIS) COMPARSAS, IDENTIFICADOS COMO "A" E "B DE VULGO C". FINALIZA DIZENDO QUE OS 03 (TRÊS) INDIVÍDUOS PODEM SER ENCONTRADOS, NOS FINAIS DE SEMANA, A PARTIR DAS 22:00h, NO CRUZAMENTO DA RUA CITADA COM A "RUA Y", ONDE ACONTECE A VENDA DAS DROGAS. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

RELATOU QUE NO ENDEREÇO MENCIONADO [favela], PODERÁ SER ENCONTRADO, HOJE, POR VOLTA DE 13h, O INDIVÍDUO IDENTIFICADO COMO "X" VULGO "Y", QUE SEGUNDO INFORMAÇÕES, ESTÁ SENDO PROCURADO POR POLICIAIS MILITARES DO #º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR, SENDO ELE RESPONSÁVEL PELO GRANDE NÚMERO DE ROUBOS E FURTOS DE AUTOS NA LOCALIDADE. AFIRMOU QUE ELE IRÁ ALMOÇAR COM A SUA MÃE E PARA CHEGAR AO LOCAL, USARÁ SUA MOTO (NÃO SOUBE INFORMAR DETALHES) PLACA #. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

INFORMA QUE NA FAVELA CITADA, NA RUA CONHECIDA COMO X, NA CASA #, CASA DE COR Y COM UMA [árvore] NA FRENTE, COM ACESSO TAMBÉM PELA W, PRÓXIMO A UMA MATA, PODEM SER ENCONTRADOS, NESTE EXATO MOMENTO, DORMINDO, VÁRIOS TRAFICANTES (NÃO IDENTIFICADOS). RELATA QUE ELAS ENCONTRAM-SE ARMADOS, QUE ONTEM APÓS REALIZAREM ROUBOS DE AUTOS, SE ESCONDERAM NO LOCAL ONDE RESIDEM SUAS NAMORADAS IDENTIFICADAS COMO "A" E "B" (NÃO CARACTERIZADAS). SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

RELATA QUE NO ENDEREÇO CITADO, QUE POSSUI ACESSO PELA RUA X, PODE SER ENCONTRADO O PRESIDÁRIO IDENTIFICADO COMO "Y", VULGO "W" (NÃO CARACTERIZADO), QUE ESTÁ NA CONDICIONAL, MAS NÃO ESTÁ VOLTANDO PARA DORMIR NO PRESIDIO (NOME IGNORADO). INFORMA QUE "W" É MORADOR DA [favela] Z, MAS ESTÁ ESCONDIDO NESTA CASA QUE PERTENCE À MULHER IDENTIFICADA COMO "A", QUE É MÃE DE SUA FILHA (NÃO IDENTIFICADA). INFORMA AINDA QUE "W" É INTEGRANTE DE UMA QUADRILHA DE ROUBO E FURTO DE VEÍCULOS, QUE AGE NA REGIÃO Q. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

4. As armas de fogo parecem ser onipresentes nos roubos de veículos dos “piores” bairros. Muitas denúncias se referem explicitamente a elas e nenhuma menciona roubos praticados com outro tipo de instrumento.

Exemplos:

INFORMA QUE NA VIA CITADA, NA ALTURA DO NÚMERO #, ESTÃO OCORRENDO FREQUENTES ASSALTOS A MOTORISTAS, QUE COSTUMAM OCORRER ENTRE 5:30h E 6:30h, ONDE INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS) INTERCEPTAM OS AUTOS, PORTANDO ARMAS DE GROSSO CALIBRE, OS ASSALTAM LEVANDO CARTEIRAS, JÓIAS E SEUS AUTOS. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

INFORMA QUE NO INÍCIO DA RUA CITADA, NA SUBIDA DO MORRO X, EM FRENTE AO [estabelecimento] Y, VEM OCORRENDO ROUBO DE VEÍCULOS, PRATICADOS POR INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS) DA LOCALIDADE MENCIONADA QUE ATUAM EM “BONDE”, USANDO MOTOS E AUTOS (NÃO SOUBE PLACAS E MODELOS) E ANDAM FORTEMENTE ARMADOS, INCLUSIVE DE FUZIS. O FATO OCORRE HA CERCA DE 02 (DUAS) SEMANAS, APÓS 22h. SEM MAIS INFORMAÇÕES.

INFORMA QUE NA ESTRADA CITADA, SÁBADOS E DOMINGOS, ENTRE AS 04:00h E AS 05:00h, MOTORISTAS (NÃO DESCRITOS), TRANSITAM INSEGUROS PELO LOCAL, POIS ALGUNS JÁ FORAM SURPREENDIDOS POR TRAFICANTES DA [favela] X, QUE SE POSICIONAM NO MEIO DA VIA, ENGAZUPADOS [encapuzados?] E ARMADOS COM FUZIS, RENDEM MOTORISTAS DE AUTOS, DOS QUAIS LEVAM O AUTO, OU APENAS O RÁDIO DO VEÍCULO E O DINHEIRO DOS OCUPANTES. INFORMA QUE A POLÍCIA JÁ RECEBEU RECLAMAÇÕES SOBRE OS FATOS ACIMA RELATADOS, ASSIM SENDO PEDE PROVIDÊNCIAS.

5. Como se pode constatar também pelas estatísticas policiais, que apontam uma média de 2,2 autores por ocorrência (ver nota 22, acima), o típico roubo de carro, segundo os relatos ao Disque-Denúncia, envolve mais de um agressor: no mínimo 2, podendo chegar a 10 ou mais quando se trata de “bondes”, “arrastões” ou “falsas blitzes”.

Exemplos:

INFORMA QUE NO FINAL DA RUA CITADA, PRÓXIMO DA RUA X, DIARIAMENTE, ENTRE 06h E 09h, CERCA DE CINCO INDIVÍDUOS (UM DELES CARACTERIZADO) SÃO VISTOS ABORDANDO

MOTORISTAS QUE SÃO AMEAÇADOS COM UM REVÓLVER E O VEÍCULO APÓS ROUBADO É CONDUZIDO POR UM DELES EM DIREÇÃO AO MORRO DO Y, ENQUANTO A VÍTIMA PERMANECE NO LOCAL. SEM MAIS INFORMAÇÕES, SOLICITA POLÍCIAMENTO.

RELATA QUE NA ESTRADA MENCIONADA, NA ALTURA DO Nº #, TEVE SEU AUTO X, PLACA #, ROUBADO POR VOLTA DAS 20:50h DE ONTEM, POR DOIS INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS), QUE ESTAVAM SENDO ACOBERTADOS POR OUTROS DOIS INDIVÍDUOS. PEDE PROVIDÊNCIAS.

RELATA QUE NA RUA MENCIONADA, PRÓXIMO AO LARGO DO X, ESTÃO OCORRENDO ROUBOS DE CARROS, COM FREQUÊNCIA. AFIRMA QUE NÃO HA POLÍCIAMENTO NA LOCALIDADE E O ROUBO É PRATICADO SEMPRE PELOS MESMOS INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS), SENDO 04 (QUATRO) PESSOAS TODOS HOMENS, FORTEMENTE ARMADOS COM PISTOLAS, QUE SE UTILIZAM DO VEÍCULO Y, PLACA #. AFIRMA QUE O FATO OCORRE HA 02 (DOIS) MESES, E MORADORES ESTÃO REVOLTADOS COM A SITUAÇÃO. SEM MAIS, SOLICITA PROVIDÊNCIAS.

RELATA QUE NA AVENIDA CITADA, PRÓXIMO AO X FORAM VISTOS, ONTEM, POR VOLTA DAS 21:30h, CERCA DE DOZE TRAFICANTES (NÃO IDENTIFICADOS) DA [FAVELA Y], ARMADOS COM FUZIS, FAZENDO FALSA BLITZ E ROUBANDO VÁRIOS CARROS. (...) MENCIONA QUE ELES SE REÚNEM [NO ESTABELECIMENTO W] QUE É PRÓXIMO AO LOCAL E SEGUNDO INFORMAÇÕES OS CARROS (NÃO SOUBE FORNECER DETALHES) QUE FORAM ROUBADOS ONTEM ESTÃO NO INTERIOR DA [FAVELA Y]. SEM MAIS, SOLICITA PROVIDÊNCIAS.

6. Embora sempre prevaleça a coação pura e simples, por meio das armas de fogo, os autores de roubos de veículos podem utilizar métodos variados de abordagem, conforme as condições de cada local.

Exemplos:

RELATA QUE NA RUA MENCIONADA, ESQUINA COM A RUA X, PRÓXIMO DA FAVELA DO Y, PERTO DA RUA W, VEM OCORRENDO QUASE QUE DIARIAMENTE NOS HORÁRIOS ENTRE 20h E 22h, VÁRIOS ASSALTOS À VEÍCULOS. INFORMA QUE OS ASSALTANTES (NÃO IDENTIFICADOS) FICAM FORTEMENTE ARMADOS (...). NARRA QUE OS ASSALTANTES FICAM ESCONDIDOS E QUANDO AVISTAM ALGUM VEÍCULO QUE OS INTERESSA, ABORDAM O VEÍCULO E RETIRAM O MOTORISTA E SEUS ACOMPANHANTES E ACABAM LEVANDO O AUTO (NÃO SOUBE INFORMAR PARA ONDE O VEÍCULO É LEVADO). O OUTRO MEIO QUE OS ASSALTANTES USAM, É: OS MESMOS VEM DE MOTO, INTERCEPTAM O VEÍCULO, RENDEM O MOTORISTA E LEVAM O VEÍCULO. AGRESCENTA QUE OS MORADORES (NÃO IDENTIFICADOS) DOS CONDOMÍNIOS TAMBÉM SÃO ALVO DESSES ASSALTOS, POIS AO PARAREM PARA ABRIR O PORTÃO DO CONDOMÍNIO, SÃO SURPREENDIDOS PELOS ASSALTANTES. FINALIZA DIZENDO QUE A ILUMINAÇÃO NA LOCALIDADE É MUITO RUIM, O QUE FACILITA A AÇÃO DOS ASSALTANTES.

RELATA QUE NA RUA MENCIONADA, DIARIAMENTE, DAS 18h AS 19h, O INDIVÍDUO IDENTIFICADO COMO "X" DE VULGO "Y" COSTUMA ROUBAR VEÍCULOS E ASSALTAR MOTORISTAS. PARA ABORDAR OS VEÍCULOS, "X" SE PASSA POR VENDEDOR DE BALAS E AMENDOIM, BATE NO VIDRO DO CARRO QUE PRETENDE ROUBAR, RENDE O MOTORISTA E LEVA TUDO QUE QUISER INCLUSIVE O VEÍCULO.

RELATA QUE NA CITADA AVENIDA, NA ENTRADA [de outra avenida], TODOS OS DIAS, A PARTIR DAS 19h, DIVERSOS BANDIDOS ESCONDEM-SE PRÓXIMO AS OBRAS (...) PARA ROUBAR VEÍCULOS. INFORMA AINDA QUE APÓS O ASSALTO ABANDONAM OS MOTORISTAS NA ENTRADA DAS FAVELAS X E Y. FINALIZA AFIRMANDO QUE OS MESMOS ANDAM FORTEMENTE ARMADOS COM PISTOLAS E FUZIS E ALGUMAS VEZES ENCONTRAM-SE ENCAPUZADOS. SEM MAIS A INFORMAR SOLICITA PROVIDÊNCIAS

7. Frequentemente, os roubos de veículos aparecem combinados a outros tipos de roubos ou de crimes, praticados pelos mesmos grupos na mesma área ou em locais próximos: roubos a transeuntes, a residências, a estabelecimentos comerciais e em transporte coletivo; tráfico de drogas, furtos e homicídios.

Exemplos:

RELATA QUE NA RUA MENCIONADA, ESQUINA COM A RUA X, ESTÃO OCORRENDO VÁRIOS ASSALTOS A PEDESTRES E AUTOS. CITA QUE OS CRIMES ESTÃO SENDO PRATICADOS ESPORADICAMENTE SEMPRE NO INÍCIO DA NOITE, PRECISAMENTE A PARTIR DAS 19h, POR CERCA DE 03 (TRÊS) INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS) (...). NARRA QUE ELES UTILIZAM ARMAS E CHEGAM A FICAR DIAS SEM ROUBAR NINGUÉM, FAZENDO COM QUE AS PESSOAS ACHAM QUE

O LOCAL ESTÁ TRANQUÍLO. FINALIZA INFORMANDO QUE ESTÃO OCORRENDO BOATOS QUE ALGUNS MORADORES (NÃO IDENTIFICADOS) ESTÃO QUERENDO FAZER JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS, POR ISSO PEDE POLICIAMENTO PARA O LOCAL, COM O INTUITO DE COIBIR O ILÍCITO E EVITAR UMA TRAGÉDIA.

INFORMA QUE A RUA MENCIONADA, DIARIAMENTE EM DIFERENTES HORÁRIOS, ESTÁ SENDO PALCO DE CONSTANTES ROUBOS AOS COMERCIANTES, TRANSEUNTES, MOTORISTAS DE CARROS PARTICULARES E PRESTADORES DE SERVIÇO, MOTORISTAS DE CAMINHÕES ETC, PROMOVIDOS POR 04 (QUATRO) INDIVÍDUOS, 03 (TRÊS) DELES IDENTIFICADOS COMO "X", DE VULGO "Y", "W" E "Z". RELATA QUE OS MELIANTES SÃO CONHECIDOS POR TODOS NO LOCAL, DEVIDO A TAMANHA OUSADIA, POR REALIZAREM DIVERSOS TIPOS DE ASSALTOS DIARIAMENTE NUMA MESMA LOCALIDADE. COMUNICA QUE HOJE, POR VOLTA DAS 14:30h FOI ROUBADO, PELOS INDIVÍDUOS CITADOS, UM CARREGAMENTO DE CERVEJA (...), QUE SERÁ CONSUMIDA NUMA FESTA QUE IRÁ ACONTECER HOJE, A PARTIR DAS 21h, NA ALTURA DO N.º # DA REFERIDA RUA, ONDE OS RESPONSÁVEIS PELOS CRIMES PODERÃO SER ENCONTRADOS SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

INFORMA QUE NO ENDEREÇO CITADO, NUMA CASA DE 02 (DOIS) ANDARES, COM ACESSO PELA RUA X, RESIDE O INDIVÍDUO IDENTIFICADO POR "Y", VULGO "Z", O QUAL ANDA ARMADO COM UMA PISTOLA E COMERCIALIZA DROGAS NA RESIDÊNCIA DELE DIARIAMENTE, EM HORÁRIOS ALTERNADOS. ACRESCENTA, QUE ELE É O LÍDER DE UMA QUADRILHA ESPECIALIZADA EM ROUBO E FURTO DE VEÍCULOS; AFIRMANDO QUE NESTE EXATO MOMENTO, ENCONTRA-SE EM PODER DELE UM VEÍCULO ROUBADO, QUE ESTÁ ESTACIONADO EM FRENTE A CASA DELE, NO ENTANTO, NÃO SOUBE FORNECER DADOS DO MESMO. INFORMOU AINDA QUE MOTORISTAS (NÃO IDENTIFICADOS), QUE TRABALHAM COM MOTOS DE LOTAÇÃO, RECEBEM DINHEIRO DELE E EM TROCA PASSAM INFORMAÇÕES DO MOVIMENTO DE POLICIAIS NO LOCAL. INFORMOU TAMBÉM QUE UM DOS PARCEIROS DELE IDENTIFICADO POR "w" FREQUENTA A CASA DELE DIARIAMENTE. SEM MAIS INFORMAÇÕES, PEDE POR PROVIDÊNCIAS.

COMUNICOU QUE, EMBAIXO DE UM VIADUTO SITUADO EM FRENTE AO X LOCALIZA-SE UM PONTO DE MOTO-TÁXI QUE DIARIAMENTE VEM SERVINDO DE PONTO DE ENCONTRO DE UMA QUADRILHA ESPECIALIZADA EM ROUBOS DE MOTOS, A TRANSEUNTES E DE TELEFONES CELULARES. RELATOU QUE OS INDIVÍDUOS CONHECIDOS POR: "A", "B", "C", "D", E O FILHO (NÃO SOUBE INFORMAR SEU NOME) DO DONO DA LOJA DE PEÇAS PARA MOTOS "Y" (SITUADA NA X MESMO), QUE É DONO DE UMA [moto] (DESCONHECE A PLACA) INTEGRAM ESSA QUADRILHA, QUE REÚNE-SE NO LOCAL A PARTIR DAS 16:00h. MENCIONOU AINDA QUE, O "C" E O "D" TAMBÉM FAZEM MOVIMENTAÇÕES DE DROGAS NO LOCAL. ESSAS DROGAS SÃO ORIUNDAS DAS BOCAS DE FUMO [das favelas] W E Z. RELATOU QUE ESSES INDIVÍDUOS REÚNEM-SE NO LOCAL PARA DESPISTAR QUALQUER INVESTIGAÇÃO POLICIAL, POIS ALEGAM AOS POLICIAIS QUE TRABALHAM NO MOTO-TÁXI; ENTRETANTO, ISSO VEM ATRAPALHANDO O BOM ANDAMENTO DOS MOTOQUEIROS DESSE LOCAL, OS QUAIS ESTÃO PERDENDO A FREGUESIA POR CAUSA DESSSES INDIVÍDUOS. FINALIZOU PEDINDO QUE AVERIGUAÇÕES SEJAM FEITAS. OBS.: SEM MAIS DADOS.

8. É comum também a referência a esquemas de receptação e desmanche situados nas proximidades dos locais onde os veículos são roubados e para onde são conduzidos, às vezes imediatamente após o crime: oficinas, ferros-velhos, lojas de peças e os já mencionados “quartéis-generais” em favelas ou em prédios e terrenos abandonados.

Exemplos:

RELATA QUE NESTE ENDEREÇO, RESIDE O INDIVÍDUO IDENTIFICADO COMO "X", O QUAL JUNTAMENTE COM OUTROS HOMENS (NÃO IDENTIFICADOS), ROUBAM VEÍCULOS NAS REDONDEZAS DOS BAIRROS Y E Z E, TAMBÉM, NO "CONJUNTO HABITACIONAL W". INFORMA QUE NO MOMENTO DOS ASSALTOS ELES PORTAM ARMAS DE FOGO E LEVAM OS AUTOS PARA A RUA CITADA, ONDE SÃO DESMONTADOS. INFORMA QUE PODEM SER ENCONTRADAS PEÇAS DESTES AUTOS NA RESIDÊNCIA DO "X". ACRESCENTA QUE NESTE MÊS, ELE E SEUS COMPANHEIROS JÁ ROUBARAM 12 (DOZE) VEÍCULOS. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

INFORMA QUE NO ENDEREÇO MENCIONADO, PRÓXIMO A FÁBRICA X, AO LADO DO Y, RESIDE "W" E PODE SER CONSTATADO FUNCIONANDO NO LOCAL UMA OFICINA DE DESMANCHE DE AUTOS ROUBADOS. INFORMA, QUE ONTEM FOI DESMONTADO UM AUTO Z, TENDO SUA CARÇAÇA JOGADA NA LINHA FÉRREA, PRÓXIMA AO ENDEREÇO CITADO. ACRESCENTA, OUVIR MUITO BARULHO DE SERRA ELÉTRICA E DE FERRAMENTAS (...). SEM MAIS, SOLICITA O COMPARECIMENTO DE POLICIAIS AO LOCAL.

RELATA QUE A AVENIDA MENCIONADA, ENTRANDO AO LADO DA FÁBRICA X, NA PRIMEIRA PONTE A ESQUERDA, CHEGA-SE A FAVELA Y, ONDE PODEM SER ENCONTRADOS OS ASSALTANTES DE AUTOS PM "W", PERTENCENTE AO #º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR, "K" E "Z", QUE APÓS ROUBAREM OS VEÍCULOS, LEVAM PARA O LOCAL ONDE SÃO DESMONTADOS E TEM SUAS PEÇAS VENDIDAS PARA DONOS DE FERROS VELHOS DA ESTRADA Q, QUE VÃO AO LOCAL COMPRAR O PRODUTO. SEM MAIS, SOLICITA PROVIDÊNCIAS.

INFORMA QUE NO FINAL DA RUA CITADA, EM UMA PRAÇA (NÃO DENOMINADA), ACESSO PELAS RUAS X E Y, PODEM SER ENCONTRADOS DIARIAMENTE, APÓS ÀS 18h, CERCA DE QUATRO INDIVÍDUOS, DOIS DELES IDENTIFICADOS POR "W" E "Z", QUE ROUBAM VEÍCULOS NO BAIRRO E DESMONTAM NO LOCAL. SEM MAIS INFORMAÇÕES, PEDE PROVIDÊNCIAS.

9. Segundo as denúncias, a “indústria” de roubos de veículos, pelo menos em algumas áreas, conta com a participação de policiais militares e civis nos próprios crimes ou em esquemas de corrupção. Da mesma forma, certos circuitos de revenda dos veículos contam com esquemas de falsificação de documentos ou de “regularização” dos carros roubados por funcionários do Detran-RJ.

Exemplos:

INFORMA QUE NA RUA MENCIONADA, PERTO DE UMA PRAÇA E DO CONJUNTO (UMA INVASÃO) CONHECIDO COMO X, PODE SER ENCONTRADO O POLICIAL MILITAR, IDENTIFICADO POR Y, O QUAL É RESPONSÁVEL POR UM GRUPO DE EXTERMINIO QUE ATUA NA LOCALIDADE. ELE É LOTADO NO #º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR (...) E POSSUI UM AUTO (...) PLACA NÃO ANOTADA. ACRESCENTA QUE O ACUSADO POSSUI MUITAS ARMAS, COMO METRALHADORAS E FUZIS, AS QUAIS PODEM SER ENCONTRADAS DENTRO DO REFERIDO AUTO E, TAMBÉM, APOIA UMA QUADRILHA DE ROUBO E DESMANCHE DE VEÍCULOS, LIDERADA PELOS IRMÃOS (...) IDENTIFICADOS POR "A", "B" E "C" (NÃO DESCRITOS). O MILITAR E SEU GRUPO VEM TIRANDO A VIDA DE MUITAS PESSOAS NA LOCALIDADE MENCIONADA E NO BAIRRO Y.(...) SEM MAIS, PEDE INVESTIGAÇÃO E PROVIDÊNCIAS, POIS HÁ ANOS A COMUNIDADE FAZ DENÚNCIAS CONTRA ESSE [POLICIAL], MAS COMO TEM A PROTEÇÃO DOS POLICIAIS DO #º BATALHÃO, NADA É FEITO.

RELATA QUE NESTE ENDEREÇO, ATRÁS DO COLÉGIO X, RESIDE O POLICIAL MILITAR, IDENTIFICADO COMO "Y", LOTADO NO #º BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR, O QUAL HÁ DOIS ANOS JUNTAMENTE COM SUA ESPOSA (NÃO IDENTIFICADA) E OUTROS INDIVÍDUOS, SENDO UM IDENTIFICADO COMO VULGO "W" ROUBAM AUTOS E OS VENDEM. INFORMA QUE É UMA QUADRILHA COM MUITOS COMPONENTES, TENDO INCLUSIVE A PARTICIPAÇÃO DE POLICIAIS (NÃO IDENTIFICADOS) CIVIS (...). CONTA QUE A ESPOSA DO "Y" TRABALHA NO DETRAN (...) E ELA REGULARIZA A SITUAÇÃO DOS VEÍCULOS ROUBADOS PELA QUADRILHA, PARA QUE POSSAM SER VENDIDOS SEM MAIORES PROBLEMAS.

INFORMA QUE ENDEREÇO CITADO, RESIDE O INDIVÍDUO "A" QUE FREQUENTA UMA BARRACA (BARZINHO) SITUADA NA ESQUINA COM A RUA X, ONDE REALIZA VENDAS DE SACOLÉS DE (MACONHA E COCAINA), DIARIAMENTE, A PARTIR DAS 18:00h. NARRA QUE ELE POSSUI UMA MOTO DE COR Z (SEM PLACA), PROVAVELMENTE COMPROU COM O DINHEIRO RECEBIDO NO TRAFICO. ELE TEM UM IRMÃO QUE É POLICIAL MILITAR, IDENTIFICADO POR "Y" NÃO SOUBE DIZER ONDE É LOTADO, O QUAL POSSUI DOIS CARROS SUSPEITOS DE SEREM PRODUTOS DE ROUBOS, SENDO UM [tipo, cor e placa] E UM [tipo, cor e placa] (NÃO SOUBE FORNECER AS ALFAS), E SEGUNDO RELATO FURTA GASOLINA DO QUARTEL ONDE SERVE, A QUAL É COLOCADA EM GALÕES DE 20 (VINTE) LITROS, E LEVADA PARA SUA RESIDENCIA, E AOS POUCOS VAI ABASTECENDO SEUS CARROS E A MOTO DO IRMÃO. SEM MAIS, PEDE PROVIDENCIAS.

RELATA QUE NO ENDEREÇO MENCIONADO, ACESSO PELA AVENIDA X, ALTURA DO SUPERMERCADO Y, RESIDE O PM "W" (NÃO SOUBE INFORMAR A CARACTERIZAÇÃO E A LOTAÇÃO), QUE SEGUNDO INFORMAÇÕES, PERTENCE A UMA QUADRILHA DE ROUBO DE MOTOS DA PRÓPRIA LOCALIDADE. CITA QUE ELE ROUBA E DEPOIS VENDE ESSAS MOTOS PELO PREÇO APROXIMADO DE R\$ #, MAS PODE AUMENTAR OU DIMINUIR DE ACORDO COM O MODELO E O ANO DA MOTO. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

5.2. “Melhores” bairros

Os 147 relatos referentes aos 30 bairros com menos denúncias entre 2002 e 2005 apresentam diversos elementos em comum com aqueles examinados acima: também apontam locais onde ocorrem roubos de veículos; nomes e endereços de residência ou reunião de criminosos e suspeitos; descrição de grupos de assaltantes; menção a estabelecimentos de fachada onde ocorre receptação, desmanche e/ou revenda de veículos e peças roubados;

esquemas de corrupção envolvendo policiais e outros funcionários públicos; participação de seguranças particulares nos roubos; descrição do *modus operandi* de assaltantes; referência a outros crimes associados aos roubos de veículos (roubos a transeuntes, tráfico de drogas, furtos e homicídios); menção a pessoas circulando em carros e motos supostamente roubados/furtados; localização de depósitos de veículos de origem suspeita, geralmente em favelas ou terrenos abandonados.

Entretanto, também se podem notar algumas peculiaridades nesse segundo conjunto de relatos, resumidas a seguir:³¹

1. Há denúncias repetidas, não se sabe se de distintas pessoas comunicando o mesmo fato ou da mesma pessoa reportando-o várias vezes. Num dos bairros da Zona Sul, por exemplo, metade dos relatos tinha o mesmo conteúdo (identificação de dois supostos traficantes de drogas e ladrões de automóveis). Em outro bairro, 1/3 das denúncias alertava sobre um “arrastão” de veículos que estaria sendo planejado por traficantes da favela local. Num terceiro bairro, três comunicações reportavam o mesmo roubo de veículo, em que a vítima fora ferida à bala, e dois relatos apontavam um mesmo grupo responsável por vários tipos de roubos nas redondezas.
2. É recorrente a menção ao serviço de mototaxi nos acessos a favelas como “fachada” para transporte de drogas e prática de crimes, e também como destino de motos roubadas/furtadas.

Exemplos:

INFORMA QUE NA RUA CITADA, DIARIAMENTE, EM QUALQUER HORÁRIO, PODEM SER VISTOS VÁRIOS INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS), OS QUAIS COBRAM UM REAL DE TRANSEUNTES PARA LEVÁ-LOS ATÉ O TOPO DA LADEIRA, COMO UM SERVIÇO DE MOTO-TÁXI; PORÉM USAM ESTA PROFISSÃO COMO ALIBI PARA TRANSPORTAR DROGAS, SEM CHAMAR A ATENÇÃO DE POLICIAIS. CITA QUE A MAIORIA DAS MOTOS SÃO ROUBADAS E FINANCIADAS PELO CHEFE DO TRÁFICO DO LOCAL (NÃO IDENTIFICADO). CITA QUE O PONTO ONDE FICAM É NA PARTE MAIS BAIXA DA LADEIRA, ONDE PODEM SER VISTOS CONSUMINDO ENTORPECENTES. SEM MAIS DADOS, SOLICITA PROVIDÊNCIAS E INVESTIGAÇÕES.

RELATA QUE NO MORRO CITADO, MAIS PRECISAMENTE NA LOCALIDADE CONHECIDA COMO X, (...) POLICIAIS (NÃO IDENTIFICADOS) RECEBEM R\$ # DE TRAFICANTES DE ENTORPECENTES DA LOCALIDADE PARA NÃO INTERFERIREM NO TRÁFICO E TAMBÉM RECEBEM R\$ # DE CADA MOTOTAXISTA QUE FAZ PONTO NA SUBIDA DO [morro], EXATAMENTE NA [rua Y], PARA NÃO PARAREM ESTES MOTO TAXISTAS QUE ANDAM SEM CAPACETES E EM MOTOS ROUBADAS. SEM MAIORES DETALHES, PEDE INVESTIGAÇÕES.

RELATA QUE NA REFERIDA RUA, ALTURA DO Nº #, LOCALIZA-SE UM PONTO DE MOTO-TÁXI, PODENDO SER OBSERVADO DIARIAMENTE, NÃO SABENDO INFORMAR UM HORÁRIO COM EXATIDÃO, OS INDIVÍDUOS IDENTIFICADOS COMO "A", "B", "C", "D", "E" E "F" (NÃO DESCRITOS), SENDO ELES DONOS DO PONTO DE MOTO-TÁXI, POSSUINDO OUTRO NA RUA X ALTURA DO Nº #, ONDE TODAS AS MOTOS ESTÃO COM DOCUMENTOS IRREGULARES E OS INDIVÍDUOS (NÃO IDENTIFICADOS) NÃO POSSUEM HABILITAÇÃO. NARRA QUE OS INDIVÍDUOS EM QUESTÃO [praticam diversos crimes], (...) SENDO "C" TAMBÉM TRAFICANTE DE DROGAS E AUTOR DE VÁRIOS ASSASSINATOS. FINALIZA INFORMANDO QUE O SD PM "W", LOTADO NO Nº BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR, RECEBE O VALOR DE R\$ # DOS INDIVÍDUOS SUPRAMENCIONADOS PARA QUE TODAS AS IRREGULARIDADES POSSAM CONTINUAR ACONTECENDO. SEM MAIS A INFORMAR, PEDE PROVIDÊNCIAS.

³¹ Como neste conjunto de relatos a frequência por bairro é muito pequena, limitamos os exemplos textuais aos temas incidentes em diversos bairros, de diferentes regiões, para diminuir a possibilidade de identificação das denúncias.

(...) RELATA (...) QUE OS PONTOS DE MOTO TÁXI EXISTENTES NA LOCALIDADE CIRCULAM COM MOTOS ROUBADAS, TRABALHAM DE OLHEIROS E TRANSPORTAM ENTORPECENTES PARA O TRÁFICO. SEM MAIS, PEDE PROVIDÊNCIAS.

3. São recorrentes, também, os alertas sobre planejamento de “operações” por traficantes de favelas – não só os já referidos “bondes” para roubar veículos, como outros tipos de roubos, invasão de favelas dominadas por facções inimigas e assassinato de policiais. Trata-se claramente de moradores das próprias comunidades ou do entorno próximo que ligam para o Disque-Denúncia na esperança de que tais “operações” possam ser abortadas a tempo.
4. Além de haver muito menos menções a armas pesadas do que na amostra dos 30 “piores” bairros, algumas descrições de roubos de veículos mencionam instrumentos do crime diferentes de armas de fogo: armas brancas (presumivelmente facas), pedaços de pau ou ameaças de violência, como num dos exemplos citados no item 5, a seguir.
5. Embora os roubos de veículos nos “melhores” bairros também se valham, basicamente, da coação pelas armas, alguns relatos revelam esquemas algo complexos de abordagem – uma “sofisticação” talvez mais necessária em regiões onde não é concebível que bandos ostensivamente armados circulem no “asfalto” e fechem ruas para assaltar os passantes, como ocorre mais facilmente nas zonas norte e oeste da cidade. Uma das narrativas, referente a um local com presença de prostituição de rua, menciona, por exemplo, a participação de mulheres como “iscas” para os motoristas a serem assaltados; outra reporta o uso de um caminhão-reboque para roubar automóveis avariados, sob ameaça de ataque de traficantes do morro local caso os proprietários não autorizassem a “remoção” dos veículos. Outras ainda mencionam a tática de ocultação dos assaltantes atrás de pilastras ou muros próximos de cruzamentos de ruas e súbito ataque aos motoristas quando fecha o sinal.
6. Nesse conjunto de denúncias, a maioria dos relatos de desmanche de veículos se refere a oficinas mecânicas situadas fora da Zona Sul. São poucas as referências, nos bairros dessa região, a empresas desativadas, terrenos baldios ou prédios abandonados funcionando como esconderijo de assaltantes e/ou de objetos roubados/furtados. Entretanto, há menção aí também a algumas favelas e a seus acessos como rotas de escape e locais de estocagem dos veículos roubados ou furtados no “asfalto”.

5.3. Desdobramentos

Na rotina do Disque-Denúncia, as informações constantes dos relatos são difundidas diretamente para os órgãos de segurança pública – com urgência maior ou menor, conforme o caso – para que sejam tomadas providências imediatas. E também são utilizadas na elaboração de dossiês temáticos, direcionados igualmente aos órgãos de segurança, que identificam locais de ocorrência, quadrilhas e formas específicas de atuação relativas aos tipos de crimes considerados. Esse trabalho, já feito atualmente, de sistematizar informações extraídas das denúncias de modo a orientar estratégias mais elaboradas de redução da violência, daria um enorme salto de qualidade se passasse a combinar o georreferenciamento dos dados espaciais (por exemplo, localidades onde ocorrem os roubos de veículos, rotas de fuga dos assaltantes, pontos de desmonte etc.) e a análise do funcionamento das redes de apoio aos assaltos, bem como dos contextos sociais em que elas operam nas diferentes áreas da cidade.

Esperamos ter demonstrado, neste estudo-piloto, a importância, também, de se associar as informações provenientes das denúncias anônimas aos dados oriundos dos registros policiais. No caso dos roubos de veículos, a comparação revelou uma notável convergência geográfica entre as duas fontes, o que, aliado ao fato de se tratar de um tipo de delito com altas taxas de notificação à polícia, permite traçar “mapas do crime” complementares e bastante realistas, base para um conhecimento mais abrangente dos padrões espaciais de incidência e de operação desse tipo de delito.³² Em outras modalidades de crimes, mesmo que com maiores limitações, a complementariedade entre as duas fontes também mereceria ser testada e explorada em futuras pesquisas.

Apesar das importantes melhorias recentemente introduzidas nos sistemas de registro e de recuperação de dados do Disque-Denúncia, subsistem algumas dificuldades para o uso analítico das informações dessa base, que foram apontadas ao longo do presente relatório. Na próxima e última seção, apresentam-se sugestões para superar essas dificuldades, envolvendo pequenas alterações no formulário de recepção das denúncias e o uso de um *software* auxiliar para tornar mais ágil a recuperação de dados dos campos narrativos, hoje limitada à pesquisa textual simples (busca por palavras). Embora não estivessem nos propósitos originais do trabalho, são apresentadas também algumas recomendações, inspiradas na “boa prática” do Disque-Denúncia, para melhorar as informações geográficas da base do ISP.

³² Os campos narrativos dos registros de ocorrência, onde, pelo menos teoricamente, os delitos comunicados são descritos em detalhes, constituem outra fonte importante para se conhecer a dinâmica criminal na cidade, mas são de acesso ainda mais difícil que os microdados numéricos, pois dependem de mandado judicial ou de requisição pelo poder legislativo.

6. Algumas recomendações para maior aproveitamento das bases de dados

6.1. Disque-Denúncia

Como já se apontou anteriormente, são três as limitações básicas detectadas no banco de dados de denúncias:

- a. Ausência de informação automaticamente recuperável sobre datas e horários de ocorrência dos fatos relatados (tal informação está presente apenas, e de forma não padronizada, no campo textual da denúncia);
- b. Impossibilidade de diferenciar os “envolvidos” cujos perfis constam do formulário da denúncia;
- c. Dificuldade de recuperar informações específicas dos campos textuais; por exemplo, rotas de fuga, quantidade de autores do roubo, crimes conexos, participação de policiais etc.

Para superar ou minimizar os dois primeiros problemas, a sugestão é de se introduzirem modificações no próprio formulário da denúncia, que não interfeririam muito no diálogo entre atendente e denunciante, mas poderiam resultar num considerável acréscimo de informações:

- a. Criar nova tela “Horário da ocorrência” para registro do mês, dia e hora em que aconteceram os fatos relatados na denúncia, ou então inserir novos campos com essa finalidade na tela “Dados” (ver figura 9, abaixo). Como nem todos os denunciantes informam a hora precisa, o ideal é ter também as opções “manhã, tarde, noite e madrugada”, que permitam classificar de forma mais genérica todos os relatos que informarem horários, sejam exatos ou não. Mas também seria interessante que os atendentes estimulassem o fornecimento mais preciso possível de informações temporais, como é feito no caso do registro de crime em delegacia.
- b. Introduzir na seção “Envolvidos” (figuras 10 e 11) um campo de classificação dos personagens mencionados na denúncia, contendo diversas opções, a serem melhor estudadas, mas, em princípio, incluindo as seguintes:

- | | |
|--|---------------------------|
| • Autor(a) (agressor/a, praticante do crime) | • Policial |
| • Suspeito(a) | • Policial-autor |
| • Denunciante | • Policial-vítima |
| | • Outros agentes públicos |

- Vítima-denunciante
- Testemunha
- Testemunha-denunciante
- Outros envolvidos
- Etc.

Figura 9
Disque-Denúncia: Tela “Dados” do formulário de recepção da denúncia

Fonte: Disque-Denúncia RJ

Figura 10
Disque-Denúncia: Tela “Envolvidos” do formulário de recepção da denúncia

Fonte: Disque-Denúncia RJ

Figura 11
Disque-Denúncia: Especificação de características pessoais dos envolvidos

Fonte: Disque-Denúncia RJ

Uma sugestão adicional sobre perfil dos envolvidos é que, em vez de “pele” se adotem as classificações do IBGE para raça/cor: branca, preta, parda, amarela, indígena e outras. O uso da alternativa “morena” nada acrescenta à informação relevante para a polícia e impossibilita a comparação desses dados com os de outras fontes, inclusive com os dos próprios registros policiais (que incluem “albino” e “vermelho”, mas de resto seguem o sistema classificatório do IBGE).

Quanto à terceira dificuldade – recuperação de informações nos campos abertos – a melhor opção parece ser a de adotar-se um *software* auxiliar de banco de dados qualitativo, para onde sejam periodicamente “transplantadas” as denúncias a fim de receber um tratamento que possibilite a rápida recuperação dos dados mais importantes das narrativas. Nesse tipo de programa, o tratamento básico consiste em introduzir no relato marcadores (*nodes*) predefinidos, que classificam cada bloco de texto pertinente (seja palavra, expressão, frase, parágrafo etc.) e funcionam como “âncoras” para a busca, a listagem e até a quantificação das informações assinaladas. Também permitem a criação posterior de blocos temáticos mais amplos, os *hipernodes*, para agrupar *nodes* inter-relacionados. Tomando como exemplo os roubos de veículos, eis alguns exemplos de marcadores relevantes que poderiam ser inseridos com esse tipo de *software*:

- Receptação
- Desmanche
- Revenda veículo
- Revenda veículo/moto
- Número de autores do crime (independentemente de caracterização dos mesmos na seção “Envolvidos”)

- Revenda peças
- Estabelecimento de fachada
- Roubo individual
- Roubos freqüentes
- Rota de fuga
- Método de assalto
- Arma de fogo
- Arma branca
- Quadrilha
- Crime associado/tráfico de drogas
- Crime associado/venda de armas
- Crime associado/outros roubos
- Crime associado/outros crimes
- Corrupção/polícia
- Corrupção/outros órgãos públicos
- Etc.

Uma última recomendação relativa à base do Disque-Denúncia é de que se mantenham sempre rigorosos os controles de qualidade do preenchimento dos formulários. Apesar de o sistema de alimentação de dados ser altamente eficiente, pudemos notar alguma perda de rigor e de padronização nos últimos anos da série examinada, com conseqüente aumento dos erros e das omissões. Por exemplo:

- Na variável “Local da ocorrência”, aparecem nomes de bairros oficiais no campo de sub-bairros; complementos de logradouros no campo de ruas e assim por diante;
- No campo “Nome do Logradouro”, após o nome da rua, aparecem por vezes não só o número como informações de referência (“lado par”, “lado ímpar” etc.), que deveriam constar do campo “Local de referência” previsto para esses dados adicionais (ver figura 12, abaixo).

6.2. Base ISP/Polícia Civil

Entre os vários tipos de problemas dessa base de dados, decorrentes do mau preenchimento dos boletins de ocorrência nas delegacias, dois foram destacados ao longo do presente relatório:

- a. Falta de padronização na digitação das informações geográficas; lacunas e incongruências nos dados sobre bairros e logradouros;
- b. Taxas elevadíssimas de *missing* em informações tanto sobre perfis dos autores de crimes, que são mais difíceis de obter, quanto das vítimas, que quase sempre comparecem à delegacia pessoalmente para fazer o registro, não havendo motivo nesse caso (salvo uma cultura de desprezo pela informação) para que uma parcela tão grande de ocorrências apresente tantos campos em branco.

A sugestão para minimizar o primeiro problema é incluir no *software* de registro das Delegacias Legais um sistema de endereçamento semelhante ao do Disque-Denúncia, contendo:

- Campo fechado para tipos de logradouros (rua, avenida, praça, estrada, travessa etc.), o que elimina a digitação e padroniza as notações ou abreviaturas empregadas (ver figura 12.1, campo “Tipo”);
- Campos separados para nome do logradouro, número, complemento e local de referência (figura 12.1);
- Mecanismos de busca simples e avançada de logradouros, bairros e municípios, baseados no cadastro de CEPs dos Correios, o que permite definir precisamente o local da ocorrência e eliminar a digitação da maior parte das informações (ver figuras 12.2 e 12.3);
- Campo (aberto) “sub-bairro” (ver figura 12.1), para possibilitar uma especificação maior da localidade sem confusão com os nomes dos bairros oficiais;
- Endereçamento manual residual (só logradouros ausentes da base dos Correios) e preenchimento manual apenas de número, complemento, sub-bairro e local de referência (ver figura 12.4).

Figura 12
Disque-Denúncia: Telas de especificação e de busca do local da ocorrência

12.1 – Tela principal

Fonte: Disque-Denúncia RJ

12.2 – Busca direta

Pesquisar Logradouro

Pesquisa Direta: EDGARD

Pesquisa Avançada: []

UF: RJ | Município: RIO DE JANEIRO

Resultados da Pesquisa Direta: **EDGARD** | JACAREPAGUA | RIO DE JANEIRO

Tipo	Logradouro	Bairro	Município
PC	DOUTOR RAUL BOAVENTURA	CPO GRANDE	RIO DE JANEIRO
PC	DOUTOR RAUL BOAVENTURA	SEPETIBA	RIO DE JANEIRO
R	DOUTOR RAUL LEITE	OLARIA	RIO DE JANEIRO
R	DOUTOR RENATO ROCCO	TIJUCA	RIO DE JANEIRO
R	DOUTOR RENATO VASCONCELOS (ATUAL)	COSMOS	RIO DE JANEIRO
PC	DOUTOR ROBERTO	CATUMBI	RIO DE JANEIRO
PC	DOUTOR ROBERTO	ESTACIO	RIO DE JANEIRO
R	DOUTOR ROBERTO FREIRE	S CAMARA	RIO DE JANEIRO
R	DOUTOR ROBERTO GONCALVES LIMA	R COMPRIDO	RIO DE JANEIRO
R	DOUTOR RODRIGUES DE SANTANA	BENFICA	RIO DE JANEIRO
R	DOUTOR RUFINO DE ALENCAR	PDA LUCAS	RIO DE JANEIRO

Fonte: Disque-Denúncia RJ

12.3 – Busca avançada

Pesquisar Logradouro

Pesquisa Direta: []

Pesquisa Avançada: GARD ROM

UF: RJ | Município: RIO DE JANEIRO

Resultados da Pesquisa Avançada: **MINISTRO EDGARD ROMERO** | MADUREIRA | RIO DE JANEIRO

Tipo	Logradouro	Bairro	Município
AV	MINISTRO EDGARD ROMERO	MADUREIRA	RIO DE JANEIRO
AV	MINISTRO EDGARD ROMERO	MADUREIRA	RIO DE JANEIRO
AV	MINISTRO EDGARD ROMERO	MADUREIRA	RIO DE JANEIRO
AV	MINISTRO EDGARD ROMERO	V LOBO	RIO DE JANEIRO

Fonte: Disque-Denúncia RJ

12.4 – Resultado

Cadastro Operacional [INCLUINDO]

Relato | Local de Ocorrência | **Envolvidos** | Dados | Difusões | Resultados

UF: RJ | Município: RIO DE JANEIRO

Tipo: AV | Logradouro: MINISTRO EDGARD ROMERO

Bairro: MADUREIRA | Sub-Bairro: [] | Cep: 21350-300

Local de Referência: []

Número: 0.0.0 | Versão: 0 | Recebida em: [] | Usuário: JULIANA

Fonte: Disque-Denúncia RJ

Quanto ao segundo problema, poderiam ser obtidos alguns avanços no desenho de perfis, pelo menos nos de vítimas, com a adoção de campos fechados para certas variáveis (por exemplo, datas de nascimento) e com a introdução de testes de consistência automáticos, por exemplo, entre escolaridade e valores mínimos de idade, ou entre escolaridade e ocupação. Além disso, seria importante padronizar o campo “profissão”, para evitar o uso de categorias demasiado genéricas que pouco ou nada informam de relevante (como a rubrica “empregados” vista mais acima). E para facilitar o agrupamento do grande número de ocupações declaradas pelas vítimas segundo critérios que as tornem comparáveis com outros segmentos da população. A referência deveria ser o Cadastro Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) que o IBGE e o Ministério do Trabalho utilizam nas suas pesquisas de emprego e renda.

Em última análise, porém, uma melhora significativa da base de dados do ISP dependeria do estímulo ao uso das informações na própria atividade de polícia e da fiscalização rigorosa da qualidade do preenchimento dos boletins nas delegacias. O que, por sua vez, pressuporia políticas de segurança pública diferentes das que têm prevalecido nas últimas décadas no Rio de Janeiro. Políticas que enfatizassem menos o “confronto” do que a prevenção e a repressão qualificada do crime; menos o saber “intuitivo” dos policiais do que a análise sistemática de informações; menos a “inteligência” da escuta e da espionagem do que a da estatística, do georreferenciamento e do diagnóstico preciso dos problemas; menos as ações reativas e imediatistas do que o planejamento de médio prazo e a avaliação permanente das medidas adotadas para reduzir a criminalidade e a violência.

* * *

Referências bibliográficas

- BEATO, Cláudio. “Crime e políticas sociais na América Latina”. *Informativo CRISP/UFMG*, ano 0, nº 1, dezembro de 2001.
- BRITTO, Ângela. *Criminalidade e Sociedade: Uma análise sobre a prática da denúncia anônima de crimes no município do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, ENCE, 2005.
- CANO, Ignacio e SANTOS, Nilton. *Violência letal, renda e desigualdade social no Brasil*. Rio de Janeiro, Sete Letras, 2001.
- CARUSO, Haydée. A denúncia anônima como ferramenta de ação policial – Disque Denúncia: uma experiência em curso. *In: Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública*. Rio de Janeiro, Eduff/ ISP-RJ, 2003.
- CESeC – Centro de Estudos de Segurança e Cidadania. *Estatísticas de segurança: Rio de Janeiro*. [http://www.ucamcesec.com.br/est_seg.php], 2007.
- DISQUE-DENÚNCIA-RJ. *Relatório Analítico Mensal do Disque-Denúncia*. Rio de Janeiro, Instituto Mov Rio, março de 2007.
- GAWRYSZEWSKI, Vilma Pinheiro; KAHN, Túlio e JORGE, Maria Helena Prado de Mello. Homicídios no Município de São Paulo: integrando informações para ampliar o conhecimento do problema. *Estudos Criminológicos*, 1. São Paulo, Coordenadoria de Análise e Planejamento/SSP-SP, julho de 2004 [disponível em <http://www.ssp.sp.gov.br/estatisticas>]
- ILANUD – Instituto Latino-Americano para Prevenção da Violência e Tratamento do Delinqüente. *Pesquisa de Vitimização 2002 e Avaliação do Plano de Prevenção da Violência Urbana – PIAPS*. São Paulo, Ilanud, FIA/USP e Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, 2002. [disponível no site brasileiro do Ilanud: www.ilanud.org.br].
- ISP-RJ – Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. *Boletim Mensal de Monitoramento e Análise*. Dados Oficiais do Rio de Janeiro, ano 4, nº 39, fevereiro de 2007. [disponível em http://urutau.proderj.rj.gov.br/isp/admin/paginas/upboletim/2006_12_Bol.pdf]
- KAHN, Tulio. Taxa de homicídio por setor censitário no município de São Paulo. *Estudos Criminológicos*, 4. São Paulo, Coordenadoria de Análise e Planejamento/SSP-SP, fevereiro de 2005 [disponível em <http://www.ssp.sp.gov.br/estatisticas>]
- LEMGRUBER, Julita; MUSUMECI, Leonarda e CANO, Ignacio. *Quem vigia os vigias? Um estudo sobre controle externo da polícia no Brasil*. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- MORAES, Aparecida Fonseca; SOARES, Barbara Musumeci e CONCEIÇÃO, Greice Maria S. da. Crimes sexuais no Estado do Rio de Janeiro – 2001 a 2003. *Boletim Segurança e Cidadania*, ano 4, n. 9, junho de 2005.
- MORAES, Luciane Patrício Braga de. “Disque-Denúncia: a arma do cidadão”. *Um estudo sobre os processos de construção da verdade a partir das experiências da Central*

Disque-Denúncia do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2006.

- MORAIS, David. *Roubos na cidade do Rio de Janeiro. Uma análise locacional*. Relatório final de pesquisa. Rio de Janeiro e Brasília, Núcleo de Estudos sobre Segurança e Política Criminal (NESPC)/Ucam e Secretaria Nacional de Segurança Pública, abril de 2006.
- MUSUMECCI, Leonarda. Violência, criminalidade e segurança. In: *Relatório de Desenvolvimento Humano do Município do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA e Prefeitura Municipal, 2000 [disponível em http://www.ucamcesec.com.br/pb_txt_dwn.php#rdhrio]
- MUSUMECCI, Leonarda. Homicídios no Rio de Janeiro: tragédia em busca de políticas. *Boletim Segurança e Cidadania*, ano 1, n. 2, julho de 2002.
- MUSUMECCI, Leonarda. Segurança pública no Rio de Janeiro. *Revista do Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro*, ano XXIII, n. 34, pp. 32-36, dezembro de 2006.
- MUSUMECCI, Leonarda; SILVA, Gabriel Fonseca da e CONCEIÇÃO, Greice Maria S. da. Geografia da violência na Região Metropolitana do Rio de Janeiro – 2000 a 2005. *Boletim Segurança e Cidadania*, ano 5, n. 11, outubro de 2006.
- NUPEVI – Núcleo de Pesquisa das Violências. *Pesquisa domiciliar de vitimização na cidade do Rio de Janeiro, 2005-2006 – Relatório executivo*. Rio de Janeiro, Nupevi/UERJ e Crisp/UFGM, outubro de 2006. [disponível em <http://www.ims.uerj.br/nupevi>]
- OLSÉN, Örjan *et al.* Desemprego, rendimentos e crime: um estudo no Município de São Paulo. *Estudos Criminológicos*, 2. São Paulo, Coordenadoria de Análise e Planejamento/SSP-SP, agosto de 2004. [disponível em <http://www.ssp.sp.gov.br/estatisticas>]
- RAMOS, Silvia. *Direito à segurança: um balanço das respostas brasileiras e uma agenda para o Brasil*. Rio de Janeiro, INESC, 2007.
- RAMOS, Silvia & PAIVA, Anabela. Mídia e violência: como os jornais retratam a violência e a segurança pública no Brasil. *Boletim Segurança e Cidadania*, ano 4, n. 10, dezembro de 2005.
- RUEDIGER, Marco Aurélio. Disque-Denúncia crime stoppers as a social management tool for inducing state effectiveness. In: *Law and Society Association Annual Meeting*, Las Vegas, EUA, junho de 2005.
- SDS-MG – Secretaria de Defesa Social do Estado de Minas Gerais. *Criminalidade violenta em Belo Horizonte – ano 2006*. Belo Horizonte, 2007.
- SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da. *Criminalidade urbana violenta: uma análise espaço-temporal dos homicídios em Belo Horizonte*. Monografia de graduação em Sociologia. Belo Horizonte, UFGM, s/d [disponível em <http://www.crisp.ufmg.br/braulio.pdf>]

ANEXOS

Anexo 1 – Grandes áreas, Áreas Integradas de Segurança Pública (Aisps), delegacias distritais e bairros abrangidos (Município do Rio de Janeiro - Recortes espaciais vigentes em 2005)

GRANDES ÁREAS	AISPs	DELEGACIAS DISTRITAIS	CIRCUNSCRIÇÕES (BARRIOS/MUNICÍPIOS)
Centro	05 e 13	1ª DP (PRAÇA MAUA), 4ª DP (PRAÇA DA REPÚBLICA) e 5ª DP (MOM DE SA)	Centro, Saúde, Gândoa, Santo Cristo
ZONA SUL	01 (PARTE)	7ª DP (SANTA TERESA)	SANTA TERESA
	02	6ª DP (CATETE)	FLAMENGO, GLÓRIA, LARANJEIRAS, COSME VELHO, CATETE
		10ª DP (BOTAFOGO)	BOTAFOGO, HUMAÑETÉ, URCA
	10	12ª DP (LEME) e 13ª DP (CORACADANA)	LEME, CORACADANA
	23	14ª DP (LEBLON)	INHUMA, LEBLON
15ª DP (GÁVIA)		LAGA, JARDIM BOTÂNICO, GÁVIA, VIDIGAL, SÃO CONRADO, ROCINHA	
BARRA/JACARENGUÁ	18	32ª DP (TAQUARA)	JACARENGUÁ, ARIEL, GARDÊNIA AZUL, TAQUARA, CIDADE DE DEUS, QUEICKA
		41ª DP (TANQUE)	FREGUESIA (JACARENGUÁ), PECHINHA, TANQUE, VILA VALQUEIR
	31	16ª DP (BARRA DA TIJUCA)	JÓIA, IMBIBICÁ, BARRA DA TIJUCA, CAROLIM, VARGEM PRADIA, VARGEM GRANDE, RECREIO DOS BANDEIANTES, GRUMARI
ZONA NORTE 1	01 (PARTE)	6ª DP (CIDADE NOVA)	CATUMBI, RIO COMPRIDO, CIDADE NOVA, ESTÁCIO
	03	23ª DP (MÉDIA)	MÉDIA, CACHAMBI
		24ª DP (PIRACI)	ABOUEIRO, PIARES, PIEMAR, ENCANTADO
		25ª DP (ENGENHO NOVO)	JACAREMINHO, JACARÉ, RICHUELO, ROLCHA, SAMPÃO, SÃO FRANCISCO XAVIER, ENGENHO NO
		26ª DP (ENCANUDO)	ENGENHO DE DENTRO, TODOS OS SANTOS, ÁGUA SANTA, LINS DE VASCONCELOS
		44ª DP (INHUMA)	MARIA DA GRAÇA, DIL CASTILHO, ENGENHO DA RAÍNA, TOMÁS COELHO, INHUMA
	04	17ª DP (SÃO CRISTÓVÃO)	SÃO CRISTÓVÃO, MANGUEIRA, CAJU, VASCO DA GAMA
	06	18ª DP (PRAÇA DE BANDEIRA) e 19ª DP (TIJUCA)	PRAÇA DA BANDEIRA, MARACANÁ, TIJUCA, ALTO DA BOA VISTA
		20ª DP (GRANÁ)	VILA ISABEL, ANHARÁ, GRAND
22	21ª DP (BONSUCESSO)	RAMOS, BENFICA, MARÉ, BONSUCESSO, HIGIENÓPOLIS, MANGUEINHOS	
ZONA NORTE 2	09	27ª DP (VICENTE DE CARVALHO) e 40ª DP (HOMÊNIO GURGEL)	VILA COSMOS, VICENTE DE CARVALHO, VILA DA FEIHA, VISTA ALEGRE, ITAJÁ, COLÉGIO, RO MURANDA, HOMÊNIO GURGEL, COELHO NETO
		28ª DP (CAMPIÑO)	CAMPINO, QUINTINO BOCAIUA, PRAÇA SECA, CASCAURA
		29ª DP (MADUREIRA)	OSVALDO CRUZ, ENGENHEIRO LEAL, MADUREIRA, VAZ LORO, TURIAÇU
		30ª DP (MARECHAL HERNES)	OSVALDO CRUZ, BENTO ROBEIRO, MARECHAL HERNES
		30ª DP (PÁVUA)	ÁGUILA, BARRIOS FILHO, COSTA BARROS, PÁVUA, PARQUE COLUMÉIA
	16	22ª DP (FEIHA) e 38ª DP (ITAJÁ)	COMPLEXO DO ALDEIAO, OLARIA, FEIHA, PÉRIA OCULAR, BRÁS DE PINA, CORBOVA, PARADA DE LUCAS, VIGÁRIO GEBAL, JARDIM AMÉRICA
ILHAS	47	37ª DP (ILHA DO GOVERNADOR)	PARQUE J, RISBERA, ZUMBI, CAIUA, PITANGUEIRAS, PRAIA DA BANDEIRA, COCOTÁ, BANCAI FREGUESIA (ILHA), JARDIM GUARABARA, JARDIM CARIOCA, TAUA, MUNDO, PORTUGUESA, GLEDAO, CIDADE UNIVERSITÁRIA
ZONA OESTE	14	31ª DP (RICARDO ALBUQUERQUE)	GUADALUPI, ANCHIER, PARQUE ANCHIER, RICARDO DE ALBUQUERQUE
		33ª DP (REALINHO)	DEODORO, VILA MILITAR, CAMPO DOS AFOFOSOS, JARDIM SUIAGAS, MAGALHÃES BASTOS, REALINHO
		34ª DP (BANQU)	PARQUE MIGUEL, GERICIÓ, BANQU, SODADOR CAMARÁ
	27	36ª DP (SANTA CELE)	PACIÊNCIA, SANTA CELE, SEPETIBA
	30	35ª DP (CAMPO GRANDE)	SANTISSIMO, CAMPO GRANDE, SODADOR VASCONCELOS, INHOAIA, COSMOS
43ª DP (GUARATIBA)		GUARATIBA, BARRA DE GUARATIBA, PEDRA DE GUARATIBA	

Fonte: Instituto de Segurança Pública/SSP-RJ
Elaboração: MUSUMECI, SILVA e CONCEIÇÃO (2006)

Anexo 2 – Recuperação de informações espaciais nas duas bases de dados (2002/2005)

Situação dos registros	ISP		DD	
	N	%	N	%
Com rua e bairro válidos	92.268	95,71	11.624	95,62
Com bairro, sem rua	3.527	3,66	403	3,32
Com rua, sem bairro	476	0,49	5	0,04
Sem bairro e sem rua	133	0,14	92	0,76
Batalhões, delegacias e aeroportos	4	0,00	32	0,26
TOTAL DE REGISTROS	96.408	100,00	12.156	100,00

Procedimento adotado nos casos em que constava mais de um bairro no campo “bairro” (base ISP):

- 1) Se a rua só passasse por um dos bairros mencionados, considerava-se esse bairro e eliminavam-se os demais;
- 2) Se a rua efetivamente passasse pelos dois ou mais bairros citados:
 - Pertencendo os bairros à mesma circunscrição policial, contava-se a ocorrência nas agregações por DPs e por grandes áreas da cidade, mas não nas distribuições por ruas e por bairros;
 - Pertencendo os bairros a distintas circunscrições e à mesma região, contava-se a ocorrência somente na agregação por grandes áreas;
 - Pertencendo os bairros a distintas regiões, a ocorrência era eliminada.